

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CARINA VASCONCELLOS ABREU

EDUCAÇÃO E O TURISTA CIDADÃO:

VIVA O CENTRO A PÉ (PORTO ALEGRE/ RS - 2006-2011)

Porto Alegre, 2011

CARINA VASCONCELLOS ABREU

EDUCAÇÃO E O TURISTA CIDADÃO:

VIVA O CENTRO A PÉ (PORTO ALEGRE/RS - 2006-2011)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Maria Helena Câmara Bastos

Porto Alegre

2011

A162e Abreu, Carina Vasconcellos
Educação e o turista cidadão : viva o centro a pé (Porto Alegre/RS – 2006-2011) / Carina Vasconcellos Abreu. –
Porto Alegre, 2011.

123 f.

Diss. (Mestrado) – Fac. de Educação, PUCRS.
Orientadora: Dra. Maria Helena Câmara Bastos

1. Educação. 2. Turismo. 3. Patrimônio Histórico –
Porto Alegre. I. Bastos, Maria Helena Câmara. II. Título.

CDD 370.19348



**Educação e o Turista
Cidadão:
Viva o Centro a Pé**

CARINA VASCONCELLOS ABREU

EDUCAÇÃO E O TURISTA CIDADÃO:

VIVA O CENTRO A PÉ (PORTO ALEGRE/ RS - 2006-2011)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Isabel C. M. Carvalho – PUCRS

Profa. Dra. Marutschka Martini Moesch – UNB

Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal – PUCRS

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai - UFRGS

Porto Alegre

2011

Dedico esta dissertação aos meus pais, por todo o esforço que fizeram para que eu tivesse a oportunidade de chegar até aqui e por todo o apoio e incentivo para que eu continue sempre buscando meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Helena Câmara Bastos pelo apoio e dedicação que tornaram o processo de orientação uma rica fonte de aprendizado.

À Liane Klein e equipe do Viva o Centro a Pé, pela atenção, disponibilidade e apoio durante toda a realização da pesquisa.

À Letícia Abreu, pela disposição e paciência em sempre revisar meus textos em curtíssimo prazo.

Aos amigos e colegas que de uma forma ou outra me incentivaram e compreenderam minhas ausências.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a ação Viva o Centro a Pé, promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, no período de 2006 a 2011, a partir dos conceitos de turista cidadão e cidade educadora. A ação consiste em caminhadas orientadas por professores universitários, em roteiros no Centro Histórico e outros bairros antigos, oferecidas de forma gratuita à comunidade e turistas, e que já somam aproximadamente 13.000 participações. O estudo traz a interlocução entre os referenciais teóricos de Memória Coletiva e Lugares de Memória, Cidade Educadora, Turista Cidadão e Interpretação do Patrimônio, além de apresentar exemplos de ações similares à ação objeto de estudo. Em seguida traça um breve histórico da cidade de Porto Alegre e sua trajetória em relação a preservação do patrimônio, contexto em que surge a ação, analisando o histórico da ação em si, seus organizadores, roteiros, professores e participantes. Por último, apresenta os dados coletados e analisados quanto ao perfil do participante das caminhadas, sua motivação em realizá-las, e o que expressam em relação ao significado que conferem a ação e como a avaliam. Para esta análise foi utilizada pesquisa presencial e virtual a partir de formulário próprio, totalizando 108 questionários, além do acervo de 125 mensagens espontâneas enviadas a coordenação da ação. Para isso foi utilizada a metodologia de análise textual discursiva proposta por Moraes (2007). O estudo conclui que: a atividade pode fomentar a formação de turistas cidadãos, valorizando os lugares de memória da cidade, a partir de seu processo educativo; para manter o alto nível de satisfação dos participantes registrado até agora será necessário diversificar roteiros e orientadores; e que o aumento da oferta mensal de caminhadas, aliada a melhoria das formas de divulgação, pode ampliar e variar o público participante.

Palavras-chave: Cidade Educadora; Turista Cidadão; Memória Coletiva; Lugares de Memória; Viva o Centro a Pé; Porto Alegre/RS.

ABSTRACT

This research aims to analyse Viva o Centro A Pé (Live Downtown on Foot), an action that has been offered by the Porto Alegre City Hall in the period from 2006 to 2011, starting from the concepts of citizen tourist and educating city. Viva o Centro a Pé actions consist of itineraries on foot guided by professors within the city's Historical Downtown and in other ancient headquarters. These actions are offered for free to community members and tourists, and have already served approximately 13,000 participations. The first chapter relates theoretical references about Collective Memory, and Sites of Memory, Educating City, Citizen Tourist, and Heritage Interpretation, and also presents examples of other actions that are similar to the one studied here. The second chapter summarizes the history of Porto Alegre City and its way towards heritage preservation, which is precisely the context in which the action comes about. It also analyses the history of the action itself, its organizers, itineraries, professors, and participants. The third chapter presents gathering and analysis of data about the profile of participants taking part in the walk, their motivation to do so, and their opinions about what the action means to them and how they evaluate it. In this analysis, both presence and virtual research was performed through a questionnaire specially developed for this purpose, which obtained 108 answers. 125 messages spontaneously sent to the action coordination were also analysed. The discourse analysis presented by Moraes (2007) was used for this purpose. The conclusions of this study are that the activity can support citizen tourist formation, thus raising the value of city's sites of memory from the educating process of the action. Besides, in order to keep participant satisfaction high, just as it has been registered so far, it will be necessary to diversify itineraries and guides. Also, an increased offer of monthly walks, together with better advertising means, can spread and diversify participants.

Key Words: Educating Cities, Turista Cidadão (Citizen Tourist), Collective Memory, Sites of Memory, Viva o Centro a Pé (Live Downtown on Foot), Porto Alegre/RS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da divisão das sesmarias que originaram Porto Alegre	41
Figura 2: Mapa atual da Macrorregião Centro	43
Figura 3: Mapeamento de bens tombados do Centro Histórico	49
Quadro 1: Bens tombados pela Lei 4317/77	45
Quadro 2: Bens tombados pela Lei 5260/82	46
Quadro 3: Tipos de roteiros realizados	58
Quadro 4: Estimativa de participantes por ano	61
Quadro 5: Participação dos professores	64
Quadro 6: Identificação das mensagens analisadas por ano	83
Gráfico nº 1 – Sexo	71
Gráfico nº 2 – Idade	72
Gráfico nº 3 – Local de Moradia	73
Gráfico nº 4 – Profissões	74
Gráfico nº 5 – Forma de conhecimento sobre a ação	75
Gráfico nº 6 – Participação em Roteiros	76
Gráfico nº 7 – Companhia escolhida para a caminhada	77
Gráfico nº 8 - Avaliação dos roteiros/caminhadas	78
Gráfico nº 9 – Avaliação dos Professores	78
Gráfico nº 10 – Avaliação da organização das caminhadas	79

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E TURISMO: INTERFACES NA CONSTRUÇÃO DE “LUGARES DE MEMÓRIA”	18
2.1 Memória Coletiva	19
2.2 Cidade Educadora	23
2.3 Turista Cidadão	27
2.4 Interpretação do Patrimônio	31
2.5 Outras Caminhadas	34
3. REDESCOBRINDO A CIDADE: VIVA O CENTRO A PÉ	37
3.1 A cidade de Porto Alegre	38
3.2 O Viva o Centro a Pé	53
3.2.1 Histórico da Ação	54
3.2.2 Os Organizadores	56
3.2.3 Os Roteiros	57
3.2.4 Os Professores	61
3.2.5 Os participantes	64
4. O TURISTA CIDADÃO: A PÉ REDESCOBRINDO A CIDADE	68
4.1 Perfil do Turista Cidadão	69
4.2 O que expressam os Participantes	80
4.2.1 O motivo pelo qual buscaram participar	80
4.2.2 Mensagens no site	83
4.2.3 Sugestões e comentários dos participantes	94
5. CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	108
ANEXO A – Roteiros realizados de 2007 a outubro de 2011	111
ANEXO B – Roteiros especiais / comemorativos	119
ANEXO C – Formulário virtual da Pesquisa de Perfil do Participante	121

1. INTRODUÇÃO

O turismo, aliado ao desenvolvimento da cidadania, a partir da aprendizagem sobre a cidade, pode desempenhar um papel importante na apropriação de uma cidade por parte de seu morador, na medida em que faz a mediação entre espaço e sujeito. Com base nesta premissa, o presente estudo objetiva analisar a experiência de participantes da ação Viva o Centro a Pé, criada em 2006, que consiste em caminhadas guiadas, orientadas por profissionais com formação referente a edificações e espaços públicos em Porto Alegre.

O interesse específico neste tema parte de minha experiência profissional, primeiro como orientadora turística da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, e, posteriormente, como docente de cursos livres e profissionalizantes sobre atrativos turísticos e patrimônio cultural de Porto Alegre, para profissionais da área de Turismo, Hotelaria e Gastronomia. Os cursos, em sua maioria, incluíam visitas aos espaços considerados turísticos da cidade, sendo muitos destes locais também considerados como lugares de memória.

Nestas experiências, pude perceber importantes resultados da aproximação de moradores com sua cidade, implicando novas representações sobre o local onde vivem. Estas novas significações pareciam surgir justamente da vivência dos alunos em assumirem o olhar de um turista para conhecer ou reconhecer sua cidade. A partir destas observações, interessou-me compreender este processo de reconhecimento e ressignificação dos espaços.

Para isto, voltei-me inicialmente para os referenciais existentes no âmbito do Turismo, minha área de origem, encontrando no conceito de turista-cidadão, proposto por Gastal e Moesch (2007), elementos para a análise. O conceito apresenta justamente a ideia de que o morador, ao se imbuir de um olhar estrangeiro, amplia sua percepção dos espaços a partir do estranhamento daquilo que lhe é familiar, percebendo assim novos significados e conseqüentemente estabelecendo novas relações com o ambiente.

O estudo do conceito de turista-cidadão me permitiu identificar, na ação do Viva o Centro a Pé, a sistematização deste processo, constituindo um objeto rico para análise e compreensão. É uma ação que se propõe justamente a conduzir seus

habitantes pela cidade, a partir de uma mediação, buscando provocar o estabelecimento de novas relações entre os moradores e seu entorno. É também uma ação bem sucedida, na medida em que ocorre sem interrupção desde 2007, com participação expressiva e contínua de seus caminhantes. Escolhido o objeto, foi feita uma primeira observação, em 09 de outubro de 2010, buscando aproximação com a atividade, sua dinâmica de funcionamento e seus participantes, de forma a elaborar o projeto de pesquisa.

Os elementos observados levaram à busca de referencial teórico sobre a Memória, e, particularmente, a Memória Coletiva, utilizando-se das idéias de Halbwachs (2006) sobre a importância dos elementos sociais nos processos de lembrança e esquecimento. Foi necessário também analisar a relação entre a memória e o espaço físico, utilizando-se o conceito de lugar de memória de Pierre Nora (1984), enquanto local significativo para manutenção de determinadas lembranças, de um grupo ou de vários grupos de uma cidade.

O referencial teórico sobre a cidade, enquanto espaço de memória e suas relações com seus habitantes, foi desenvolvido a partir da construção do imaginário sobre as cidades analisada por Gastal (2006). A autora apresenta o histórico do desenvolvimento das cidades como referência tanto na educação formal, quanto como lócus de experiências educativas.

Para melhor compreender a função educadora da cidade, foi pesquisado o conceito de Cidade Educativa apresentado pela UNESCO, na década de 1970, analisado por Silva (1979). O conceito parte do entendimento que é direito de todos a educação permanente, tanto formal quanto informal, partindo do pressuposto que o aprendente deve assumir a posição de sujeito de sua própria educação. Brarda e Rios (2004) contribuem ao apresentar a mudança do conceito de Cidade Educativa para Cidade Educadora, em função de considerar a cidade como agente educador. Trilla (1996) traz o importante conceito das três dimensões sobre a Cidade Educativa: a cidade enquanto lócus de educação, aprender da cidade considerada agente de educação, e o aprender a cidade enquanto conteúdo educativo.

Considerando que o processo educativo pode ser orientado por um profissional professor ou guia ao atuar como intérprete dos espaços de memória ou interesse cultural, buscou-se também referencial teórico quanto ao processo de interpretação. Neste âmbito foram utilizados os autores Murta e Goodey (2002),

pioneiros do tema no Brasil, além de Costa (2009) que oferece uma interessante pesquisa apresentando os princípios que devem subsidiar a atividade de interpretação.

A partir da interlocução entre estes diversos autores instigou-me compreender como estes elementos se apresentavam e inter-relacionavam na ação do Viva o Centro a Pé. Podemos considerar seus participantes como turistas-cidadãos? Que significado conferem a esta atividade? Por outro lado, a iniciativa do município em sistematizar a mediação entre lugares de memória e moradores pode resultar em processos de aprendizagem sobre a cidade, tornando-a uma cidade educadora. Entretanto, a que parcela da comunidade esta ação atende? Quem são os habitantes e visitantes que ela atrai? Ou o Viva o Centro a Pé apenas atende a uma demanda já existente de pessoas motivadas a conhecer sua cidade?

Para esclarecer essas questões, a presente pesquisa objetivou em primeiro lugar apresentar o histórico do projeto, a partir de entrevistas com os organizadores e análise de seus documentos de registro. O segundo objetivo buscou identificar o perfil dos participantes da ação e suas avaliações sobre a atividade, dados de que a coordenação da ação não dispunha. O terceiro objetivo foi identificar e analisar os diferentes significados da experiência das caminhadas, a partir dos depoimentos espontâneos dos participantes, registros esses coletados pela coordenadora da ação desde o seu início e publicados no site da ação¹.

Estabelecidos os objetivos, ficou clara a necessidade de apoio da coordenação da ação. Assim, em março de 2011, contatei a Assessora do Gabinete da Primeira Dama do Município de Porto Alegre Liane Klein, responsável pela ação, buscando parceria para a realização da pesquisa, o que foi rapidamente aceito.

O histórico do projeto foi construído a partir de entrevistas com a coordenadora, registros documentais que ela cedeu, além de pesquisa em periódicos para complementar algumas lacunas. Este resgate contempla a contextualização da criação da ação entre as políticas de revitalização do Centro Histórico de Porto Alegre, além de apresentar o registro de todos os roteiros realizados de março de 2007 até setembro de 2011. Também registra os professores convidados a conduzir as caminhadas, seus currículos e número de

¹ Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?reg=2&p_secao=120>.

participações. Além disso, abrange as estimativas de números de participantes a cada ano de realização.

A pesquisa do perfil dos participantes foi elaborada em conjunto com a coordenação do Viva o Centro a Pé, de forma a contemplar suas necessidades de informações para avaliação e planejamento da ação. A coleta de dados foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2011, via formulário eletrônico ou preenchimento de formulários, obtendo-se 108 declarações.

O formulário eletrônico foi criado utilizando-se ferramenta própria em um site especializado em pesquisa eletrônicas². O site permite que o pesquisador personalize seu questionário desde a apresentação gráfica, controlando as questões os dados obrigatórios e optativos e até mesmo restringindo o formato de resposta esperada em cada questão³. Elaborado o formulário, o site gera um link de acesso que pode ser disponibilizado em site ou blog próprio, ou pode ser encaminhado por e-mail. A presente pesquisa foi divulgada a partir de link nos e-mails rotineiros de promoção das caminhadas. Estas mensagens são enviadas aos participantes que solicitaram receber notificações da programação, totalizando cerca de 1.500 cadastros⁴. A pesquisadora ofertou também a possibilidade de preenchimento de formulários no início e final de roteiros, entretanto, o meio eletrônico foi o mais utilizado, totalizando 96 questionários respondidos. Já o preenchimento de formulários de forma presencial obteve apenas 12 respondentes. Somente foram contabilizados os formulários preenchidos por pessoas que participaram de algum roteiro pelo menos uma vez.

Os dados coletados se dividem em dois blocos: as informações referentes ao perfil e à avaliação das caminhadas. Sobre o perfil foram coletados nome, e-mail, sexo, idade, local de residência e profissão. Foi questionada a forma de divulgação que os levou a conhecer a ação, o número de roteiros realizados e com que companhias os fazem. Neste bloco, foi também inserida uma questão aberta sobre a motivação para realizar a atividade.

O segundo bloco apresenta cinco questões, sendo três de única escolha entre Excelente, Muito Bom, Bom, Regular e Fraco, quanto aos roteiros, aos

² Disponível em: <www.jotform.com>.

³ O Anexo C apresenta o formulário tal qual o respondente o visualizava na tela de seu computador.

⁴ Estimativa do número de cadastros oferecidas em entrevista pela organização do Viva o Centro a Pé.

professores e à organização. A quarta questão é aberta e busca identificar se os participantes sabem qual o órgão responsável pela realização das caminhadas, questão esta sugerida pela coordenação da ação. A última questão é também aberta e busca coletar sugestões e comentários livres sobre a ação.

Desde o início das atividades da ação, a coordenadora compila, de forma assistemática, os e-mails enviados pelos participantes que contenham avaliações, sugestões ou relatos referentes às caminhadas. Estas mensagens são publicadas no site da ação. São mensagens espontâneas, muitas em resposta ao próprio e-mail de divulgação do cronograma, em que os participantes confirmam presença e tecem comentários sobre as atividades anteriores. Constitui um rico material, em um total de 125 mensagens, do período de março de 2007 a outubro de 2011.

Para analisar o conteúdo destas mensagens e também das questões abertas coletadas pelo formulário de perfil do participante, foi utilizada a metodologia de análise textual discursiva. A referida metodologia é uma pesquisa qualitativa que pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. Segundo Moraes:

[...] a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do "corpus", a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. (MORAES, 2007 p. 12).

Este método de análise, segundo Moraes (2007), tem sua pretensão num sentido hermenêutico, de construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas ao fenômeno que investiga. Seu olhar interpretativo tende a se produzir desde o interior do fenômeno, assumindo o desafio de produzir sentidos mais distantes, complexos e aprofundados.

O método apresenta-se apropriado à pesquisa em questão justamente por permitir trabalhar com a elaboração de novas categorias de análise a partir do que é observado nos discursos, já que são informações naturais, sem qualquer estímulo de pergunta ou formato específico. Além disso, permite a análise tanto de leituras explícitas quanto implícitas ou latentes, oferecendo uma diversidade de leituras pertinentes.

Segundo Moraes (2007), a análise textual discursiva parte de um conjunto de pressupostos em relação à leitura dos textos examinados. Os materiais constituem um conjunto de significantes, e o pesquisador atribui a eles significados a partir de seus conhecimentos, intenções e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados são os objetivos da análise.

O autor explica que algumas leituras e interpretações podem ser compartilhadas entre diferentes leitores, com relativa facilidade. É que denomina de leituras do manifesto ou do explícito. Em contrapartida, há também a leitura do latente ou implícito, considerada aquele tipo de interpretação mais exigente e aprofundada, mais difícil de ser compartilhada por diferentes leitores.

O primeiro processo previsto por este método é a desmontagem dos textos, realizando a sua desconstrução e unitarização. Na perspectiva de Moraes (2007), a partir da desconstrução do texto surgem as unidades de análise ou categorias.

A categorização, além de reunir elementos semelhantes, também implica nomear e definir as categorias, cada vez com maior precisão, na medida em que vão sendo construídas (MORAES, 2007, p. 23).

A partir destas categorias, é realizada a unitarização do texto, que consiste na fragmentação dos textos, de forma que cada unidade assuma um significado, o mais completo possível, em si mesmo. A partir desta fragmentação, é possível estabelecer unidades de análise, mais explícitas ou implícitas, conforme o que é oferecido pelo material e o que é interpretado pelo autor da pesquisa.

Com estas categorias, serão produzidas as descrições e interpretações necessárias ao exercício de expressar novas compreensões possibilitadas pela análise. Após, inicia-se um processo de explicitação de relações entre elas no sentido de construção de novas compreensões. Este processo de estabelecer relações e reunir semelhantes é o segundo momento da análise. O terceiro momento no processo de análise é a comunicação das novas compreensões atingidas, um exercício de explicitação das novas estruturas emergentes da análise.

Concluindo a descrição sobre a metodologia de análise textual discursiva, trata-se de construir uma nova compreensão de um fenômeno como um ciclo, que se inicia com a desconstrução dos materiais textuais reunidos, seguida de um movimento intuitivo de reconstrução que permita a emergência de novos entendimentos, encerrando com a explicitação das novas compreensões atingidas na análise.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro, intitulado Memória, Educação e Turismo: interfaces na construção de “lugares de memória”, traz a interlocução entre os referenciais teóricos de Memória, Cidade Educadora, Turista Cidadão e Interpretação do Patrimônio, além de apresentar exemplos de ações similares à ação objeto de estudo. O segundo capítulo, denominado Redescobrimo a cidade: Viva o Centro a Pé, traça um breve histórico da cidade de Porto Alegre e de sua trajetória em relação à preservação do patrimônio, contexto em que surge a ação. Neste capítulo são analisados o histórico da ação em si, seus organizadores, roteiros, professores e participantes. O terceiro capítulo, chamado O Turista Cidadão: a pé redescobrimo a cidade, apresenta os dados coletados e analisados quanto ao perfil do participante das caminhadas, sua motivação em realizá-las, e o que expressam em relação ao significado que conferem a ação e como a avaliam.

Considero que o presente estudo contribui para as pesquisas científicas tanto em Educação quanto em Turismo, além de oferecer subsídios à Prefeitura Municipal de Porto Alegre para a avaliação e o planejamento futuro da ação Viva o Centro a Pé, podendo inclusive fomentar novas iniciativas de atividades do gênero.



**2. MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E
TURISMO: INTERFACES
NA
CONSTRUÇÃO DE
“LUGARES DE MEMÓRIA”**

2. MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E TURISMO: INTERFACES NA CONSTRUÇÃO DE “LUGARES DE MEMÓRIA”

2.1 Memória Coletiva

Henri Bergson, em sua obra “Matéria e Memória” (1896, apud POSSAMAI, p. 210), analisou que o passado pode ser retido na mente humana de forma inconsciente e considerou a memória equivalente à conservação do passado. Esta ideia é uma das mais presentes no senso comum atualmente. Um de seus alunos, Maurice Halbwachs⁵, bebeu de sua fonte ao escrever os textos posteriormente compilados na obra “A Memória Coletiva”. Sua contribuição será justamente a interferência do grupo a que o indivíduo pertence sobre as suas memórias e vice-versa, introduzindo o componente social na configuração da memória.

Segundo Halbwachs (2006), a nossa observação no presente nos ajuda a reconstituir partes de memórias esquecidas, assim como essas lembranças, por sua vez se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. As lembranças coletivas tendem a ter uma importância maior e as revivemos com maior intensidade, já que podemos adotar diversos pontos de vista de uma mesma situação, ao compartilhá-la com outros membros do grupo que a vivenciaram. A algumas lembranças reais se junta uma massa compacta de lembranças fictícias.

Para o autor, a duração de uma memória pode estar limitada à duração do grupo que lhe deu origem e, quando perdemos contato com o grupo, temos poucos momentos de reminiscências que poderiam manter determinada memória mais presente em nossas mentes. A memória reconhecida e reconstruída será aquela que aproveita os testemunhos dos outros a partir de dados e pontos comuns de lembranças, num fluxo contínuo de ida e vinda.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

A memória coletiva, na visão de Halbwachs (2006), tem como base um conjunto de pessoas, ou seja, os integrantes do grupo, que ao se lembrarem, darão

⁵ Sociólogo, 1877 – 1945. Autor do livro “A memória coletiva”, publicado em 1968.

força e duração à memória. Considera assim que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista irá mudar de acordo com o lugar que cada indivíduo ocupa naquele grupo e as relações que poderá fazer com outros ambientes. A diversidade de pontos de vista parte de uma combinação de influências de natureza social.

Cada pessoa está mergulhada ao mesmo tempo em muitos grupos, e cada grupo se divide e se contrai no tempo e no espaço, com diferentes características e dinâmicas. Para Halbwachs (2006), cada uma destas sociedades terá suas memórias coletivas, mantendo por algum tempo a lembrança de eventos significativos para ela. Neste sentido, o autor distingue a memória coletiva da história, já que a primeira

[...] é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, não ultrapassa os limites desse grupo (HALBWACHS, 2006, p. 102).

O autor defende que a história e o trabalho do historiador é pesquisar detalhes, que somados a outros, formarão conjuntos, que assim sucessivamente formarão um grande quadro de fatos, formando uma história única, sem hierarquia de importância ou significação entre os acontecimentos. A memória coletiva, nesta perspectiva, será um contraponto, pois não se apresenta como universal. Cada grupo tem sua história, com seus personagens e acontecimentos, mas o que irá passar ao primeiro plano da memória são as semelhanças, a continuidade. E, segundo o autor, é isso que permite ao grupo tomar consciência de sua identidade através do tempo.

Além do tempo, o grupo irá marcar e ser marcado também pelo espaço que ocupa. Cada aspecto, cada detalhe deste espaço tem um sentido que é importante para o grupo, pois correspondem a diferentes aspectos da estrutura e da vida de sua sociedade. Toda memória coletiva ocorre em algum contexto espacial, pois é no espaço ocupado que nosso pensamento tem que se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça.

Halbwachs (2006) considera o espaço físico não só como o conjunto de formas e cores concretas que percebemos ao nosso redor, mas também todas as relações de pensamento que nos evocam, e as relações e representações para

outros grupos. Segundo o autor, há tantas maneiras de representar o espaço quanto há grupos.

Assim, cada sociedade recorta o espaço à sua maneira, mas de uma vez por todas e sempre segundo as mesmas linhas, de maneira a constituir um contexto fixo em que ela encerra e encontra suas lembranças... (HALBWACHS, 2006, p. 188)

Segundo Nora (1993, apud POSSAMAI, 2010), os lugares de memória fazem uma mediação com o tempo, construindo laços entre presente e passado, tornando a vigilância sobre a memória fundamental à para a perpetuação e afirmação dos grupos sociais na dinâmica da vida da cidade. Para o autor, os lugares de memória existem justamente porque não há mais memória, pois considera que se habitássemos nossa memória, não teríamos necessidade de consagrar lugares.

Memória é a vida, sempre levada por grupos vivos e, por isso, está em evolução permanente, aberta às lembranças e aos esquecimentos de suas deformações sucessivas. Considera que lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que há necessidade de criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pois estas não são operações naturais (NORA, 1984).

São assim, na perspectiva do autor, lugares resgatados de uma memória que não mais habitamos, metade institucional ou oficial, metade afetiva, mas em que ainda palpita algo de uma vida simbólica. Nora (1984) caracteriza os espaços de memória como, ao mesmo tempo, materiais, simbólicos e funcionais, podendo, inclusive, apresentar diferentes intensidades de cada traço.

Se é verdade que a lógica fundamental de um lugar de memória é parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para - o ouro é a única memória do dinheiro - agregar o máximo de sentido em um mínimo de sinais, está claro e é o que os torna apaixonantes, que os lugares de memória vivem de sua aptidão à metamorfose, no incessante rebote de seus significados e o bosque imprevisível das suas ramificações (NORA, 1984, p. 46).

Considera-se assim que uma cidade pode oferecer diversos espaços de memória, em permanente metamorfose, acompanhando o movimentos dos grupos que a ocupam, oferecendo uma diversidade de significados.

Segundo Gastal (2006), a cidade, ou os agrupamentos humanos, seja seu surgimento por motivos econômicos ou bélicos, se impôs como um fenômeno em todo o planeta, tornando a cidade reconhecida como núcleo de cultura e civilização.

A autora apresenta o surgimento deste formato na cidade arcaica europeia, a partir do conceito de polis grega. É no espaço da polis que o lócus da democracia se materializa, na medida em que é o espaço de decisão coletiva sobre assuntos da comunidade. A polis se expande como local de política. Mais tarde, no período conhecido como Renascimento, a recuperação de textos clássicos atualizará o imaginário em relação às cidades.

Na cidade medieval, a igreja será um dos centros organizadores da vida social, pois expande a sacralidade em seu entorno. A partir da criação das escolas e das primeiras universidades, a cidade medieval passa a ser associada também ao saber. A atividade de formação dos jovens não se restringe aos prédios específicos das instituições de ensino, mas abrange a própria vivência na cidade, a partir de suas funções sociais e políticas. “[...] a cidade constitui-se como cultura e civilização, centro de saber e de produção de estímulos que levam a intelectualização da experiência (GASTAL, 2006, p. 63)”.

Ao contrário das pequenas cidades, consideradas de fluxo mais lento, intelectualmente menos sofisticadas e voltadas à produção, as grandes cidades são voltadas ao consumo e ao comércio. Gastal (2006) cita que além do espaço de compra e venda, será também espaço do encontro e das trocas simbólicas, espaço do diálogo e das festividades, misturando o real da experiência sensível com a imaginação.

A imagem da cidade incorporará ainda a idéia de limpeza em função da infraestrutura urbana como pavimentação e esgoto, além de segurança e beleza. O já citado período do Renascimento leva muitos visitantes a Roma na busca por conhecerem os cenários e prédios citados nos textos clássicos. Surgem os antiquários, que colecionam objetos do passado clássico chamados de antiguidades.

Gastal (2006) refere que o primeiro modernismo, sob a influência da revolução industrial, acompanhará a explosão da cidade. Há mais cidades e mais pessoas na cidade. A expansão dos meios de transporte, primeiro o trem e depois o automóvel, espalha as cidades por territórios mais amplos. As cidades transformam-se em espaços cada vez mais complexos. A fumaça das fábricas e as dificuldades de trânsito em função do crescimento do número de automóveis causam um retrocesso no entusiasmo pela cidade, já que se ampliam os subúrbios com o imaginário associado à qualidade de vida e à aproximação com a natureza. Segundo

a autora, com a pós-modernidade, a cidade retorna como uma ideia de cidade em festa e com qualidade de vida.

Possamai (2010), em seu artigo *Cidade: escritas da memória, leituras da história*, retoma o histórico das ideias sobre memória, particularmente sua relação com o espaço físico, no caso, as cidades. A autora, a partir do pensamento de Ricoeur (2007), apresenta a memória como seletiva, na medida em que elege aspectos para lembrar e outros para esquecer, tornando o esquecimento parte de sua tessitura. Este processo ocorre tanto com a memória individual quanto com a memória coletiva - a diferença é que a memória coletiva torna-se materialidade no espaço urbano representado no traçado de suas ruas, nas construções alteradas ou substituídas, nos monumentos erigidos e inclusive nas barreiras que escondem determinado ponto. A autora defende que, para ler a cidade é necessário ir além de sua fruição ou contemplação.

Esse é o desafio de quem deseja ler a cidade, aprender a olhar a cidade, examinando o dito, fazendo perguntas, trilhando caminhos quase desconhecidos, aventurando-se por trajetórias nunca antes tentadas, ensaiando leituras de sua escrita (POSSAMAI, 2010, p. 209).

Considerando-se que a memória histórica, antes tomada como única e homogênea, é atualmente percebida como plural, já que privilegia várias histórias, pode-se entender a cidade como uma “arena cultural”. Possamai (2010) propõe, assim, pensar em um museu-cidade que leve em conta a multiplicidade de memórias, a partir de diferentes olhares e perspectivas. As várias cidades decorrentes destas múltiplas leituras poderão ser vivenciadas por seus habitantes e visitantes de diferentes formas ao longo do tempo. A autora defende que esse é o caso de Porto Alegre, já que a cidade revela-se como lugar de conflito entre memórias e histórias, lembranças e esquecimentos, representando assim os conflitos entre grupos, classes e etnias ao longo de sua trajetória⁶.

2.2 Cidade Educadora

As diversas leituras da cidade não deixam de ser processos de conhecimento na cidade e sobre a cidade, noção muito próxima ao conceito de Cidade Educadora. O conceito surge a partir de estudos da UNESCO, na década de 1970.

⁶ Sobre as várias memórias de Porto Alegre, ver MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Jefferson Silva, em 1979, publica o livro “Cidade Educativa: Um modelo de renovação da Educação”, trabalho que buscou estudar a proposta de renovação da educação apresentada pela Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação, criada pela UNESCO em 1971. O objetivo da Comissão era estudar soluções globais para as grandes questões colocadas pelo desenvolvimento da educação em meio a um mundo de transformação.

O resultado deste estudo foi o Relatório Aprender a Ser, elaborado por Edgar Faure e publicado em 1973. Os principais temas abordados são a crise da educação, a relação entre educação e sociedade, as transformações e os caminhos de renovação, e os modelos de cidade educativa.

Segundo Silva (1979), o modelo de Cidade Educativa parte de um novo olhar para a educação que engloba a esfera total da pessoa humana na plenitude de suas dimensões e complexidade, visando reunir a educação realizada no espaço dito escolar com a educação oferecida também em outras organizações. Este novo olhar acompanha a ideia de tornar o indivíduo o sujeito de sua própria educação, além de considerar como educativas as várias dimensões da sociedade.

O autor situa o surgimento desse estudo em um período de grandes transformações da sociedade, a partir das mudanças nas relações humanas, além do progresso da técnica e da ciência. A educação, em seus moldes tradicionais, não tinha condições de atuar nessa situação, segundo os próprios estudos da época.

A escola deixa de ser o mais importante fator de ensino: a evolução da sociedade e de seus meios de comunicação despolariza a escola para ressaltar e valorizar os outros meios de ensino. A própria estrutura da escola se encontra defasada do estilo e dos meios empregados em outras instituições da sociedade (SILVA, 1979, P. 62).

O Relatório Faure (1973) vem então tentar responder aos questionamentos da época, buscando oferecer soluções novas e propostas concretas para a crise da Educação. Silva (1979), no entanto, avalia que o conceito de Cidade Educativa proposto era bastante definido em sua significação, mas indefinido em relação às ações concretas. O autor atribui esta pouca definição à intenção da Comissão de que o Relatório apresentasse apenas sugestões que, ao serem aplicadas pelos Governos, assumissem características locais.

Para Silva (1979), a Cidade Educativa constitui-se a partir de uma nova relação entre os elementos tradicionais do sistema educacional e os elementos

estruturais da sociedade. Outro ponto-chave é a ideia de educação permanente, inspiração de todo o Relatório.

A novidade de tal interpretação está em considerar a educação como um processo contínuo que se estende por toda a vida do indivíduo. Com isso a educação se liberta quer de uma fase específica e determinada da vida, quer sobretudo de um conceito de simples ensino com determinado conteúdo organizado em estruturas ou instituições específicas. Torna-se um processo que atinge a realidade existencial do indivíduo, onde este é o sujeito livre e espontâneo de seu fazer-se (SILVA, 1979, p. 82)

A mudança no papel do educando, que passa a ser sujeito de sua própria educação, é, para Silva (1979), a visão mais marcante do Relatório: “O objetivo da educação é permitir ao homem ser ele mesmo, ‘tornar-se’” (FAURE, 1973 APUD SILVA, 1979, p. 85). Esta síntese está no próprio título do Relatório, Aprender a Ser, em que a aprendizagem mais importante é a do pelo-ser. Representa o significado da Cidade Educativa como o da comunidade humana que se educa pela busca de cada indivíduo em ser homem, na comunhão com os outros e com o mundo. Parte da premissa de que a comunidade ou cidade, assim como o homem, está permanentemente sendo construída pelos seus, pois nasce e se transforma a partir da ação criadora do homem.

Para Trilla (1996), o conceito de Cidade Educativa só irá adquirir força na década de 1990, a partir da realização do Primeiro Congresso de Cidades Educadoras, em Barcelona. O autor ressalta que a modificação da expressão cidade educativa para cidade educadora, parte da premissa de que a cidade tem um caráter de agente de educação, e não é mais considerada apenas fator de educação. Para Brarda e Ríos (2004), a mudança de expressão também reflete a ideia de que a cidade educadora deve ser um instrumento gerador de um processo de participação cidadã, com responsabilidades coletivas sobre as prioridades educativas.

Brarda e Ríos (2004) sustentam que a mudança da cidade educativa para uma cidade educadora depende basicamente de uma decisão coletiva. Consideram que toda cidade é educativa, na medida em que é cenário para o processo educativo de seus habitantes, entretanto nem toda cidade será educadora. Na perspectiva dos autores, para que a cidade torne-se educadora, deve atender aos seguintes quesitos:

[...] as cidades devem ser consideradas como verdadeiros espaços de aprendizagem, organizando, sistematizando e aprofundando o conhecimento informal que adquirimos dela espontaneamente na vida cotidiana [...], trata-se de aprender a ler a cidade, aprender que ela constitui um sistema dinâmico em contínua evolução. [...] é necessário aprender a

conviver, a viver conjuntamente, quer dizer, a interagir com os outros. [...] dizemos que os cidadãos devem aprender as habilidades mínimas para circular pela cidade, para utilizar plenamente seus meios de transporte e comunicação, para encurtar os caminhos e localizar-se na intrincada complexidade de nossas urbes. [...] é preciso reconhecer quais são os direitos e deveres que todos, como cidadãos, possuímos, para assim começar a decidir sobre o futuro da cidade. (BRARDA, RÍOS, 2004, p.31-32).

Em seu artigo, as autoras analisam a Carta das Cidades Educadoras, documento produzido a partir do Primeiro Congresso de Cidades Educadoras, realizado em 1990. A Carta apresenta os princípios básicos de um modelo progressista de cidade. O primeiro artigo do documento estabelece o direito de todos os habitantes de desfrutarem, em condições de liberdade e igualdade, dos meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que sua própria cidade oferece.

Trilla (1996) aponta que há três dimensões da relação entre educação e cidade. A primeira dimensão considera a cidade como lócus de uma educação múltipla e diversa, que se espalha por seus espaços, sejam estruturas pedagógicas especificamente educativas ou mesmo equipamento, espaços ou acontecimentos sem objetivo especificamente educativo.

Para esta dimensão, o autor descreve critérios para avaliar a capacidade educadora da cidade. Quanto mais densa for a trama de recursos de aprendizado, mais educadora será a cidade, propondo justamente a reutilização de recursos já existentes, tanto de equipamentos e recursos naturais quanto humanos. As políticas educativas do uso destes recursos devem partir de uma organização integrada e ser coordenadas desde cima, facilitando a cooperação entre instituições. Outra questão importante, apontada por Trilla, é o grau de adaptabilidade da cidade educadora ao dinamismo natural da cidade, sendo capaz inclusive de importar e exportar experiências.

A segunda dimensão descrita por Trilla (1996) considera que a cidade educadora será aquela que contemple o meio urbano como um rico agente informal da educação. É também um educador ambivalente na medida em que não há seleção e pode haver de tudo, tanto coisas boas quanto ruins. O currículo implícito da cidade será um conjunto contraditório formado por tudo aquilo que aprendemos a partir dos modelos de comportamento presentes na cidade e suas conseqüentes relações sociais.

A terceira dimensão apresenta a cidade como o próprio conteúdo de aprendizagem. O autor analisa que o conhecimento informal gerado pelo meio urbano tem um certo grau de superficialidade e que a cidade educadora precisará superar esta superficialidade. Aprender a cidade será aprender a aprender, já que não é um objeto estático, e sim um sistema dinâmico e evolutivo.

Na perspectiva de Medeiros Neta (2010), o direito à cidade passa pela reapropriação dos espaços e o aprendizado do urbano passa pela reivindicação da cidade, em suas formas e materialidades amplas. A autora propõe que o aprendizado da cidade será tecido pelos movimentos dos cidadãos que exploram e traduzem a cidade e a forma de viver nela.

Pode-se inferir que a ação Viva o Centro a Pé apresenta as três dimensões citadas por Trilla, na medida em que oferece aprendizado na cidade a partir das interações com os outros e com o meio, aprendizado da cidade como agente de educação e aprendizado sobre a cidade enquanto conteúdo.

2.3 Turista Cidadão

O conceito de turista cidadão aqui utilizado é construído a partir de conceitos de Turismo e de Cidadania, sob a perspectiva das autoras Susana Gastal e Marutschka Martini Moesch, que em 2007 lançaram a obra *Turismo, Políticas Públicas e Cidadania*, bastante inovadora neste tema no Brasil. Esta concepção sugere que o indivíduo poderia usufruir dos mesmos benefícios associados às viagens de lazer em seu próprio território. Segundo Gastal e Moesch (2007):

O Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL, 2007, p. 11).

Este conceito pressupõe o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes de seus cotidianos. Os estudos tradicionais de turismo consideram a visão econômica de que há a necessidade de gastos com hospedagem ou uma determinada distância do local de residência para configurar turismo. Entretanto, a proposta das autoras é de que o deslocamento em tempo e espaço pode ocorrer na própria cidade do indivíduo, desde que este consiga desenvolver um processo de estranhamento, perceber locais e costumes já conhecidos sob novas perspectivas,

imbuindo-se do olhar de um estrangeiro em sua própria cidade e assim estabelecendo novas relações com esses espaços.

As autoras falam em afastamento tanto concreto quanto simbólico desse cotidiano, deslocamento este entremeado de subjetividade, na medida em que se experimentam novos olhares e comportamentos frente ao mesmo objeto. As autoras complementam que esse processo de estranhamento do que é cotidiano depende da mobilização afetiva desencadeada no sujeito.

A maioria das pessoas vive em cidades, sejam pequenas, médias ou grandes, e, como moradores, conhecem seu funcionamento. Entretanto, o crescimento das cidades e sua diversificação são de grande complexidade e colocam, cada vez mais, desafios para decifrá-las. Esta decodificação é essencial para um morador aproveitar sua cidade com qualidade.

Segundo Michel De Certeau (2008) o ato de caminhar é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre, na medida em que suas idas e vindas podem organizar ou reorganizar os caminhos ao inventar trajetos que privilegiam ou deixam de lado elementos espaciais.

A apropriação de um morador em relação a sua cidade está muito ligada ao desenvolvimento da cidadania no indivíduo. A cidadania é aqui entendida como o próprio direito à vida no sentido pleno, algo que precisa ser construído coletivamente, desde o atendimento às necessidades básicas até o acesso a todos os níveis de existência, incluindo o usufruto de todas as possibilidades que sua cidade ou o Estado oferecem.

Segundo Cerquier-Manzini (2010), na atuação de cada indivíduo há uma esfera privada, que diz respeito ao que é particular, e uma esfera pública, concernente a tudo que é comum a todos. Desde o surgimento da participação dos cidadãos na vida pública, na Antiguidade grega, até os dias de hoje, a cidadania tem sido considerada sob diversas ideologias muitas vezes antagônicas. A ideologia é composta de ideias que, por sua vez, expressam valores incorporados pelos indivíduos ou grupos, dentro de um contexto histórico e social. Isso se realiza pela educação e pela vida em sociedade, e é o que orienta o comportamento dos indivíduos. A autora coloca que se pode compreender a ideologia como uma concepção de mundo, expressão esta do embate entre várias formas de pensar e

agir dos grupos que formam a sociedade. Na mesma obra, apresenta diferentes ideologias que resultam em diferentes formas de cidadania. Neste trabalho, adotaremos as perspectivas complementares de Rousseau e Kant.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) oferece o conceito de cidadania como forma de construção de relações mais justas entre os homens. Em sua obra, *O contrato social* (1762), apresenta sua proposta de contrato entre os homens para a convivência democrática, preservando-se os direitos e deveres de todos. Rousseau defende que é necessário encontrar uma forma de associação entre os homens que defenda e proteja, com toda a força comum, as pessoas e os bens de cada associado. Desta forma, cada um obedece a si próprio, permanecendo livre, a partir de uma democracia direta, da qual todos participam. Sugere, assim, a participação da sociedade na administração daquilo que pertence à esfera pública (CERQUIER-MANZINI, 2010, p. 36).

Para Cerquier-Manzini (2010, p. 38) Immanuel Kant (1727-1804) traz sua concepção de cidadania diretamente ligada ao Estado de direito⁷, como responsável por assegurar o desenvolvimento pacífico necessário ao progresso da humanidade, tornando-se instrumento para se viver civilizadamente. Kant defende que as leis são importantes instrumentos para fazer valer os direitos dos cidadãos, mas só elas não constroem a cidadania. É preciso que os homens se apropriem do espaço de construção de leis favoráveis à extensão da cidadania.

Rousseau e Kant se aproximam quando defendem que os cidadãos devem obedecer às normas da lei, mas enquanto homens que raciocinam, que fazem uso público da própria razão, em um contínuo processo de crítica às leis, de forma a manter também um contínuo processo de reformulação do Estado de direito.

Segundo Cerquier-Manzini (2010), a busca por uma sociedade melhor passa pela mudança na subjetividade das pessoas. Isto se daria no cotidiano, nas relações diárias, e significa pensar, sentir e agir no sentido de que a democracia se constrói a todo instante. Levando-se em consideração este olhar sobre a atuação cidadã, buscamos a interface com o turismo.

A forma como os habitantes percebem sua cidade relaciona-se à forma como atuam nela, ao quanto se apropriam dela. A cidade é, assim, não só um

⁷ Na obra *A paz perpétua* (1795), citada por Cerquier-Manzini.

espaço físico, mas também um espaço onde circulam pessoas, ideias, saberes, formas de viver, e onde a diversidade de culturas e o imaginário urbano se entrelaçam em uma multiplicidade de significados para seus moradores.

Deste modo, o conceito de cidadania aproxima-se do turismo na medida em que, nas cidades, os próprios bairros constituem-se como espaços de identificação e estranhamento devido a sua multiplicidade, permitindo ao indivíduo tornar-se turista mesmo sem abandonar seu território. Este turista é considerado justamente sob a perspectiva contemporânea de turismo, que prioriza e valoriza a diferença, a busca do diverso de si, exigindo uma abertura para o mundo e uma maior capacidade de conviver com o próprio estranhamento.

É neste contexto que Gastal e Moesch (2007) propõem o conceito de turista cidadão, como aquele habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer. Segundo as autoras, para o turista cidadão,

[...] os fixos que compõem a cidade deixam de ser desconhecidos. O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se relação de pertencimento e identificação, pois se passa a compartilhar seus códigos e, de posse dos mesmos, a situar a própria subjetividade em relação aos fixos presentes no urbano (GASTAL, MOESCH, 2007, p. 60).

A apropriação pressupõe esta interação com o espaço. A partir da familiarização e da vivência nele, é possível desenvolver novos significados subjetivos, resultando em uma relação de pertencimento. Esta aproximação, ou reaproximação, com os espaços parte do processo de estranhamento, em que a leitura da cidade destrói sua ordem dada, afastando a imagem fixa do espaço cotidiano, permitindo novas vivências.

O Plano de Ação de 1999⁸, do então Escritório Municipal de Turismo de Porto Alegre⁹, incluía, entre seus públicos preferenciais, os residentes da cidade. Segundo Gastal e Moesch (2007), este documento partia do pressuposto de que Porto Alegre possuía um espaço urbano e práticas culturais que, por sua complexidade, poderiam provocar estranhamento nos próprios porto-alegrenses. As autoras citam como propostas condizentes com a concepção de fomento ao turista

⁸ Segundo as autoras, o Plano de Ação incluiu a ação do Poder Público local em parcerias com a iniciativa privada, a sociedade civil e os cidadãos, utilizando-se de instrumentos como o planejamento e o orçamento participativos.

⁹ Em 10 de outubro de 2007, pela Lei nº 10.266, foi criada a Secretaria Municipal de Turismo (SMTUR), atualmente responsável pela gestão de políticas públicas de Turismo no município.

cidadão, primeiro a criação do Linha Turismo¹⁰, ônibus de dois andares que oferece roteiros regulares pela cidade, e segundo, o estabelecimento de um sistema de atenção ao turista e ao cidadão, que oferece até hoje atendimento com informações turísticas da cidade em postos situados estrategicamente próximos a atrativos turísticos e à circulação de viajantes e moradores.

O Viva o Centro a Pé proporciona justamente a interação com o espaço por meio das caminhadas, constituindo uma vivência diferenciada, a partir da interpretação realizada pelos professores. Esta experiência permite o processo de estranhamento e posterior ressignificação.

2.4 Interpretação do Patrimônio

Segundo Custódio (2010), o tema da interpretação de sítios históricos como preparação para a recepção de visitantes surge, nos países do Mercosul¹¹, a partir dos anos 1990. Estes primeiros projetos surgiram inspirados em experiências em museus, considerando o turismo cultural como alternativa para a preservação do patrimônio.

O autor considera a interpretação de espaços, monumentos e sítios como ferramenta fundamental para o avanço do turismo cultural. Em sua concepção, esta ferramenta está baseada no princípio básico de que a educação é uma ação interativa de comunicação entre educador e educando, e que a partir das experiências e trocas entre ambos é que pode surgir o aprendizado. Segundo ele, a interpretação

É uma técnica de comunicação utilizada para despertar o interesse dos visitantes e tornar acessível a história, a cultura ou o patrimônio de uma comunidade. Além de fatos, pode revelar outros significados e estabelecer relações com outras ocorrências, demonstrando a importância de contextos culturais (CUSTÓDIO, 2010, p. 277).

Custódio (2010) cita que bens culturais possuem uma carga de informação e referência e que, por isso, possuem o potencial de fornecer informações, permitindo diversas e distintas leituras. Avalia que o aprendizado a partir destes bens é a chave

¹⁰ O ônibus atualmente utilizado para os roteiros da Linha Turismo foi adquirido a partir de votação da comunidade nas prioridades do Orçamento Participativo de 2002. Para mais informações, ver: LEMOS, Rafael. **Linha Turismo**. 2005. 54 f. Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em Turismo) – Faculdade de Turismo, FARGS, Porto Alegre, 2005. PEDROSO, Gabriel. **Guia Operacional Linha Turismo**. 2008. 104 f. Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em Turismo) – Faculdade de Turismo, FARGS, Porto Alegre, 2008.

¹¹ Sobre as primeiras experiências de interpretação no mundo e suas influências, ver: MURTA, Stela Maris. ALBANO, Celina. **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2002.

para seu reconhecimento e apropriação. Para o autor, a interpretação pode utilizar diversos meios, de acordo com a necessidade e as características de cada projeto. Cita como exemplos livros, guias, maquetes, sinalização, vídeos, imagens, teatro, entre outros, como forma de realçar valores presentes. Considera ainda como recurso de interpretação a visita guiada ou orientada, especificamente citando como exemplo as caminhadas realizadas pela ação Viva o Centro a Pé, em Porto Alegre. Na presente pesquisa interessa-nos aprofundar justamente este último meio.

Murta e Goodey (2002) apresentam esta forma de interpretação, a que denominam interpretação ao vivo, como aquela que pressupõe a participação de um expert ou guia orientando a visita. Segundo os autores, esta orientação pode ser feita de diversas formas em diferentes contextos, incluindo excursões a pé, de bicicleta, motorizadas, ou ainda a partir de representações, demonstrações ou performances. Consideram que são formas eficazes para expressar a essência do lugar e dar vida a um objeto.

Para ser bem sucedido, na perspectiva de Murta e Goodey (2002), o profissional que desempenha o papel de intérprete precisa observar algumas regras, como ganhar o respeito do ouvinte demonstrando domínio do tema, o que exigirá preparo e pesquisa pessoal. Outro ponto apontado pelos autores é a importância de este guia equilibrar seus comentários com as necessidades do local e a tolerância dos visitantes. Neste aspecto, deverá desempenhar também o papel de “guarda”, ao garantir tanto a segurança dos participantes quanto a preservação do espaço visitado.

Quanto à qualidade da mediação, os mesmos autores afirmam que

Mais que informar, interpretar é revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter e inspirar novas atitudes nos visitantes, é proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade (MURTA, GOODEY, 2002, p. 14).

Os autores registram que muitos dos profissionais selecionados para atuar como intérpretes são formados em cursos como história, letras, arquitetura, sociologia, comunicações ou ciências naturais (citando exemplo da cidade de Nova York), o que implicará diferentes enfoques sobre um mesmo trajeto. Ressaltam ainda a importância da constante renovação na interpretação, a partir de novos temas, novas narrativas e novos guias, de forma a atrair assim nova geração de visitantes.

Costa (2009), em “Turismo e Patrimônio Cultural: interpretação e qualificação”, aprofunda a reflexão sobre o processo de interpretação. A autora apresenta uma linha evolutiva sobre a filosofia da interpretação utilizando-se de autores como Tilden (1977) e Beck e Cable (1998), considerados referências internacionais. A partir de sua pesquisa, apresenta uma série de princípios que devem fundamentar a atuação de um intérprete, entre os quais foram selecionados alguns de maior relevância.

Um desses princípios considera que a interpretação deve relacionar o que está sendo mostrado à personalidade ou experiência do visitante, aproximando-o do objeto discutido. Defende que somente com essa aproximação, o visitante poderá conferir-lhe significado e estabelecer novas relações. Pressupõe-se que a interpretação não deve ser apenas a apresentação de informações. Segundo Costa (2009), ela deve ser planejada como um enredo que, além de informar, também entretenha e ensine. Para isso, o intérprete deverá possuir proficiência retórica, além de criatividade para tornar sua mediação personalizada, significativa e interessante.

Outro princípio dita que se deve considerar a provocação como o objetivo principal da interpretação, ampliando os horizontes do visitante, e instigá-lo a assumir novas posturas, como a apropriação e proteção de espaços, ou a apreciação da beleza local. A quantidade e qualidade da informação apresentada devem ser focadas e bem fundamentadas, de forma a não produzir discursos muito longos e cansativos, mas falas atrativas e inspiradoras. A autora ressalta que a interpretação precisa também ser flexível o suficiente para permitir a participação dos ouvintes, além da inserção de novos elementos que possam surgir na vivência, ou situações inesperadas durante os roteiros.

Enfim, são princípios em consonância com os conceitos de Cidade Educadora e do processo de apropriação defendidos para a formação de um turista cidadão, ao depositar no intérprete a responsabilidade de proporcionar uma experiência educadora que desperte sentimentos e instigue reflexões, possibilitando o estabelecimento de novas relações entre moradores/turistas e ambientes considerados representativos da memória local.

2.5 Outras Caminhadas

Práticas que promovem essas vivências de reconhecimento de espaços cotidianos têm acontecido de forma sistemática em diversas cidades, comumente atividades ou roteiros relacionados a ambientes em busca de revitalização, como centros urbanos e históricos. Costa (2009) cita que Viena, Londres e Paris foram as primeiras cidades a contar com excursões em formato de caminhada. Aponta como outros exemplos as cidades americanas como Boston, Filadélfia, São Francisco e Nova York, além de cidades europeias como Oxford, York, Chester e Berlim.

Estas atividades estão presentes também no Brasil, em São Paulo, Fortaleza e Porto Alegre. Na capital paulista, o arquiteto Marcio Mazza desenvolveu roteiros com o objetivo de desvendar aspectos históricos, culturais e, especialmente, arquitetônicos da cidade. Desde 2007, os roteiros do Arq!Tours, promovidos pelo portal de arquitetura Arq!Bacana, atraem amantes de São Paulo em geral. Na agenda estão passeios que contemplam navegações pelo Rio Tietê, visitas às curvas e cores kitsch das obras arquitetônicas de Artacho Jurado, as galerias modernistas do centro, as vilas operárias e o Farol do Jaguaré à beira do Rio Pinheiros. Segundo a Revista da Cultura (2010), os passeios ocorrem uma vez ao mês e são repetidos quando a procura é grande. Cada roteiro tem um valor diferente, dependendo dos locais visitados e do meio de transporte necessário, pois pode ser todo a pé ou com trechos de ônibus fretado.

Além da iniciativa de empreendedores, há também atividades gratuitas, oferecidas em parceria com órgãos governamentais. Em Fortaleza, o historiador e guia de turismo Paulo Probo decidiu criar um roteiro de bicicleta pelo centro da capital inspirado em uma viagem a Buenos Aires, na Argentina. Segundo a mesma reportagem da Revista da Cultura (2010), desde o começo de 2010, em parceria com a direção do Teatro José de Alencar, Probo promove o passeio Viva o Centro!, levando fortalezenses e turistas a pontos históricos da capital do Ceará. No último domingo de cada mês, às 16h, o público, formado por moradores e turistas, se reúne no jardim do teatro. O passeio dura duas horas, e a cada edição oferece um roteiro diferente.

Em Porto Alegre, após o início da ação Viva o Centro a Pé, objeto deste estudo, outros roteiros também têm ocorrido. Desde maio de 2009, são realizados os roteiros chamados Caminhos da Matriz, desenvolvidos pelo Memorial do Ministério

Público em parceria com as instituições instaladas em prédios históricos do entorno da Praça Marechal Deodoro, comumente chamada pelos porto-alegrenses de Praça da Matriz. Os roteiros ocorrem no último sábado de cada mês, de maio a novembro, com duração de 2h15min. Os grupos são orientados pelos mediadores de cada instituição e a participação é gratuita.

De maio de 2009 a maio de 2011, ocorreram 14 roteiros. Em função da grande quantidade de prédios históricos participantes, a partir de 2011, o projeto oferece dois tipos de roteiros alternados. O primeiro roteiro inclui visitação ao Memorial do Ministério Público, Memorial do Judiciário e Museu Julio de Castilhos. O segundo roteiro inclui o Palácio Piratini, o Solar dos Câmara e o Arquivo Público do Estado. De acordo com o material de divulgação distribuído sobre os Caminhos da Matriz, o projeto busca “aproximar a população do patrimônio histórico e cultural da cidade de Porto Alegre”.

A prática de caminhadas de reconhecimento tem se ampliado inclusive na iniciativa privada. Recentemente, a artista plástica Vera Lago¹² conduziu duas caminhadas orientadas. Segundo a artista,

“O ato de caminhar mais vagorosamente pode nos permitir observar detalhes que deixamos de perceber quando andamos rapidamente pela cidade, em nossos trajetos cotidianos. Poderemos enriquecer ainda mais esta experiência se o fizermos em pequenos grupos, caminhando pela cidade com o objetivo exclusivo de desfrutar sua paisagem.”

A primeira Caminhada Orientada aconteceu em 29 de outubro de 2010, com roteiro nos Bairros Independência e Bom Fim. O segundo roteiro ocorreu em 09 de abril de 2011, visitando na Av. Independência a Casa Godoy e o conjunto de casas tombadas (visitação externa); a Rua Dr. Barros Cassal; Av. Alberto Bins; Rua Otávio Rocha e Rua Marechal Floriano, encerrando-se no Chalé da Praça XV.

Outro roteiro, em elaboração, é chamado de Museu do Percurso do Negro¹³, que objetiva resgatar a memória dos afro-brasileiros em Porto Alegre. O projeto é financiado pelo Monumenta, em colaboração com o movimento negro e vários órgãos públicos. Segundo o Monumenta, o Museu do Percurso é pensado,

¹² <http://www.veralago.com.br/pag1.html> em 09/09/2011

¹³ Os dados para o projeto começaram a ser compilados em 2000. Em 2010 o trajeto já havia sido definido e a equipe de monitores foi qualificada. No mesmo ano foi feito roteiro piloto com os participantes do Projeto Leituras da Cidade. Para mais informações sobre o tema, ver: BITTENCOURT JUNIOR, losvaldyr. Territorialidade Negra Urbana: a evocação da presença, da resistência cultural, política e da memória dos negros, em Porto Alegre, delimitando espaços sociais contemporâneos. In: POSSAMAI, Zita. (Org). **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

organizado e acompanhado a partir de um conselho gestor representativo de segmentos do movimento negro, e por representantes do poder público municipal.

O Museu consistirá em uma série de marcos em diversos locais do centro histórico – construções, ruas e praças – para lembrar a existência da comunidade. A intenção é que os marcos venham a ser feitos por artistas negros, e as visitas orientadas por jovens monitores. O roteiro guiado passará por dez importantes locais da cidade, e está previsto que quatro deles recebam monumentos. O primeiro monumento, um tambor com temas africanos, foi instalado em 2010 na Praça Brigadeiro Sampaio, antigo local de enforcamento de escravos. Os roteiros não foram ainda sistematizados, mas a previsão é de que sejam realizados mediante agendamento.

Estas ações, se consideradas em conjunto, podem demonstrar uma tendência em níveis internacionais, nacionais e regionais de valorização de espaços representativos da cultura, ao mobilizarem pessoas na busca do conhecimento ou reconhecimento destes. Em Porto Alegre, o mesmo espírito, além de dar origem às ações já citadas, resultará na criação do Viva o Centro a Pé, apresentado de forma mais aprofundada no próximo capítulo.



**3. REDESCOBRINDO A
CIDADE:
VIVA O CENTRO A PÉ**

3. REDESCOBRINDO A CIDADE: VIVA O CENTRO A PÉ

O detalhamento da ação objeto deste estudo refere-se seguidamente a momentos históricos e espaços de memória na cidade, e para melhor situar o leitor, inicio o capítulo com um breve histórico de Porto Alegre. E, para analisar o Viva o Centro a Pé sob a perspectiva da cidade educadora, tanto como agente informal da educação quanto como o próprio conteúdo, é importante compreender seu contexto de surgimento e evolução, tipos de roteiros e professores convidados, o que será contemplado na segunda parte deste capítulo.

3.1 A cidade de Porto Alegre

Porto Alegre é a capital do Estado brasileiro mais ao sul, o Rio Grande do Sul. A cidade está dividida em 8 macrorregiões¹⁴ e 83 bairros. O seu território possui área de 476,3 km², com uma população de 1.436.123 habitantes¹⁵. Um anel de morros graníticos com 730 milhões de anos emoldura a região de planície onde está o grande centro urbano da cidade, que ocupa 65% de seu território. Esta formação geológica foi uma espécie de contenção natural para a ocupação do município em direção à zona sul, e contribuiu para que Porto Alegre conserve 30% de seu território como área rural, a segunda maior entre as capitais brasileiras.

¹⁴ A divisão adotada é a aprovada pelo Conselho do Orçamento Participativo em 1997, compatível com o Plano Diretor (PPDUA, LC 434/99). A regionalização é relativa ao Projeto de Lei Nº 031/98 que inclui áreas indefinidas do território urbano e compatibiliza as regiões da cidade. O território abrange 8 Regiões de Planejamento, 17 Regiões do Orçamento Participativo e 83 bairros. A Região 1 abarca os bairros Auxiliadora, Azenha, Bela Vista, Bom Fim, Centro Histórico, Cidade Baixa, Farroupilha, Floresta, Independência, Jardim Botânico, Menino Deus, Moinhos de Vento, Mont'Serrat, Petrópolis, Praia de Belas, Rio Branco, Santa Cecília e Santana. A Região 2 é composta pelos bairros Anchieta, Farrapos, Humaitá, Navegantes, São Geraldo, Boa Vista, Cristo Redentor, Higienópolis, Jardim Floresta, Jardim Itu, Jardim Lindóia, Jardim São Pedro, Passo da Areia, Santa Maria Goretti, São João, São Sebastião, Vila Ipiranga e Arquipélago. A Região 3 abarca apenas os bairros Sarandi, Passo das Pedras e Rubem Berta. A Região 4 está composta pelos seguintes bairros Bom Jesus, Chácara das Pedras, Jardim Carvalho, Jardim do Salso, Jardim Sabará, Morro Santana, Três Figueiras, Vila Jardim e Mário Quintana. A Região 5 abrange os bairros Belém Velho, Cascata, Glória, Medianeira, Santa Tereza e Cristal. A Região 6 compreende os bairros Camaquã, Campo Novo, Cavallhada, Nonoai, Teresópolis, Vila Nova, Espírito Santo, Guarujá, Hípica, Ipanema, Jardim Isabel, Pedra Redonda, Serraria, Tristeza, Vila Assunção e Vila Conceição. A Região 7 abarca Agronomia, Lomba do Pinheiro, Cel. Aparício Borges, Partenon, Santo Antônio, São José e Vila João Pessoa. Finalmente a Região 8 é composta pelos seguintes bairros Restinga, Belém Novo, Chapéu do Sol, Lageado, Lami e Ponta Grossa. Fonte: Prefeitura de Porto Alegre, disponível em <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observapoa_2011/usu_doc/site_2011_territorios.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2011.

¹⁵ Fonte: Estimativa IBGE/2009.

Outra parte do território da capital, com cerca de 44 km², está distribuída em 16 ilhas do Lago Guaíba sob jurisdição do município. O lago contorna a cidade numa extensão de 70 km de orla fluvial, sendo a expressão geográfica mais marcante da capital gaúcha. Porto Alegre está entre as cidades mais arborizadas, com mais de um milhão e meio de árvores, 582 praças, reserva biológica, nove parques urbanos e a maior concentração de pássaros do país¹⁶.

O bairro Centro Histórico de Porto Alegre foi assim renomeado pela Lei 10.364, de 22 de janeiro de 2008. Anteriormente, era nomeado apenas Centro. É importante destacar que este bairro é assim chamado porque foi onde iniciou o povoado que deu origem a Porto Alegre, entretanto, com o desenvolvimento da vila e posterior cidade, não mais se localiza no centro geográfico.

O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 entre Portugal e Espanha, após o descobrimento do Brasil, definia os limites do território descoberto, determinando que a área onde se localiza o atual Estado do Rio Grande do Sul pertencia à Espanha. Este acordo seria contestado em sucessivas disputas territoriais entre os dois países. Posteriormente, suas colônias, em busca de independência, também o contestariam até 1828, com o fim da Guerra Cisplatina, em que a perda do território atual uruguaio definiu as fronteiras brasileiras ao sul, demarcando conseqüentemente as fronteiras do Estado do Rio Grande do Sul (PESAVENTO, 2002).

A partir de 1730, os portugueses passaram a penetrar no território, então espanhol, pelo litoral. A ocupação da área de Porto Alegre se deu inicialmente através da concessão de Cartas de Sesmarias, por parte do Governador em nome do Rei. Esses documentos davam direito de posse aos Sesmeiros, que geralmente eram provenientes de segundo escalão da Coroa Portuguesa ou militar, tendo este direito de uso sobre todos os bens naturais existentes sobre as áreas concedidas. O objetivo dos sesmeiros era apreender o gado selvagem para vendê-lo nas capitanias do norte.

Segundo Macedo (1968), a divisão do território foi da seguinte forma: 1ª Sesmaria de São José – concedida em 1736 a Sebastião Francisco Chaves. Abrangia os atuais bairros Praia de Belas, Menino Deus, Azenha, parte do Bairro

¹⁶ Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=258>. Acesso em: 21 abr. 2011.

Santana, Partenon, Santo Antônio, Medianeira, Glória, Teresópolis, Nonoai, Santa Tereza e Cristal; 2ª Sesmaria de Santana – concedida em 1740 a Jerônimo de Ornellas. Abrangia o Alto do Morro Santana e os bairros Centro, Independência, Bom Fim, Moinhos de Vento, Floresta, Petrópolis, parte do Bairro Santana, Rio Branco, Passo D'Areia, Cristo Redentor, São João, Navegantes; 3ª Sesmaria de São Gonçalo – concedida em 1745 a Dionísio Rodrigues Mendes. Abrangia os bairros Vila Assunção, Vila Conceição, Pedra Redonda, Camaquã, Cavalhada, Tristeza, parte de Ipanema, Vila Nova, Belém Velho e Belém Novo.

Em função do Tratado de Madri (1750)¹⁷, Portugal enviou 200 homens para tomar posse das Missões via Rio Jacuí, e destes 200, 80 são designados para permanecer em Viamão, em 1752. Na foz desse rio, estava o porto de Viamão (assim chamado pela “proximidade” com a Capela Grande de Viamão), também era chamado de Porto do Dorneles, em função do sesmeiro. Com a chegada dos casais açorianos, passou a chamar-se Porto dos Casais. Impedidos de prosseguir para as Missões em função da Guerra Guaranítica, os casais foram instalados às margens dos rios próximos às sesmarias temporariamente até poderem seguir seu curso. O território de Porto Alegre tornou-se a confluência das duas lutas que se travavam na Província: na cidade de Rio Grande, pela defesa do território ao sul, e na cidade de Rio Pardo, na tentativa de ocupação das Missões.

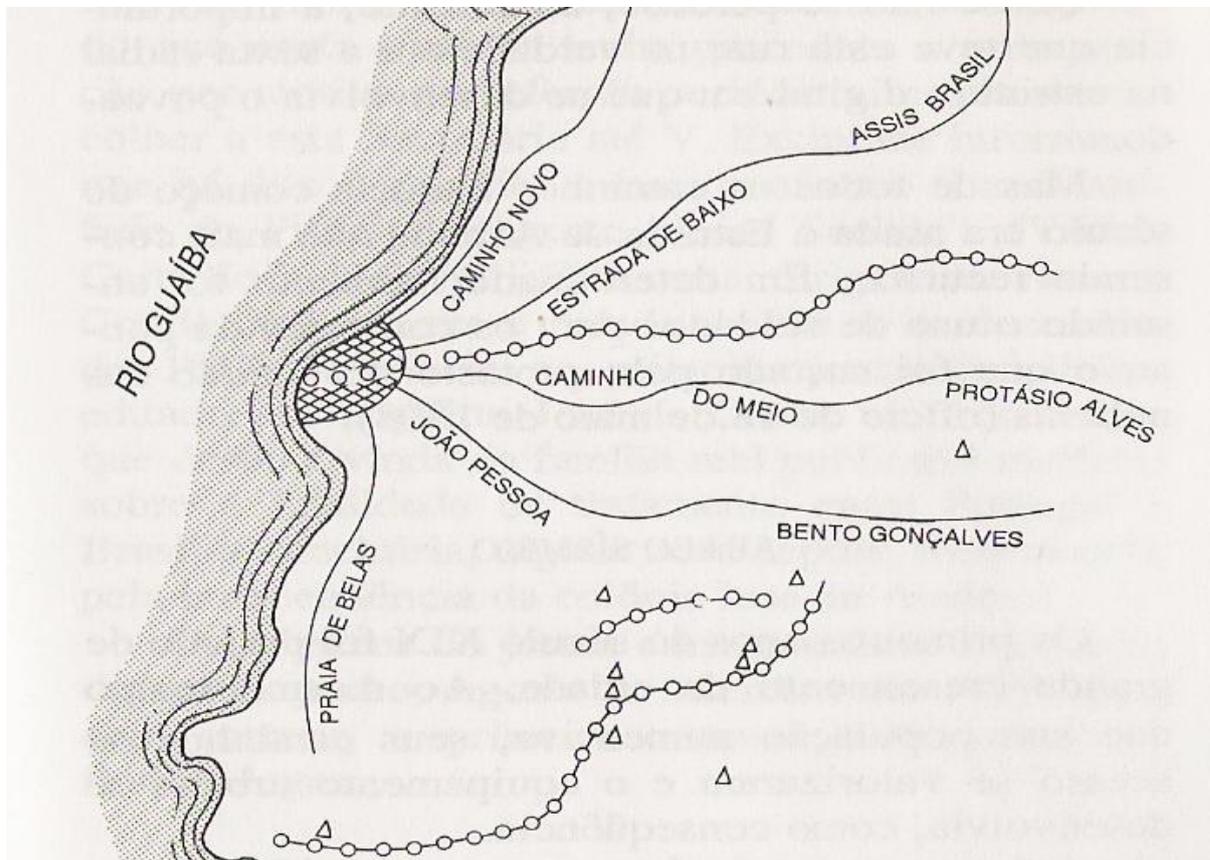
Em 1772, a cidade é oficialmente fundada, desvinculando-se de Viamão, passando a sediar os órgãos de poder da Província. O nome de Porto Alegre é registrado quando da transferência oficial da capital de Viamão para Porto Alegre, em 1773. Após 20 anos arranchados nas margens do Guaíba, os açorianos começaram a receber as terras prometidas, área do atual Centro Histórico de Porto Alegre.

A cidade cresceu: em 1780 registrava 1512 habitantes; em 1800 já contava com 3927 habitantes. Nessa época, outros caminhos fora da península adquiriram importância, ampliando a área urbana, marcada por cinco acessos: Caminho Novo (atual Av. Voluntários da Pátria), Estrada de Baixo (próxima à atual Av. Cristóvão Colombo) em direção a cidade de Gravataí, Caminho do Meio (atuais Av. Osvaldo

¹⁷ Este Tratado definia que Portugal entregaria a Colônia de Sacramento à Espanha em troca da região das Missões Jesuíticas, respectivamente ao sul e a oeste da Província de São Pedro, denominação da época para o Estado. Os jesuítas e os índios se revoltaram dando início à Guerra Guaranítica, de 1754 a 1756.

Aranha e Av. Protásio Alves), Estrada da Azenha (Av. João Pessoa e Av. Bento Gonçalves) e Caminho do Rio (atual Av. Praia de Belas).

Figura 1: Mapa da divisão das sesmarias que originaram Porto Alegre.



Fonte: MACEDO, 1993, pg. 43.

Em 1835, o Rio Grande do Sul mergulhou em uma guerra de caráter libertário. Veteranos das campanhas das Guerras do Prata, aliados à Guarda Nacional e a outros descontentes, se organizaram em uma milícia, posteriormente chamada Farroupilha. Porto Alegre se encontrava fortificada, mas isso não impediu que em 20 de setembro de 1835, esta fosse invadida pelas tropas rebeldes. Os Imperiais retomaram a cidade em junho de 1836 e, a partir de então, Porto Alegre sofreu três intermináveis cercos até o ano de 1840. Foi a resistência a esses cercos que deu à cidade o título de "Mui Leal e Valorosa". Apesar do inchaço populacional daqueles tempos, a cidade só voltaria a crescer sua malha urbana após 1845, com o fim da Revolução Farroupilha.

Foram anos prósperos, época em que os primeiros imigrantes alemães e italianos desembarcaram na capital, instalando restaurantes, pensões, pequenas

manufaturas, olarias, alambiques e diversos estabelecimentos comerciais. A Guerra do Paraguai (1865/70) transformou a capital gaúcha na cidade mais próxima do teatro de operações. A cidade recebeu dinheiro do governo central, além de serviço telegráfico, novos estaleiros, quartéis e melhorias na área portuária.

Segundo Souza (1997), a partir da segunda metade do século XIX, a cidade se expandiu ao longo de seus eixos de acesso: ao longo da Av. Voluntários da Pátria desenvolveu-se o Bairro Navegantes; as Av. Cristóvão Colombo e Benjamin Constant formaram outro eixo de desenvolvimento; o terceiro eixo foi a Av. Independência, considerada pela autora como “um divisor de águas”, sendo o traçado com topografia mais alta. O eixo Caminho do Meio (atuais Avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves constituiu uma ocupação pouco densa nesse período em função de atravessar uma área de banhado (o Campo da Redenção, local do atual Parque Farroupilha, mais conhecido como Parque da Redenção). Houve desenvolvimento também ao longo da Estrada do Mato Grosso (atuais Avenidas João Pessoa e Bento Gonçalves) no caminho para a cidade de Viamão.

Entre 1850 e 1890, os estabelecimentos comerciais se localizavam no centro da cidade, que contava também com fábricas de chapéus, móveis, funilaria, coches e produtos alimentares. Também neste período que a cidade passou a ter locais como teatro, prados, praças, sociedade literária, cadeia, arsenal de guerra, Palácio do Governo, asilos, biblioteca, instituto de educação, hospício, novos cemitérios, igrejas e capelas, entre outros. Foi desenvolvida também a infraestrutura da cidade, como a Hidráulica Porto-Alegrense, Machambomba¹⁸, iluminação a gás e telefones, linhas de bonde e estações ferroviárias. Além disso, nessa época se iniciam os aterros no entorno da península, prosseguindo de tal forma que a área atual é praticamente o dobro da inicial.

Souza (1997) aponta o período de 1890 a 1945 como a fase de industrialização de Porto Alegre. A esta industrialização associou-se um significativo aumento populacional: com pouco mais de 50 mil habitantes em 1890, chegou a 275 mil no ano de 1940. Neste período, sucederam-se quatro administrações que se tornaram importantes, com destaque para a de Loureiro da Silva, que resultou em numerosas obras para a remodelação da cidade. São deste período a obra do atual

¹⁸ Espécie de bonde que ia do Centro ao bairro Menino Deus, que funcionou de 1863 a 1870 e foi substituído pelos bondes.

Cais do Porto (de 1914 a 1922) e a abertura da Av. Farrapos (1940), além de obras de saneamento, alargamento de ruas do Centro e ligação do Centro à periferia. São também deste período diversos equipamentos que posteriormente seriam considerados como importantes para a história e tradição da cidade, além de espaços que permanecem na paisagem atual¹⁹.

A partir da década de 1940, Porto Alegre assumiu, definitivamente, seu caráter de centro administrativo, comercial, industrial e financeiro do Estado. Os animais de carga, que dominavam o cenário urbano, foram substituídos pelos modernos automóveis. Foram anos de ampliação das malhas viárias da cidade. A expansão do centro urbano, então, começava a se direcionar para as áreas sul e norte da península. Nas décadas de 1960 e 1970, grandes obras viárias foram feitas na capital, como os viadutos da Av. Borges de Medeiros, da Av. João Pessoa, do Ubirici, Tiradentes e Ildo Meneghetti. (MACEDO, 1993).

O mapa abaixo destaca a macrorregião chamada Centro (número 1 em laranja), dividida em 18 bairros. Entre eles, na orla, está o atual bairro Centro Histórico.

Figura 2: Mapa atual da Macrorregião Centro.



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/regpla+macroz+bairros_vig.pdf. Acesso em: 23 out. 2011.

¹⁹ Para mais informações sobre os intendentos do município e suas realizações do período de 1897 a 1937, ver: BAKOS, Margaret M. **Porto Alegre e seus eternos intendentos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

A nova denominação do bairro Centro Histórico está inserida em um contexto de políticas de preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre. Segundo Meira (2004), as políticas públicas de preservação²⁰ passaram a ser institucionalizadas, no município, na década de 1970, compreendendo ações relacionadas ao planejamento urbano e às ações específicas de proteção e conservação de bens patrimoniais.

Meira (2004) faz um comparativo entre o histórico de preservação de algumas capitais brasileiras e cita como características gerais:

[...] a preservação do patrimônio cultural edificado, em nível municipal, foi efetivada tanto através de leis de tombamento específicas quanto pelos instrumentos de planejamento urbano – planos diretores, leis de uso do solo etc. Há casos, como Porto Alegre e Florianópolis – municípios pioneiros, e São Paulo, onde os dois mecanismos são empregados. Em Curitiba e Recife, apenas os dispositivos urbanísticos dispõem sobre a preservação (MEIRA, 2004, p.73).

A autora comenta que o município de Porto Alegre é um dos pioneiros na área de planejamento urbano no Brasil. Já em 1914, o Plano Maciel²¹, foi o primeiro a sistematizar propostas para a rede viária da cidade, ocasionando a abertura de grandes avenidas como Borges de Medeiros, Salgado Filho, Julio de Castilhos e Beira Rio, todas localizadas na atual macrorregião Centro. Em 1959, Porto Alegre ganhou seu Plano Diretor, sendo a primeira cidade brasileira a fazê-lo.

Em 1971, a Câmara de Vereadores, através da Ementa à Lei Orgânica, determinou que o executivo municipal realizasse o levantamento dos bens imóveis de valor histórico e cultural, de expressiva tradição para a cidade, para fins de futuro tombamento (MEIRA, 2004). Neste primeiro levantamento foram definidos 59 itens agrupados por temas, como casas com azulejos, templos e edifícios religiosos, hospitais, edifícios públicos, asilos, próprios particulares, prédios luso-brasileiros e outros estilos.

Uma comissão, formada por representantes de diversas entidades em 1974, propôs a criação de um Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural²², além da

²⁰ Sobre o histórico e evolução das idéias a respeito de patrimônio histórico e conseqüentes políticas de preservação no mundo, ver: CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade / Editora UNESP, 2001.

²¹ O plano, que indicou as linhas fundamentais da estrutura urbana de Porto Alegre do século XX, foi nomeado em função de João Moreira Maciel, engenheiro-arquiteto contratado pelo governo para elaborá-lo (MACEDO, 1993).

²² A Lei 4.139, de julho de 1976, instituiu o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural – COMPAHC.

criação de incentivos fiscais aos proprietários de imóveis considerados patrimônio, ao mesmo tempo em que sugeria modificações no Plano Diretor. O relatório desta comissão tornou-se lei dois anos depois (Lei 4317/77), nomeando 47 itens considerados de valor histórico e cultural de Porto Alegre, a seguir relacionados:

Quadro 1: Bens tombados pela Lei 4317/77.

	Bens Tombados	Endereço
1	Fachada de azulejos	Rua dos Andradas, 1527 e 1529
2	Azulejos e peças decorativas da fachada do prédio	Rua Duque de Caxias, 876
3	Prédio de azulejos	Rua 7 de Setembro, 706 a 708
4	Fachada do 2º pavimento do prédio de azulejos	Rua dos Andradas, 891 e 895
5	Prédio de azulejos	Rua José Montauri, 121
6	Igreja Nossa Senhora da Conceição	Av. Independência, 230
7	Igreja Nossa Senhora das Dores	Rua dos Andradas 597 e Rua Riachuelo, 630
8	Catedral da Santíssima Trindade	Rua dos Andradas, 880
9	Capela de Nosso Senhor do Bom Fim	Av. Osvaldo Aranha, 462
10	Capela do Senhor dos Passos	Praça Dom Feliciano
11	Capela de Belém Velho	Rua Nossa Senhora de Belém Velho
12	Convento de Nossa Senhora do Carmo	Av. Perimetral I, 342
13	Seminário Episcopal (atual Cúria Metropolitana)	Rua Cel. Fernando Machado
14	Prédio do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência (atual Museu de História da Medicina)	Av. Independência, 270
15	Prédio da Santa Casa de Misericórdia (parte antiga colonial)	Praça Dom Feliciano
16	Paço dos Açorianos	Praça Montevidéu
17	Prédio da antiga Assembléia Legislativa	Rua Duque de Caxias, 1005
18	Prédio	Praça Mal. Floriano, 110 e 120
19	Teatro São Pedro	Praça Mal. Deodoro
20	Biblioteca Pública Estadual	Rua Riachuelo
21	Faculdade de Direito	Av. João Pessoa, 52
22	Prédio do Museu Júlio de Castilhos	Rua Duque de Caxias, 1231
23	Prédio da ex-Imprensa Oficial (atual Museu da Comunicação);	Rua dos Andradas, 959 a 963
24	prédio da Delegacia Fiscal (atual MARGS)	Quarteirão: Praça Barão do Rio Branco, Av. Sepúlveda, Ruas Siqueira Campos e Capitão Montanha
25	Prédio dos Correios e Telégrafos (atual Memorial do RS)	Quarteirão: Praça Barão do Rio Branco, Cassiano Nascimento, Siqueira Campos e Av. Sepúlveda
26	Asilo Padre Cacique	Av. Padre Cacique, 1178
27	Solar do Visconde de Pelotas	Rua Duque de Caxias, 968
28	Casa de Veraneio de Júlio Prates de Castilhos	Av. Prof. Oscar Pereira, 5775
29	Prédio	Rua Florêncio Ygartua, 248 e 264
30	Casa de Lopo Gonçalves, atual Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo	Rua João Alfredo, 582
31	Prédio	Rua Riachuelo, 645
32	Prédio	Travessa Paraíso, 71
33	Prédio	Av. Protásio Alves, 1578
34	Prédio	Estrada Edgar Pires de Castro, 116
35	Prédio	Rua dos Andradas, 1049
36	Prédio	Rua dos Andradas, 1035 e 1041

37	Prédio	Rua Riachuelo, 1638
38	Prédios	Praça de Belém Velho, 6, 14, 26, 30, 32 e 40
39	Estátuas da fachada da Igreja	Rua Padre João Batista Reus, 1133
40	Estátuas da fachada do prédio	Av. Getúlio Vargas, 1526
41	Ponte de Pedra	Parque dos Açorianos
42	Chaminé da antiga Usina do Gasômetro	Rua Gen. Salustiano, 21
43	Porta e respectiva bandeira da fachada da Capela	Rua Domingos Crescêncio, ao lado do nº 559
44	Frades de Pedra	Praça Argentina
45	Quatro esculturas de mármore, representativas dos Rios formadores do Lago Guaíba	Praça Dom Sebastião
46	Travessa dos Venezianos	Rua Lopo Gonçalves, 506 e 534; Rua Joaquim Nabuco, 383 e 397; Travessa dos Venezianos, 12, 14, 15, 19, 20, 22, 25, 26, 30, 31, 36, 37, 38, 44 e 45;
47	Prédio do Mercado Público	Quartirão: Av. Borges de Medeiros, Av. Júlio de Castilhos, Praça Parobé e Praça XV de Novembro

Fonte: MEIRA, 2004, p. 161-168.

A lei de tombamento municipal é aprovada em 1979, instituindo, no ano seguinte, o Livro do Tombo Histórico (MEIRA, 2004). Na década de 1980, nova listagem com mais 25 edificações foi promulgada através da Lei 5260/82. São elas:

Quadro 2: Bens tombados pela Lei 5260/82.

	Bens Tombados	Endereço
1	Colégio Pio XII	Rua Gen. Auto, 68
2	Prédio da Escola de Engenharia	Av. Osvaldo Aranha, 99
3	Instituto de Matemática	Rua Sarmiento Leite, 425
4	Escola Ernesto Dornelles	Rua Duque de Caxias, 385
5	Hospital São Pedro	Av. Bento Gonçalves, 2466
6	Templo Positivista	Av. João Pessoa, 1058
7	Igreja Santa Terezinha	Av. José Bonifácio
8	Igreja Nossa Senhora dos Navegantes	Praça Navegantes
9	Palácio Piratini	Praça Marechal Deodoro
10	Prédio Galeria Chaves	Rua dos Andradas, 1432, 1438 e 1444
11	Varejo Bromberg	Rua dos Andradas, 1546
12	Prédio Hotel Majestic	Rua dos Andradas, 748
13	Prédios	Rua José Montauray, 141 e 147
14	Prédio de fundos da antiga Livraria do Globo	Rua José Montauray 101
15	Prédio Casa Victor	Rua dos Andradas, 1212
16	Prédio da antiga Livraria do Globo	Rua dos Andradas, 1416
17	Chalé com estrutura metálica	Praça XV
18	Prédios	Rua José Montauray, 115
19	Prédios	Rua José Montauray, 155
20	Prédios	Rua José Montauray, 167
21	Prédios	Rua José Montauray, 159 (pav. 1 e 2) e 161 (térreo)
22	Igreja São José	Rua Alberto Bins, 48
23	Prédio da CEEE	Rua dos Andradas, 1223
24	Prédio da comunidade Pão dos Pobres	Av. Praia de Belas, 76 e 120

Fonte: MEIRA, 2004, p. 169-171.

Buscando a participação da comunidade na preservação do patrimônio, em 1995 realizou-se o seminário “A memória numa cidade democrática”, em que foram definidos os rumos das políticas públicas sobre patrimônio, como descentralização, participação popular, educação patrimonial e construção de memórias.

A descentralização referia-se a uma extrapolação da dimensão meramente espacial da cidade, considerando-a como “[...] produto de sujeitos sociais que tecem uma rede de significações, identidades, pertencimentos, vivências, intervenções, expectativas e memórias” (MEIRA, 2004, p. 103).

A participação popular partia do pressuposto de que a preservação da memória cultural era responsabilidade de toda a sociedade e não só do poder público, o que implica abrir à comunidade a possibilidade de participar na definição e implantação de políticas relativas ao patrimônio.

Os Congressos da Cidade também foram espaços que contemplaram o tema da preservação, principalmente o primeiro, realizado em 1993, que tinha como uma das diretrizes aprovadas a

[...] identificação e classificação do patrimônio ambiental (patrimônio cultural e ambiental entendidos de forma integral e indissociável) através do conhecimento com vistas à preservação e valorização dos elementos que o compõem” (MEIRA, 2004, p. 132).

Neste 1º Congresso também se definiu a necessidade de revisão do Plano Diretor. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental – PDDUA (MEIRA, 2004), aprovado em 1999, passou a incorporar o novo conceito de planejamento da cidade, baseado na participação da cidadania na discussão da cidade, firmando a preservação como conceito definitivamente assimilado.

A base conceitual definiu como patrimônio ambiental do município tanto o meio natural quanto o cultural, entendido como qualquer manifestação material ou imaterial representativa do homem e sua cultura (MEIRA, 2004, p. 104-105).

Meira (2004) considera que, na década de 1990, de fato houve um aumento da participação dos cidadãos não-intelectuais, de moradores e anônimos que passaram a tomar a iniciativa de se manifestar em favor de um patrimônio coletivo. Neste período houve incidência de solicitações de tombamento apresentadas pela comunidade. Até 1999, pouco mais de um terço dos bens patrimoniais referidos pelas leis 4.317/77 e 5.260/82 havia sido efetivamente protegido através de tombamento, conforme disposto nas próprias leis.

Segundo Meira (2004), a partir de 1988, os tombamentos não estão mais relacionados a um trabalho prévio de prioridades baseadas em listagens ou a critérios de seleção explícita.

À medida que solicitações externas através de proprietários, de abaixo-assinados ou de demandas no orçamento vão ocorrendo, delimitou-se um novo universo. Nota-se que continua a coerência em relação ao não-excepcional e não-monumental, mas o poder público deixou de ser o proponente da política de tombamentos (MEIRA, 2004, p. 87).

Além da mudança na demanda dos tombamentos, a autora destaca a política do município de privilegiar com os tombamentos tanto imóveis representativos do poder público e classes mais abastadas quanto imóveis representativos de populações menos favorecidas, como pequenas casas de aluguel²³. Ela registra também que a metade dos tombamentos, realizados entre 1979 e 1999, foram residências, o que também confere característica especial ao acervo, pois representa o cotidiano de parte da sociedade civil.

O PDDUA, aprovado em 1999 (MEIRA, 2004), descreve as áreas de revitalização da seguinte forma:

Art. 81 - São Áreas de Revitalização:

I - os setores urbanos que, pelo seu significativo Patrimônio Ambiental ou pela sua relevância para a cidade, devam ter tratamento diferenciado a fim de valorizar suas peculiaridades, características e inter-relações;

II - áreas que integrem projetos, planos ou programas especiais, e que, visando à otimização de seu aproveitamento e a reinserção na estrutura urbana, atenderão às normas específicas definidas.

Art. 83 - Ficam identificadas, entre outras, as seguintes Áreas de Revitalização:

I - Centro Histórico - local de origem da cidade e de concentração de grande diversidade de atividades urbanas. Deverá ser objeto de plano específico envolvendo a multiplicidade de situações que o caracterizam (PORTO ALEGRE, 2010, p.08).

Em 2002, a Prefeitura de Porto Alegre aderiu ao Programa Monumenta, programa estratégico do Ministério da Cultura. Ele atua em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sua proposta é agir de forma integrada em cada um desses locais, promovendo obras de restauração e recuperação dos bens tombados e edificações localizadas nas áreas de projeto. Além de atividades de capacitação de mão de obra especializada em restauro, formação de agentes locais de cultura e turismo, promoção de atividades econômicas e programas educativos. Conta com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID e o apoio da Unesco.

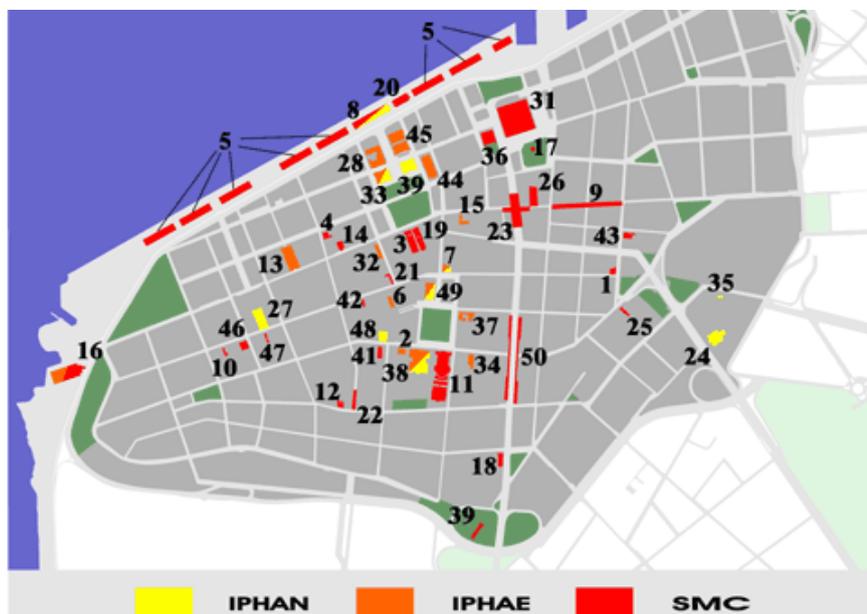
²³ Um exemplo desta inclusão de imóveis de classes populares é a Travessa dos Venezianos.

Um dos objetivos do Programa Monumenta é permitir que o patrimônio histórico e artístico com proteção federal tenha suas características restauradas e dependa cada vez menos de recursos federais para sua conservação. É implementado nas cidades a partir da assinatura de convênios firmados entre o Ministério da Cultura, prefeituras e/ou estados, mediante os quais se estabelecem as atribuições de cada uma das partes, os valores a serem repassados e os prazos de execução das obras.

Atualmente, 26 cidades participam do Programa Monumenta²⁴. Todas elas foram escolhidas de acordo com a representatividade histórica e artística, levando em consideração a urgência das obras de recuperação. Entre o acervo selecionado, estão centenas de monumentos como museus, igrejas, fortificações, casas de câmara e cadeia, palacetes, conjuntos escultóricos, conventos, fortes, ruas, logradouros, espaços públicos e edificações privadas em todas as áreas tombadas pela União.

Em Porto Alegre, a área definida para atuação refere-se à área tombada pelo IPHAN do Centro Histórico, conforme mapa abaixo.

Figura 3: Mapeamento de bens tombados no Centro Histórico de Porto Alegre.



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?p_secao=41> . Acesso em: 23 out. 2011.

²⁴ São elas: Alcântara (MA), Belém (PA), Cachoeira (BA), Congonhas (MG), Corumbá (MS), Diamantina (MG), Goiás (GO), Icó (CE), Laranjeiras (SE), Lençóis (BA), Manaus (AM), Mariana (MG), Natividade (TO), Oeiras (PI), Olinda (PE), Ouro Preto (MG), Pelotas (RS), Penedo (AL), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), São Cristóvão (SE), São Francisco do Sul (SC), São Paulo (SP), Serro (MG).

A legenda do mapa corresponde aos seguintes bens:

1. Antiga Confeitaria Rocco;
2. Antiga Provedoria da Real Fazenda
3. Antigo Cine Imperial
4. Antigo Hotel Nacional
5. Armazéns do Cais do Porto A1, A2, A3, A4, A5, A6, B1, B2, B3
6. Arquivo Público
7. Biblioteca Pública do Estado
8. Cais do porto - Pórtico e Armazéns A e B
9. Calçamento entre Mal. Floriano e Dr. Flores
10. Casa da Riachuelo, 525
11. Catedral Madre de Deus e Curia e Metropolitana
12. Casario da Fernando Machado, 464, 472, 480
13. Casa de Cultura Mário Quintana
14. Catedral da Santíssima Trindade da Igreja Episcopal do Brasil
15. Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo
16. Centro Cultural Usina do Gasômetro
17. Chalé da Praça XV
18. Cinemateca Capitólio
19. Clube do Comércio
20. Departamento Estadual de Portos Rios e Canais - Deprec
21. Edifício Tuyuty - GBOEX
22. Escadaria João Manoel
23. Esquina Democrática
24. Faculdade de Direito da UFRGS
25. Fundação de Economia e Estatística
26. Galeria Chaves
27. Igreja Nossa Senhora das Dores
28. Inspetoria da Receita Federal
29. Memorial do RS
30. Mercado Público Central
31. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa
32. Museu de Artes do RGS Ado Malagori - Margs
33. Museu Júlio de Castilhos

34. Observatório Astronômico da UFRGS
35. Paço dos Açorianos - PM
36. Palácio do Ministério Público
37. Palácio Piratini
38. Ponte de Pedra
39. Praça da Alfândega e entorno
40. Praça da Matriz e da Alfândega - Sítio Histórico
41. Pinacoteca Ruben Berta
42. Prédio da Riachuelo, 933
43. Prédio João Paz Moreira
44. Santander Cultural
45. Secretaria da Fazenda
46. Solar Conde de Porto Alegre
47. Solar da Riachuelo, 645
48. Solar dos Câmara
49. Teatro São Pedro
50. Viaduto Otávio Rocha

Paralelo ao Programa Monumenta, a Prefeitura de Porto Alegre desenvolve o Projeto Viva o Centro desde em 2006²⁵, gerido pela Secretaria Municipal de Planejamento em parceria com diversas outras instâncias do governo municipal. O projeto considera que é preciso tanto valorizar o Centro Histórico, considerando seu status diferenciado com relação às demais regiões da cidade, como reforçar e qualificar a atratividade que sempre existiu. Segundo a assessoria de imprensa do projeto, para atingir estes objetivos é imprescindível uma gestão integrada, contínua e de longo prazo, com atuação por meio da articulação de ações estratégicas.

Em 2010, a Prefeitura de Porto Alegre publica a Síntese do Plano Estratégico – Reabilitação da Área Central de Porto Alegre, em que apresenta o Centro Histórico como o maior patrimônio arquitetônico e artístico da cidade, cujos espaços possuem um potencial pouco explorado.

Segundo este documento, a Reabilitação do Centro Histórico tem caráter integrador e busca a participação dos diversos órgãos do Município, bem como das

²⁵ A Síntese do Plano Estratégico do Projeto Viva o Centro está disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/usu_doc/relatorio_vivocentro.pdf>.

diversas esferas e setores sociais, visando à construção conjunta de soluções e à potencialização de oportunidades para o desenvolvimento da área central de Porto Alegre.

A Síntese do Plano Estratégico descreve, como metodologia para sua elaboração, a realização de dois Encontros de Planejamento, três oficinas com a sociedade e um Workshop. O 1º Encontro de Planejamento, ocorrido em 24 e 25 de outubro de 2006, teve como foco a Reabilitação de Centros Urbanos. Seu objetivo foi compartilhar experiências desenvolvidas em áreas centrais de outras cidades, procurando envolver a sociedade no processo de revitalização do Centro Histórico. Estiveram presentes palestrantes de quatro países e de duas cidades brasileiras: Colômbia (Bogotá), Portugal (Lisboa), Equador (Quito), Argentina (Córdoba) e Brasil (Belo Horizonte e Santos).

O 2º Encontro de Planejamento, realizado nos dias 06 e 07 de maio de 2008, teve por objetivo identificar e discutir os cenários futuros da capital com palestrantes representativos de diversos temas como turismo, cultura e lazer, atividades comerciais e residenciais, segurança e projetos estruturadores do Centro Histórico. Participaram do evento representantes das cidades de Barcelona, Buenos Aires e São Paulo, que palestraram sobre temas correlatos.

As duas Oficinas com a Sociedade contaram com a participação de representantes do poder público, do setor empresarial, dos moradores, dos comerciantes e de outros grupos da sociedade civil. Foram realizadas em 14 de novembro de 2006 e em 14 de setembro de 2008.

O Workshop do Plano Conceitual teve como objetivo a troca de ideias e análises rápidas para propiciar o desenvolvimento de propostas gráficas e escritas. Participaram representantes dos corpos docente e discente das universidades UFRGS, UNIRITTER e IPA, arquitetos da Prefeitura de Barcelona e representantes do Grupo Técnico da PMPA. A atividade, realizada entre 6 e 9 de outubro de 2008, iniciou com uma visita ao território e com uma palestra sobre as experiências em reabilitação da cidade de Barcelona. No dia seguinte, foram apresentadas as iniciativas concretas e em estudo do Programa Viva o Centro. Os participantes foram divididos em grupos e desenvolveram as propostas, passando pela análise dos dados e por debates internos. Na última etapa da oficina, o material produzido por cada grupo, ao longo das atividades, foi sintetizado e registrado.

Todas essas ações demonstram um crescente interesse e até mesmo preocupação em relação à manutenção do patrimônio cultural de Porto Alegre, e sua apropriação pelos seus habitantes. É neste contexto que surge a ação Viva o Centro a Pé, elaborada seguindo o mesmo foco de preservação a partir da participação e do uso popular.

3.2 O Viva o Centro a Pé

O Projeto Viva o Centro procura estimular, além do seu caráter predominantemente de comércio e serviços da área central, outras vocações importantes e compatíveis com seu potencial econômico, cultural e ambiental, melhorando as condições gerais do bairro. Volta-se, desta forma, para questões como a paisagem, a recuperação de prédios e áreas públicas, o transporte coletivo e individual, a segurança, a moradia e o comércio informal. O trabalho é desenvolvido através de um conjunto de ações.

Uma das macroações do projeto intitula-se Conscientização e Divulgação dos Valores Culturais²⁶. A sua justificativa é que um dos fatores que fragilizam o Patrimônio Cultural é a falta de consciência sobre seu valor como elemento constitutivo da memória de uma sociedade. A conscientização ambiental e patrimonial estabelece bases sociais para uma nova relação, uma nova forma de perceber o Centro Histórico, com o reconhecimento dos seus valores históricos e culturais.

O projeto coloca como finalidades desta ação:

- Conscientizar, sensibilizar e difundir a importância do Patrimônio Cultural, incentivando sua valorização e cuidado;
- Divulgar os diversos atrativos e as melhorias no setor;
- Envolver a participação cidadã como elemento fundamental para a formulação das ações.

Uma das ações realizadas para atingir estes objetivos é o Viva o Centro a Pé, que consiste em caminhadas guiadas, orientadas por profissionais das áreas de

²⁶ Síntese do Plano Estratégico – Reabilitação da Área Central da Porto Alegre, 2010, pg. 46, documento virtual da Prefeitura, disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/usu_doc/relatorio_vivocentro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2011.

história, arquitetura, artes e turismo que narram a história de edificações e espaços públicos. A atividade é realizada regularmente desde março de 2007, apesar de ter contado com uma edição piloto em setembro de 2006. Atualmente, as caminhadas ocorrem no segundo e último sábados de cada mês com saída às 10h da esquina da Rua Marechal Floriano Peixoto com a Praça Daltro Filho, no Centro Histórico da capital.

A participação é aberta à comunidade e visitantes e, como ingresso, é solicitada a doação de alimentos não perecíveis destinados a entidades sociais carentes. Cada roteiro é diferenciado, pois possui trajeto próprio e é orientado por professores com diferentes áreas de abordagem. A média de participantes por encontro é de 150 pessoas²⁷. A média de público anual estimada é de 2.500 pessoas.

3.2.1 Histórico da Ação

A ação do Viva o Centro a Pé surgiu da necessidade de animação e divulgação de outra ação do projeto Viva o Centro, intitulado Caminho dos Antiquários. Este foi oficializado pela Lei nº 9.943, de 26 de janeiro de 2006, que o institui em uma feira do município. Consiste em um passeio cultural em um trecho do Centro Histórico de Porto Alegre, localizado em um triângulo formado pela Praça Daltro Filho (conhecida como a Praça do Capitólio), a Praça Marquesa de Sevigne e o Viaduto Otávio Rocha. Com arquitetura típica do início do século passado, ali concentram-se cerca de 20 lojas de antiguidades, além de boutiques, estacionamento, cafés, serviços, lazer, bares e restaurantes. Foi constituída a Associação do Caminho dos Antiquários, que congrega várias destas empresas, com a responsabilidade de administrar e divulgar a ação.

A feira acontece aos sábados das 10h às 16h, exceto em dias chuvosos, na última quadra da rua Mal. Floriano (entre a Av. Fernando Machado e a Rua Demétrio Ribeiro) e na “Praça do Capitólio”. Expositores e lojistas espalham pela rua e calçadas seus móveis e objetos antigos, que compõem uma atmosfera peculiar. Artistas plásticos e artesãos também participam. A feira possui também

²⁷ Estimativa feita pelos organizadores, dados obtidos em entrevista com Liane Klein em 18 de março de 2011. Os dados são aproximados, pois, apesar de haver solicitação de inscrições por e-mail, muitas pessoas vão diretamente ou juntam-se ao grupo durante o roteiro.

programação variada incluindo apresentações musicais, aulas de dança na rua, desfiles, e mostras específicas de determinados tipos de antiguidades²⁸.

Ao final do primeiro ano da Feira do Caminho dos Antiquários, os organizadores, em parceria com Gabinete da Primeira Dama e a Secretaria de Planejamento Municipal, buscaram formas de dar visibilidade e atrair público. Surgiu assim a proposta de uma caminhada no Centro Histórico, guiada por um professor, partindo do Caminho dos Antiquários.

Assim, a assessora do Gabinete da Primeira Dama Liane Klein, acompanhada do professor de história da PUCRS Charles Monteiro, realizaram, no segundo semestre de 2006, uma visita técnica percorrendo um trecho do Centro Histórico, simulando a caminhada e cronometrando o tempo. A partir deste estudo, foi realizada a ação piloto em setembro do mesmo ano com roteiro guiado pelo professor de arquitetura Cláudio Calovi Pereira. A partir do êxito da ação, foi organizada uma programação de caminhadas para ano seguinte, de março a dezembro de 2007, com uma caminhada mensal, tendo sido realizadas 9 caminhadas, com um público anual estimado em 1.500 pessoas.

Em 2008, os organizadores da ação decidiram expandir as atividades, propondo duas caminhadas mensais. A primeira do mês, realizada no segundo sábado, teria roteiros voltados ao Centro Histórico. Já a segunda caminhada do mês, realizada no último sábado, ofereceria novos roteiros em diferentes bairros da capital, como Cidade Baixa, Moinhos de Vento, 4º Distrito, Azenha. O público daquele ano praticamente dobrou foram realizadas 16 caminhadas com a estimativa de 2.500 participantes.

O mesmo formato de programação se manteve em 2009 e 2010, e permanece atualmente em 2011, sempre de março a dezembro. A partir do verão de 2010, foi feita uma parceria com a Secretaria Municipal de Turismo, para a realização das Caminhadas Turísticas de Verão. Com saída do mesmo local e horário, foram oferecidas caminhadas conduzidas por guias de turismo da própria SMTUR. Entre janeiro e fevereiro de 2010 foram realizadas 4 caminhadas, repetindo o mesmo formato no início de 2011. Os organizadores do evento relatam que a

²⁸ Site do Caminho dos Antiquários, disponível em: <<http://www.caminhodosantiquarios.com.br/gira/textos/index.php?id=2068>>. Acesso em: 31 mar. 2011.

média de público permaneceu muito próxima à das caminhadas realizadas entre março e dezembro.

3.2.2 Os Organizadores

Participam da organização do Viva o Centro a Pé o Gabinete da Primeira Dama, sendo a gestora responsável da ação a assessora Liane Klein²⁹. Neste Gabinete é realizada a definição da programação, o convite aos professores participantes, a articulação com os outros órgãos parceiros, além das inscrições e da promoção das caminhadas. A divulgação é realizada para o mailling de interessados cadastrados (cerca de 1.500), além de toda a rede virtual da Prefeitura. A programação também é divulgada no site³⁰ do Projeto Viva o Centro e do Caminho dos Antiquários e inclui convite para a participação da imprensa.

A Secretaria de Planejamento foi participante desde o início da ação, através da atuação do arquiteto Glênio Bohrer, gestor do Projeto Viva o Centro e um dos professores convidados a conduzir os roteiros. A Secretaria da Cultura participa também, com a cedência de equipamentos de som e a verba destinada à contratação dos professores. Mais recentemente, a Secretaria Municipal de Turismo passou a colaborar com as Caminhadas de Verão, além da divulgação em seu site e nos centros de informações turísticas do município.

Desde o início da ação, os comerciantes do Caminho dos Antiquários também foram apoiadores, participando com o apoio logístico e a cedência de espaço para armazenamento das doações recebidas como ingresso. A Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) colabora cedendo fiscais de trânsito, que facilitam a travessia dos grandes grupos nas vias públicas, e a empresa pública de transporte coletivo, Carris, oferece transporte gratuito de ida e volta aos participantes em dias de roteiros de percurso mais extenso, como no caso do Roteiro de Igrejas ou roteiros em outros bairros.

²⁹ Liane Klein é formada em Ciências Sociais, atuando como produtora cultural na área musical. Desde 2005 é Assessora no Gabinete da 1ª Dama da Prefeitura de Porto Alegre, sendo responsável pela ação Caminho dos Antiquários e Viva o Centro a Pé.

³⁰ Site da ação disponível em:
<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?reg=2&p_secao=120>.

3.2.3 Os Roteiros

O site do Viva o Centro a Pé apresenta o histórico dos roteiros realizados de 2008 até o presente momento, com a descrição de datas, professores e explicitação dos roteiros³¹. Percebe-se inclusive que em 2008³² as divulgações eram apresentadas acompanhadas de mapa registrando o trajeto com legenda, prática que não teve continuidade nos anos seguintes. Segundo Liane Klein (2011), os roteiros são programados seguindo a já referida proporção, a cada mês um roteiro no Centro Histórico e um roteiro em outro bairro. A organizadora relata a flexibilidade para a criação de novos roteiros, pois é frequente a sugestão por parte dos participantes. Desta forma, por exemplo, foi criado o Roteiro Cemitérios, sugerido pela professora que hoje o conduz, Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho.

A presente pesquisa analisou os roteiros realizados na programação dos anos 2007 a 2010, e do ano de 2011 até o final do mês de outubro, contabilizando 75 roteiros executados. Desde 2007 foram realizados também alguns roteiros ou ações chamadas pelos organizadores de edições especiais, geralmente em função de datas comemorativas. A partir de janeiro de 2010, foram realizados roteiros chamados de Caminhadas Turísticas de Verão³³, nos meses de janeiro e fevereiro. Por se tratar de atividades em períodos diferentes e com peculiaridades em relação à temática e aos profissionais condutores, optei por não incluí-los nesta análise³⁴.

Cada roteiro prevê, além da caminhada, a visita interna de pelo menos um espaço, dando preferência a locais que normalmente ofereceriam menor acesso ao público em geral. Um exemplo foi a primeira caminhada realizada em 2011, que ofereceu visita interna à Biblioteca Pública do Estado, fechada para restauro desde 2006. Neste roteiro, a organização contou 300 participantes que visitaram a Biblioteca divididos em grupos de 20 (por questões de segurança em relação à obra de restauro do prédio). Esta proposta de visita interna é proveniente da preocupação

³¹ O Anexo A desta pesquisa apresenta todos os roteiros realizados em ordem cronológica de março de 2007 a outubro de 2011.

³² Os dados de 2007 foram obtidos a partir de pesquisa em jornais de circulação municipal daquele ano, além de informações obtidas da coordenadora da ação.

³³ Sobre as Caminhadas Turísticas de Verão ver: MAIO, Ivone. **Caminhadas Turísticas no Centro Histórico de Porto Alegre – construindo significados turísticos, históricos e culturais**. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sma/default.php?p_secao=100>.

³⁴ Apesar de não serem analisadas, as informações obtidas sobre estes roteiros estão compilados no Anexo B.

da organização em estimular e facilitar o acesso da comunidade a espaços de interesse histórico.

Os roteiros, por diversificarem suas visitas internas e o professor condutor, são bastante variados, mesmo em espaços similares. Vários roteiros não são nomeados pela organização do Viva o Centro a Pé. Para este estudo, os roteiros foram agrupados em 18 tipos, sendo 8 na área do Centro Histórico, 2 na área do Centro Histórico e mais um bairro, além de 8 roteiros em bairros diversos.

Quadro 3: Tipos de roteiros realizados.

Bairro	Nome	Descrição	Realizados
Asilo Padre Cacique e Hospital São Pedro	Cláudio Calovi Pereira	Visitação a dois importantes prédios da época do Brasil Imperial, que foram projetados pelo arquiteto Álvaro Nunes Pereira: o Asilo Padre Cacique e Hospital São Pedro.	1
Azenha	Cemitérios	Arte funerária nos Cemitérios da Santa Casa e Evangélico.	6
Centro Histórico	Arranha-céus	Av. Borges de Medeiros, Rua Gerônimo Coelho e Praça da Matriz: Edif. Faial, Assembléia Legislativa do RS e Palácio da Justiça, Edif. Brasileiro de Moraes. Na Av. Salgado Filho: os edif. da CRT e Jaguaribe. Regressando à Av. Borges de Medeiros: Edif. Vera Cruz, Edif. Sul América, Edif. Sulacap e os Edif. Planalto, Província e Missões. No Largo Visconde de Cairu: Edif. Consórcio e Palácio do Comércio. Av. Júlio de Castilhos até a Rua Siqueira Campos: Prefeitura Nova. Na Rua Francisco Leonardo Truda: Edif. Formac. Na Praça Montevideu: Edif. Comendador Azevedo, Edif. Sede do Banco do Brasil, Edif. União, Piratini e City Hotel, Edif. Sede do Banco da Província. Na Rua Sete de Setembro: Edif. Sulbanco. Na Praça da Alfândega: Edif. da Cia. Previdência do Sul/Imperial, Clube do Comércio, Edif. Sede do Banco Lar Chase. Concluindo, visitação ao maior e único arranha-céu em estrutura metálica da cidade, o Edifício Santa Cruz, na Rua dos Andradas.	1
Centro Histórico	Caminhada Literária	Viaduto Otávio Rocha, Av. Duque de Caxias, Rua da Praia (Rua dos Andradas) até a Livraria do Globo, Praça XV de Novembro, Mercado Público e Praça da Alfândega	5
Centro Histórico	Carlos Urbim	Ladeira do Liceu e última casa de Mario Quintana. Viaduto da Otávio Rocha, Associa�o Rio-grandense de Imprensa e Teatro de Arena. Museu Julio de Castilhos, Praça da Matriz, Rua da Ladeira, Praça da Alfândega, Histórias da Rua da Praia, antigos cinemas de calçada. Esquina da Imprensa: Correio do Povo, Museu Hipólito da Costa. Término na Casa de Cultura Mario Quintana.	1

Centro Histórico	Sem nome ³⁵	Roteiros diversificados sem nome ou identificação de temática diferenciada	35
Centro Histórico	Igrejas da Área Central	Igreja Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Igreja São José, Igreja Luterana da Reconciliação, Capela Nosso Senhor dos Passos (Santa Casa), Igreja Metodista Central, Catedral Metropolitana.	3
Centro Histórico	Palácios	Paço Municipal, Palácio Piratini, Cúria Metropolitana, Solar dos Câmara	2
Centro Histórico	Esculturas públicas do Centro Histórico de Porto Alegre - monumentos e fachadas	Viaduto Otávio Rocha, Praça da Matriz, Avenida Sepúlveda, encerrando na Fonte Talavera.	1
Centro Histórico	Trilha do mito fundador gaúcho	Praça da Matriz, Catedral Metropolitana, Palácio Piratini, Teatro São Pedro, Assembleia Legislativa, Memorial do RS e Marco Zero (Prefeitura). Esta caminhada a pé pelo Centro Histórico de Porto Alegre pretende investigar, em importantes edificações e monumentos, aspectos que revelem o universo de crenças partilhadas pelos gaúchos em um imaginário coletivo.	2
Centro Histórico e Bom Fim	Prédios da UFRGS	Rua Fernando Machado, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, antigo Colégio Parobé, hoje Museu do Motor, Observatório Astronômico.	2
Centro Histórico e Floresta	Obras de Theo Wiederspahn	MARGS, Memorial do RS, Santander Cultural, Casa de Cultura Mario Quintana, Edifício Chaves, Shopping Total e Edifício Ely	2
Cidade Baixa	Cidade Baixa	Caminho dos Antiquários, Ponte de Pedra, Monumento aos Açorianos, Colégio Pão dos Pobres, Museu de Porto Alegre, Travessa dos Venezianos, Centro Comercial Olaria.	3
Cristal		Jockey Club do RS e Fundação Iberê Camargo.	2
Floresta	4º Distrito	Prédios históricos do entorno da Avenida Voluntários da Pátria	2
Independência		Praça Dom Sebastião, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Museu de História da Medicina, Casa Torelly, Praça Júlio de Castilhos.	1
Moinhos de Vento	Moinhos de Vento	Praça Júlio de Castilhos, Jardim Cristofel, e hidráulica do Moinhos de Vento (DMAE), com visitação interna. Ruas Fernando Gomes, Barão de Santo Ângelo, Hilário Ribeiro, Luciana de Abreu e Santo Inácio. Praça Maurício Cardoso.	5

³⁵ Roteiros em que não foram citados os nomes/títulos em sua divulgação por e-mail ou no site do Viva o Centro a Pé.

Vila do IAPI	Helton Estivalet Bello	Loteamento concebido originalmente para moradia dos trabalhadores da indústria. Construído entre 1946 e 1952 na periferia da cidade à época, o conjunto possui uma grande variação de edificações, de casas unifamiliares isoladas, geminadas e de pequenos ou extensos blocos de habitação coletiva, apresentando também serviços básicos para a comunidade, como comércio, posto de saúde, escola, igreja, sede esportiva, etc. A principal característica da Vila é sua paisagem, onde os espaços vegetados e a densa arborização de suas ruas sinuosas e inúmeras praças realçam a ambiência das edificações, caracterizando a adoção do modelo da cidade-jardim inglesa na capital gaúcha. Pela qualidade e harmonia de seu espaço aberto e construído, a Vila do IAPI é hoje reconhecida como patrimônio cultural de Porto Alegre.	1
--------------	------------------------	--	---

Fonte: A autora (2011).

É possível perceber a ênfase dada ao Centro Histórico, mesmo quando os roteiros têm temas variados, como arquitetura, literatura e arte. Há também grande diversidade de trajetos, o que pode atrair o mesmo participante diversas vezes durante o calendário anual. Além disso, um mesmo roteiro pode oferecer variadas visitas internas ou diferentes professores conforme cada edição, ampliando ainda mais a heterogeneidade de experiência de cada caminhada.

Os roteiros referidos na tabela como “Sem Nome” podem ser subdivididos em quatro tipos, conforme a área geográfica do Centro Histórico que contemplam. As áreas são a Praça da Matriz e seu entorno localizado na parte mais alta; a região de Mercado Público e seu entorno até a Praça da Alfândega, incluindo o Cais do Porto; a área próxima ao traçado da Rua dos Andradas, da Praça da Alfândega até seu início, na Usina do Gasômetro; e por último, roteiros que contemplam duas destas áreas ou todas.

A organização do Viva o Centro a Pé não mantém registros exatos das participações por cada roteiro, apenas estimativas. Apesar de os organizadores solicitarem as confirmações de presença, de forma a preverem o público interessado, como as caminhadas são em vias públicas, a qualquer momento um novo participante pode se agregar ao grupo. Não é realizado nenhum tipo de conferência de presenças. A organização estima uma média de 150 participantes a cada roteiro. Considerando esta aproximação, teríamos os seguintes valores em relação ao número de participantes:

Quadro 4: Estimativa de participantes por ano.

	2007	2008	2009	2010	2011
Roteiros Realizados	11	17	16	14	17
Estimativa de participantes	1650	2550	2400	2100	2550
	Total				13800

Fonte: A autora (2011).

Apesar de não serem exatos, os dados demonstram a procura contínua desde o início do projeto e a manutenção de público apesar da repetição de roteiros.

3.2.4 Os Professores

Os professores convidados a conduzir os roteiros são profissionais renomados de Porto Alegre, que apresentam diversas especialidades de conhecimento e participam conforme a característica dos roteiros. A organização da ação tem por política contratar estes professores, ao invés de trabalhar com voluntários, por entender que há necessidade de comprometimento e qualidade. Há inclusive profissionais que sugeriram novos roteiros e passaram a participar regularmente.

Segundo a organização do evento, diversos profissionais já participaram, entretanto permanecem aqueles que têm maior disponibilidade de agenda e maior afinidade com a mediação proposta pela ação, que precisa ser de linguagem clara para atender ao diversificado público, além de objetiva, considerando-se que os participantes estão de pé e não confortavelmente sentados.

A cada divulgação de roteiro de caminhada, é informado ao público também quem será o professor que irá conduzi-la e um breve histórico/currículo deste profissional. Além disso, o site do Viva o Centro oferece durante todo o ano as informações sobre cada professor envolvido na programação, conforme segue:

Carlos Urbim - jornalista e escritor de livros infanto-juvenis. Nasceu em Santana do Livramento, Mudou-se para Porto Alegre aos 19 anos e formou-se em Jornalismo na UFRGS. Trabalha na área do jornalismo há 33 anos, tendo passado por diversas empresas jornalísticas. Sua primeira publicação destinada ao público infantil, Um Guri Daltônico, de 1984, obteve grande repercussão junto ao público. Outros livros do autor são Patropi, a Pandorguinha, Dinossauro Birutices, Uma Graça de Traça, Caderno de Temas, Diário de um Guri, Dona Juana, Bolacha Maria, Saco de Brinquedos, Rio Grande do Sul – Um Século de História, Os Farrapos, Álbum de Figurinhas e Morro Reuter de A a Z, entre outras. Em 2009, foi

escolhido como patrono da 55ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre após sete indicações sucessivas desde 2003.

Cláudio Calovi Pereira: Professor de “História da Arquitetura” e “Projeto Arquitetônico” da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, doutor em Arquitetura pelo M.I.T. (Cambridge, EUA), irá orientar a sétima edição da caminhada. Cláudio também atua como orientador nos programas de mestrado e doutorado do PROPAR-UFRGS.

Charles Monteiro: Doutor em História Social (PUCSP), Professor Adjunto de História do Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, autor dos livros "Porto Alegre: Urbanização e modernidade" (1995) e "Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias da cidade" (2006) da EDIPUCRS.

Gicelda Weber Silveira: Arquiteta formada pela Escola de Arquitetura da UFRGS/1976. Pós-graduação: Mestrado/ Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- PROPAR - UFRGS – Teoria, história e crítica em Arquitetura / 2000. Atuação profissional: Secretária de Obras Públicas/ Estado RS a partir de 1978; no Setor de Patrimônio Histórico de 1987 a 1998 : projetos e fiscalização em obras de restauração – Palácio Piratini, Museu Júlio de Castilhos (P. Alegre), Museu Caldas Júnior (Sto .Antonio da Patrulha), Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (P. Alegre), e outros.

Glenio Vianna Bohrer: Mestre em Arquitetura e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem atuação na área do Design contando com trabalhos selecionados para o Salão Design Movelsul, e Prêmio Design Museu da Casa Brasileira. Autor do livro *Arquiteturas Cisplatinas*, é funcionário da Prefeitura Municipal de Porto Alegre desde 1982, Gerente do Programa Cidade Integrada e coordenador o Projeto Viva o Centro 2005.

Helton Estivalet Bello: Arquiteto (UFRGS), mestre em planejamento urbano e regional (PROPUR/UFRGS), especialista em restauração de edificações e conjuntos históricos (CECRE/UFBA), professor (arquitetura e urbanismo/UCS), técnico da Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC/SMC) desde 1987.

José Francisco Alves: Professor de Escultura e Diretor do Atelier Livre da Prefeitura; autor do livro "A Escultura Pública de Porto Alegre – história, contexto e significado"; Doutorando em Artes Visuais/UFRGS; Mestre em História e Crítica de Arte/UFRGS; Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural/ULBRA; Graduado em Escultura/UFRGS.

Leila Nesralla Mattar - Arquiteta (UFRGS), Especialista em Projeto de Arquitetura Habitacional (PROPAR/UFRGS), Mestre em História do Brasil (PUCRS), Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUCRS e da Faculdade de Engenharia da PUCRS, profissional atuante no mercado de arquitetura.

Luís Augusto Fischer: Mestre e Doutor em Literatura Brasileira (UFRGS); Professor Adjunto de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UFRGS; Orientador de trabalhos de conclusão de graduação (Letras e Jornalismo), de pós-graduação, de mestrado e doutorado. Publicou diversos livros de contos, crônicas, ensaios e teoria literária, entre eles o *Dicionário de Porto-Alegres* (1999) e o *Dicionário de Palavras e Expressões Estrangeiras* (2004). Em 2005, publicou seu primeiro texto de ficção mais longo, a novela *Quatro Negros*. Desde 1999, organiza, com o professor Cláudio Moreno e a radialista Kátia Suman, o Sarau Elétrico, evento que acontece todas as noites de terça-feira no Bar Ocidente, com leituras de textos em torno de um

tema ou de um autor. Em 2007 recebeu da Secretaria Municipal de Cultura o Prêmio Joaquim Felizardo, como Intelectual do Ano de Porto Alegre.

Luiz Merino de F. Xavier: Arquiteto da Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC), mestre em Planejamento Urbano e Regional, consultor de patrimônio cultural do Projeto Monumenta da SMC.

Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho: Pesquisadora de Arte Funerária, Professora, Mestranda em Artes Visuais no IA/UFRGS, Especialista em Patrimônio Cultural pelo IAD/UFPel, Participa da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) e é Membro da Association of Gravestone Studies (Massachusetts - USA).

Nei Vargas: Mestre em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. Tem experiência em museus como o Musée du Louvre - Paris/França, Museu da UFRGS e do interior do Estado. Foi responsável pela criação e implantação do Setor Educativo do Santander Cultural. Atualmente trabalha na Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS.

Paulo Cesa: Arquiteto formado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS (1982). Especialista em restauração arquitetônica pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1983). Mestre em Teoria, História e Crítica da Arquitetura, convênio Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Ritter dos Reis. Professor nas faculdades de arquitetura da Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS. Profissional atuante na produção de projetos e execução de obras.

Silvio Belmonte de Abreu Filho: Arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS (1975), Mestre pelo IEDES da Université de Paris I Panthéon-Sorbonne (1979), Doutor em Arquitetura pelo PROPARG-UFRGS (2006) com a Tese "Porto Alegre como Cidade Ideal: Planos e Projetos Urbanos para Porto Alegre", professor e pesquisador no PROPARG e no Departamento de Arquitetura da UFRGS desde 1981, atualmente como Professor Associado e Coordenador do Trabalho Final de Graduação. Diretor Técnico da COHAB-RS (1988-90), associado da Abreu e Portugal Arquitetos Consultores desde 1990, representante da UFRGS no CMDUA desde 2007, com autoria e participação em diversos planos e projetos de arquitetura, urbanismo, planejamento urbano e regional, com artigos e trabalhos publicados e/ou apresentados em congressos sobre estes temas.

Renato Holmer Fiori: formado pela UFRGS (1987), Mestre em História pela PUCRS (1992), Ph.D. em Arquitetura pela Universidade de Londres, através da Bartlett School of Graduate Studies, do University College London (2001), Professor do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da UFRGS desde 1993, com atuação em disciplinas de História da Arquitetura e Teoria e Estética da Arquitetura e, desde 2005, do PROPARG - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS.³⁶

Pode-se perceber pela descrição dos profissionais que em sua maioria são acadêmicos, com titulação de pós-graduação, atuantes em universidades de grande

36

Fonte:

<http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?reg=2&p_secao=120>.

Acesso em: 26 out. 2011. O professor Alcy José de Vargas Cheuiche consta também no site como participante. Entretanto segundo informações da organização, até o momento não realizou nenhum roteiro e por isso não foi considerado nesta pesquisa. A apresentação do professor Ricardo de Aguiar Pacheco não constava no site no momento da pesquisa.

porte e reconhecimento em seu meio. A predominância é de profissionais da área da arquitetura com ênfase em história, sendo atualmente oito professores, seguidos por três professores da área de artes, dois de literatura e dois de história.

Os professores que participaram mais seguidamente foram os arquitetos Cláudio Calovi Pereira, Luiz Merino de F. Xavier e Silvio Belmonte de Abreu Filho, com grande destaque para o primeiro, que orientou 32% dos 75 roteiros contabilizados neste estudo. A tabela abaixo apresenta o número de participações de cada professor:

Quadro 5: Participação dos professores.

Participação dos Professores	
Cláudio Calovi Pereira	24
Luiz Merino de F. Xavier	9
Sílvio Belmont de Abreu Filho	8
Luis Augusto Fischer	5
José Francisco Alves	4
Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho	4
Nei Vargas	4
Charles Monteiro	2
Gicelda Weber Silveira	2
Glenio Vianna Bohrer	2
Helton Estivalet Bello	2
Leila Nesralla Mattar	2
Nivaldo Pereira	2
Paulo Cesa	2
Carlos Urbim	1
Renato Holmer Fiore	1
Ricardo de Aguiar Pacheco	1

Fonte: A autora (2011).

É importante destacar que um mesmo roteiro pode ter sido realizado por professores diferentes, além de que alguns professores realizarem diversos tipos de roteiros.

3.2.5 Os participantes

Os organizadores da ação Viva o Centro a Pé não dispõem até o momento de dados quantitativos relativos ao perfil dos participantes. Relatam, entretanto, a partir de suas interações com o público, a grande diversidade em relação a idade,

sexo, formação profissional, locais de origem, com a predominância de moradores da cidade (ABREU, 2010).

Realizei uma observação inicial em 09 de outubro de 2010, em um roteiro pelo bairro Cidade Baixa orientado pelo Professor Paulo Chiesa, com o objetivo de análise da constituição do grupo e de suas formas de participação³⁷. A caminhada teve duração aproximada de 2h30min, com a participação de cerca de 100 pessoas. O dia foi bastante ensolarado, com temperatura amena, o que provavelmente também contribuiu para o aumento no público. Minha observação iniciou-se às 9h30 e já havia cerca de 30 pessoas aguardando, conversando em pequenos grupos, além dos organizadores.

No grupo estimado de 100 pessoas, foi possível identificar diversos subgrupos com características e comportamento diferenciados, conforme segue:

- Os Organizadores:

Havia dois monitores identificados com crachá da ação. O primeiro era responsável por coletar as doações dos participantes armazenadas em um carrinho de supermercado. O segundo monitor, chamado Luiz Couto, tem formação de Guia de Turismo e é contratado pelo projeto para recepcionar o público, apoiar o professor convidado e acompanhar o roteiro. Já que, a cada atividade, o professor é diferente, ele assume o papel de maior interação com o público. Foi possível observar que cumprimentava todos os recém chegados, com atenção especial aos participantes frequentes. Durante todo o roteiro, prestou assistência e orientação ao professor, além de manter constantemente o grupo próximo, evitando dispersões durante a fala do palestrante. Foi seu papel também apresentar o professor e os outros organizadores do evento. O professor convidado parecia à vontade com o grupo e utilizava-se de um megafone para se comunicar devido ao tamanho do público.

- Público Cativo:

Logo de início foi possível perceber diversos participantes em pequenos grupos: casais com ou sem crianças pequenas, além de um significativo grupo de idosos, principalmente senhoras. Muitos deles cumprimentavam Luiz pelo nome e

³⁷ Os principais locais de interesse visitados foram o Caminho dos Antiquários, a Ponte de Pedra, o Monumento aos Açorianos, o Colégio Pão dos Pobres, o Museu de Porto Alegre, a Travessa dos Venezianos, encerrando-se o trajeto no Centro Comercial Olaria.

vários chegaram a abraçá-lo. Pude ouvir uma das senhoras que o cumprimentava explicando os motivos de não ter comparecido à caminhada anterior, em um tom de apresentar satisfações ao monitor e às senhoras de seu grupo. Durante o roteiro, pude observar que essas senhoras (eram 6) acompanhavam o grupo, entretanto pareciam alheias ao roteiro, extremamente envolvidas em suas conversas bastante animadas. Pareceu-me uma reunião de amigas, que pouco prestavam atenção ao palestrante e aos outros participantes, mas aproveitavam para divertir-se a seu modo.

Muitas famílias e casais pareciam interessados no ambiente, posando para fotos e conversando entre si: alguns acompanhavam a orientação do professor, mas a maioria o ignorava e comentava sobre a paisagem.

- Universitários:

Segundo a organização do Viva o Centro a Pé, não é costumeira a participação de grupos organizados de universitários, entretanto neste dia, uma grande parcela do grupo, em torno de 40 pessoas, pertencia a um grupo de estudantes de arquitetura de uma faculdade no Rio de Janeiro, acompanhados por um professor. Estavam realizando uma viagem de estudos em que incluíram o Viva o Centro a Pé. Sua participação foi bastante diferenciada do restante do grupo, pois carregavam cadernos, faziam anotações e alguns utilizavam gravadores para registrar a fala do professor. Apesar de muito atentos às falas, durante os momentos de deslocamento entre um monumento e outro, aproveitavam para tirar fotos e conversar de forma bastante animada. Inclusive durante o trajeto encontraram uma amoreira carregada de frutas e pararam para colher e comer as frutas ali mesmo.

- ONG Caminhadores:

No dia da observação estava prevista a participação de 10 pessoas portadoras de necessidades especiais ligadas à ONG Caminhadores³⁸. O interesse da ONG era testar se o formato do roteiro seria adequado para seu público, para, conforme fosse, promover a participação regular de seus membros.

Quatro representantes da ONG, uniformizados, chegaram cedo para a concentração do grupo, entretanto apenas duas pessoas inscritas compareceram.

³⁸ Um dos objetivos desta ONG é promover atividades turísticas e de aventura para portadores de necessidades especiais. É composta por voluntários como guias de turismo, condutores de esportes de aventura e socorristas. Atua principalmente em Porto Alegre.

Como ambos chegaram atrasados em relação ao horário de saída, perderam as apresentações dos dois primeiros pontos de interesse do roteiro, alcançando o grupo apenas na Ponte de Pedra.

Ambos tiveram bastante dificuldade de acompanhar o grupo e acabaram ficando sempre para trás: o roteiro pareceu-me bastante cansativo para eles. Em conversa ao fim do roteiro com o presidente da ONG, Rotechild Prestes, ele confirmou minha impressão e comentou que não iriam mais participar e sim criar um calendário de ações próprias com roteiros mais curtos e apropriados à mobilidade de seus associados.

- Espectadores:

Foi também interessante perceber a reação dos espectadores frente ao enorme grupo que se deslocava. Carros e pedestres pararam diversas vezes para perguntar o que acontecia, se era um comício, se havia ocorrido algum tumulto. Houve também pessoas que imaginaram que todo o grupo era de turistas e perguntavam de onde eram. Uma senhora que fez esta pergunta ficou bastante intrigada quando recebeu a resposta de um rapaz, dizendo que era morador de Porto Alegre e estava passeando. As ruas foram temporariamente bloqueadas para as travessias do grupo, o que chamou a atenção das pessoas no trânsito.

O volume de participantes e a constância da ação em um período de quase cinco anos justificam a realização de pesquisas mais aprofundadas sobre a qualidade e diversidade dos roteiros, além do nível de satisfação dos participantes, de forma a subsidiar o planejamento da ação no médio e longo prazos.

Desta forma, o terceiro capítulo deste trabalho apresenta os dados coletados sobre o perfil dos participantes das caminhadas, além de comentários e declarações que expressam a forma como percebem o Viva o Centro a Pé.



4. O TURISTA CIDADÃO: A PÉ REDESCOBRINDO A CIDADE

4. O TURISTA CIDADÃO: A PÉ REDESCOBRINDO A CIDADE

No intuito de melhor conhecer o perfil dos participantes do Viva o Centro a Pé, pois a Coordenação da ação não dispunha dessas informações, foi feita uma busca por pesquisas anteriores, o que não produziu resultados. A falta desses dados prejudicaria a análise das impressões dos participantes sobre a ação, já que não saberíamos a partir de que contexto elas provêm. Para preencher essa lacuna, foi realizada coleta de dados a partir de instrumento criado pela autora em parceria com a equipe responsável pela ação³⁹.

4.1 Perfil do Turista Cidadão

Ao identificar a necessidade de aplicação de um instrumento de coleta de dados, busquei o apoio da coordenação da ação para planejar a forma de coleta e as questões relevantes a serem inseridas no instrumento tanto por parte desta dissertação, quanto questões pertinentes aos planejadores da ação, culminando em uma elaboração conjunta.

O planejamento de coleta previu o uso de formulário on-line⁴⁰ como forma de abranger um número maior de participantes, já que seria divulgado por e-mail junto à programação enviada rotineiramente aos cerca de 1.500 participantes cadastrados pela coordenação da ação. Foi prevista também a realização de abordagem direta aos participantes, solicitando o preenchimento dos formulários antes e depois das caminhadas. Entretanto, logo nas primeiras duas semanas percebeu-se que o retorno de formulários virtuais foi muito superior ao de respondentes presenciais, provavelmente pelo conforto de responderem no momento mais conveniente para cada um. A coleta de dados foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2011, sendo divulgada em sete programações⁴¹, enviadas por e-mail pela coordenadora da ação durante o mesmo período.

O instrumento de pesquisa elaborado buscou identificar três feixes de informações: primeiro, dados socioeconômicos referentes ao público; segundo,

³⁹ O Anexo C apresenta o modelo utilizado para coleta presencial e virtual.

⁴⁰ O formulário foi criado especificamente para esta ação a partir de plataforma de pesquisas on-line gratuita, disponível em: <www.jotform.com>. O conteúdo do formulário presencial e virtual foi idêntico.

⁴¹ Enviadas nos dias 01, 10, 19 e 30 de agosto e dias 12, 14 e 26 de setembro de 2011.

informações sobre a forma de participação deste; e terceiro, sua avaliação da ação em si. Foram respondidos 110 formulários, entretanto dois foram eliminados, pois um era uma duplicata e o outro registrava, na última questão, que o respondente nunca havia participado da ação. Dos 108 formulários considerados, 12 foram preenchidos pela autora a partir de contato pessoal e os outros 96 virtualmente a partir de formulário eletrônico.

É importante ressaltar que, a partir do formulário virtual, foi possível programar o tipo de dado aceito como resposta em cada questão, de forma a diminuir possíveis problemas de preenchimento. Por exemplo, o campo que deveria ser preenchido com a idade, aceitava apenas caracteres numéricos. O formulário virtual permitia também aceitar apenas a marcação de uma alternativa nas questões de múltipla escolha, como por exemplo, as questões relativas à avaliação dos roteiros. Outro mecanismo oferecido pelo site de pesquisas virtuais, que qualificou os dados obtidos, foi a exigência de preenchimento de todos os campos essenciais para que o formulário pudesse ser registrado, ou seja, sem responder às questões não seria possível concluir o envio.

O primeiro bloco de informações solicitou ao respondente nome completo e endereço de e-mail em opção de preenchimento livre, como forma de eliminar duplicidades. Em seguida, demandava informação sobre sexo (opção de masculino ou feminino) e idade com campo de preenchimento restrito a números. Em função da possibilidade de participação de pessoas que não moram em Porto Alegre, a próxima questão solicitou a informação de local de residência oferecendo as seguintes opções: Porto Alegre, Grande Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Outros Estados do Brasil, e Exterior. Por último, foi solicitado, em resposta aberta, o preenchimento de informação sobre a profissão do participante.

O feixe de informações seguintes buscou dados sobre como se dá a participação dos entrevistados. Assim, a primeira questão foi sobre como o participante tomou conhecimento sobre a ação, oferecendo as seguintes opções: Jornal, E-mail, Site, Amigos/familiares, Informações Turísticas, e por último a opção Outros, que ao lado oferecia campo de preenchimento livre para apontá-lo. A segunda questão buscou registrar a frequência do participante, oferecendo as opções 1 vez, 2 vezes, 3 vezes, 4 vezes ou mais de 5 vezes. Em seguida, outra questão objetivava identificar em que companhia o participante realiza a caminhada,

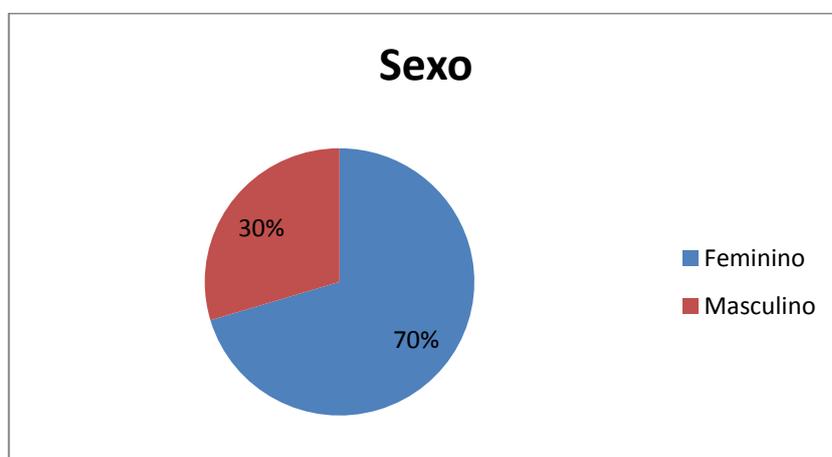
oferecendo as opções Sozinho, Amigos, Família e Outros, este último também com campo para preenchimento livre. A última questão aberta, sem delimitação de tipo de resposta, com a pergunta: “Por que buscou essa atividade?” visava identificar a motivação que levou a pessoa a buscar a participação.

O conjunto de perguntas relativas à avaliação do Viva o Centro a Pé oferecia três questões de única resposta em uma gradação de satisfação de cinco níveis, sendo Excelente, Muito Bom, Bom, Regular e Fraco. Os tópicos avaliados foram os roteiros/caminhadas, a atuação dos professores e a organização das caminhadas. A avaliação relativa aos professores foi sugestão da coordenação da ação, assim como a solicitação de uma questão de preenchimento livre, que seguiu estas três, questionando qual o órgão responsável pelo Viva o Centro a Pé. Esta última foi solicitada como forma de responder a um questionamento dos organizadores sobre a ciência dos participantes em relação à autoria da atividade.

Após estas questões, optei por incluir uma questão aberta solicitando sugestões e comentários sobre o Viva o Centro a Pé, com espaço para preenchimento sem delimitação do tipo de resposta, de forma a coletar dados não previstos nas questões anteriores. Esta foi também uma forma de colher ideias e demandas dos participantes que poderiam ser úteis tanto à análise nesta pesquisa quanto ao planejamento dos organizadores da ação. Esta é a única questão que não foi marcada como obrigatória.

Os dados apontaram que a maioria dos participantes é do sexo feminino conforme é possível visualizar no gráfico a seguir:

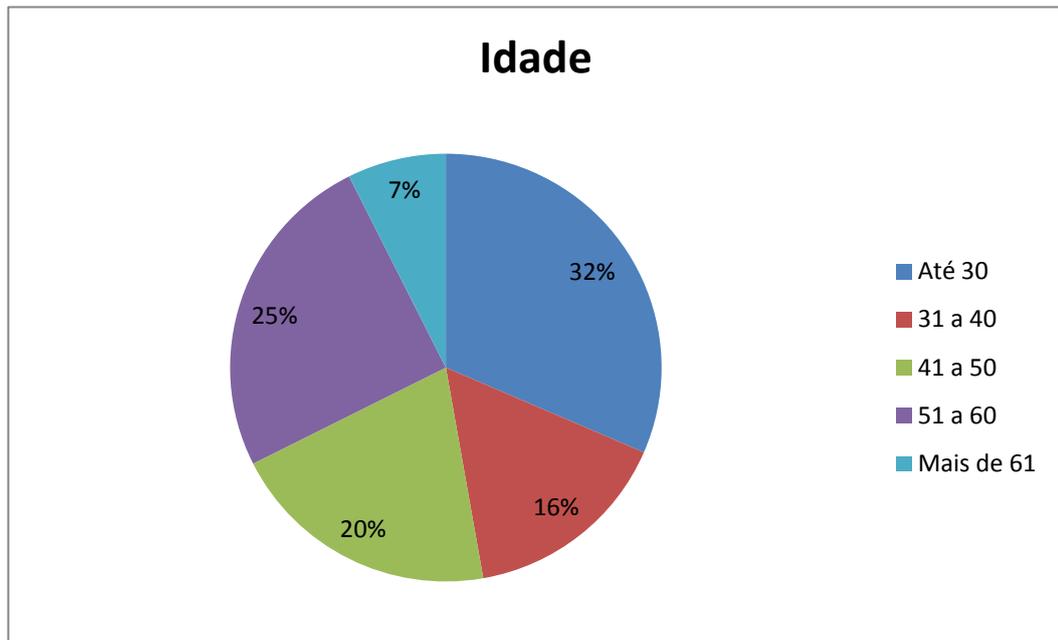
Gráfico nº 1 - Sexo



Fonte: A autora (2011).

Quanto à idade, foi possível perceber bastante variedade, sendo o maior contingente de pessoas com idade até 30 anos, seguido pelo de participantes com idades entre 51 e 60 anos.

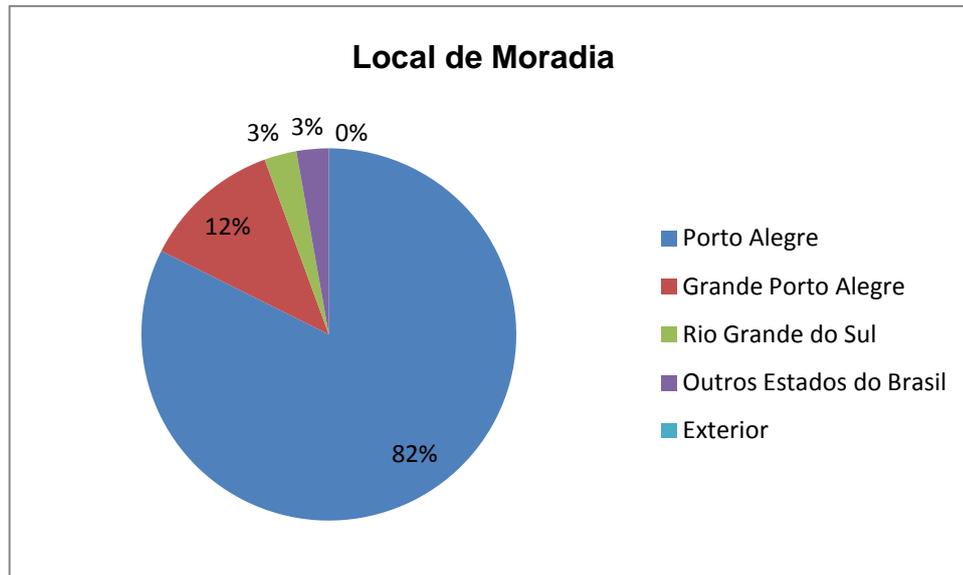
Gráfico nº 2 - Idade



Fonte: A autora (2011).

No que se refere ao local de moradia, a maioria dos respondentes é morador de Porto Alegre e da Grande Porto Alegre, somando 94% do total. Este dado demonstra que a maioria dos participantes pode se enquadrar no perfil de um turista cidadão, já que demonstra que o público das caminhadas é formado por habitantes envolvidos em conhecer sua cidade. Este dado pode revelar também que a divulgação feita a turistas pode ser ampliada, já que os participantes de outras partes do Estado e do país somam apenas 6% dos respondentes.

Gráfico nº 3 – Local de Moradia

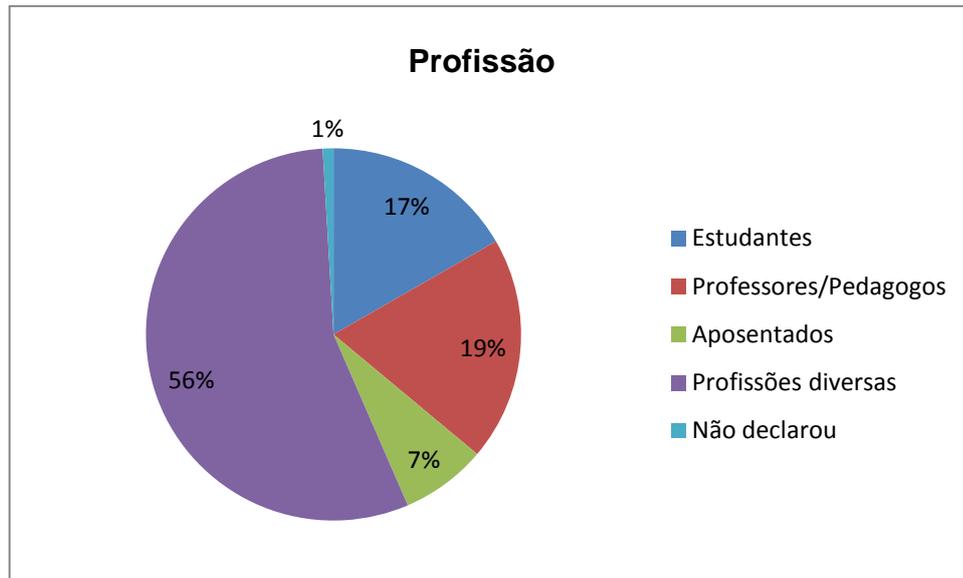


Fonte: A autora (2011).

Quanto à profissão declarada pelos participantes, pode-se perceber uma gama bastante variada, entretanto destaca-se o volume de professores e estudantes, que somados chegam a 36%, ressaltando a vocação da ação para a educação. É interessante destacar que a maioria dos estudantes, que perfazem um total de 16,6%, se definiu como procedente de cursos de ensino técnico e superior, com comentários sobre participarem da ação como forma de complementar sua formação. Inclusive, registraram ter tomado conhecimento da ação por indicação de seus professores. Dentre os cursos, o de Arquitetura e Urbanismo é o mais citado (cinco pessoas), seguido pelo Técnico em Guia de Turismo e Jornalismo (duas pessoas cada). Foram registrados também estudantes dos cursos superiores de História, Psicologia, Turismo e Artes Visuais.

Do total de participantes, 19,4% se identificaram como professores, sendo possível registrar profissionais com atuação em ensino Fundamental, Médio e Superior, com formações em Pedagogia, História e Geografia, entre outras não identificadas. Há comentários dos professores de que buscaram a caminhada como meio de formação continuada em sua área de ensino, o que demonstra que a mesma atividade pode oferecer processos educativos diferenciados para diversos públicos. Isto reforça o significado conferido às caminhadas como ação educativa.

Gráfico nº 4 - Profissões



Fonte: A autora (2011).

Dentre as profissões diversas, que correspondem a 56% dos respondentes, estão atividades variadas, como administrador de empresas, advogados, analistas de sistemas e tecnologia da informação, antropóloga, arquitetos, assistente social, comerciantes, bancário, bióloga, enfermeiros, engenheiros, funcionários públicos, historiador, jornalistas, médicos, terapeutas e veterinários, turismólogos e guias de turismo, entre outros.

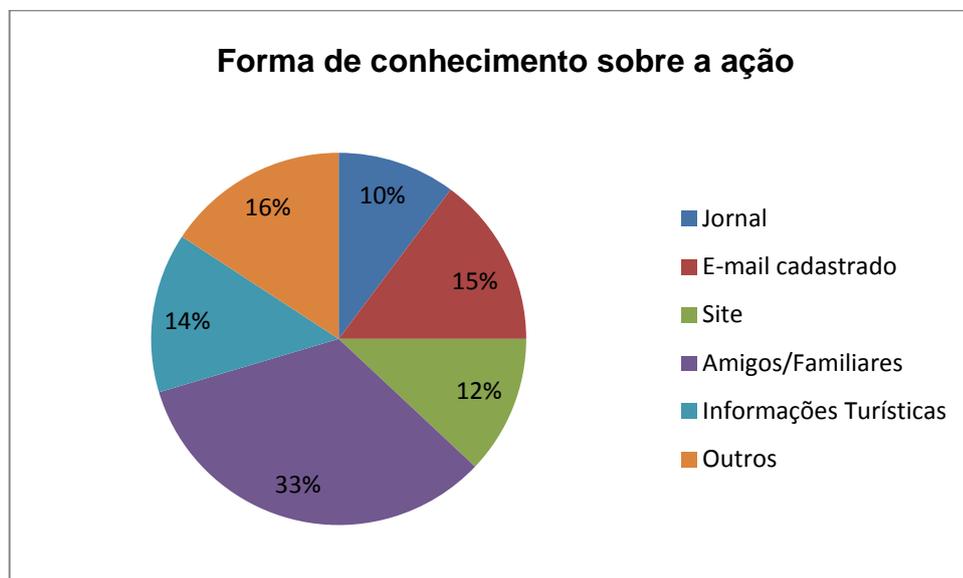
Foi possível identificar que 70% das ocupações registradas neste grupo exigem formação técnica ou superior, evidenciando um perfil de público bastante instruído formalmente. A partir deste dado, pode-se inferir que são indivíduos de uma camada social mais elitizada, com maior acesso à informação e educação, além de maior acesso a opções de lazer mais onerosas.

É importante destacar também que o maior volume é de turismólogos e guias de turismo, em um total de 18%, dentro do grupo considerado como profissões diversas. Esta parcela de participantes registra comentários sobre utilizarem o Viva o Centro a Pé como formação continuada, tal qual os estudantes e professores citados anteriormente. Dentre os turismólogos, há registro de servidores da Secretaria Municipal de Turismo, realizando pesquisas próprias sobre a ação, além de agentes de viagem em busca de dados que subsidiem novos produtos turísticos no município. Quanto aos guias de turismo, há comentários sobre aproveitarem as

caminhadas como parte de pesquisas para execução de novos trabalhos, além de observação da forma de condução realizada pelos professores.

Quanto à forma de conhecimento do Viva o Centro a Pé, a maioria declara ter tomado conhecimento a partir de informações obtidas com amigos ou familiares, seguida pelas informações a partir do meio virtual, como site e e-mail da ação. Entre os respondentes que apontaram Outros, a maioria relaciona professores ou a instituição de ensino que frequenta.

Gráfico nº 5 – Forma de conhecimento sobre a ação

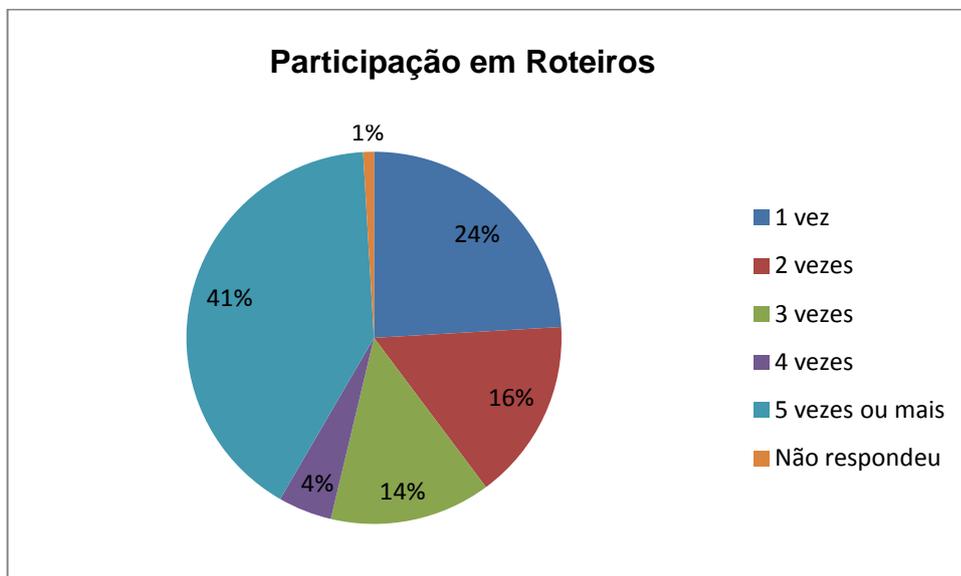


Fonte: A autora (2011).

Os dados relativos à forma de conhecimento sobre a ação revelam que o principal meio de divulgação é a comunicação dos próprios participantes e seus amigos ou familiares. Há pouquíssimo investimento da Prefeitura Municipal de Porto Alegre para esta ação, se considerarmos que a atualização do site da ação, a divulgação por e-mail e via centros de informações turísticas utilizam a infraestrutura e os recursos humanos já existentes. Até mesmo a divulgação feita por jornais é considerada mídia espontânea, já que são matérias realizadas a partir de releases e não anúncios. Ainda assim, veremos mais adiante dados que apresentam que a ação está frente a desafios relativos ao excesso de público.

Sobre o número de roteiros de que se participou, é possível perceber que a maioria dos respondentes é frequente, pois mais de 40% realizaram 5 caminhadas ou mais. É interessante perceber também que há grande incidência de pessoas que responderam ter participado de apenas um roteiro, contabilizando 24% do total. Como a pesquisa não solicitou a data de início de participação de cada respondente, é difícil precisar se são pessoas que o realizaram recentemente ou não, entretanto, considerando que a pesquisa foi divulgada em um curto período e nas próprias caminhadas, pode-se inferir que sejam participações mais recentes.

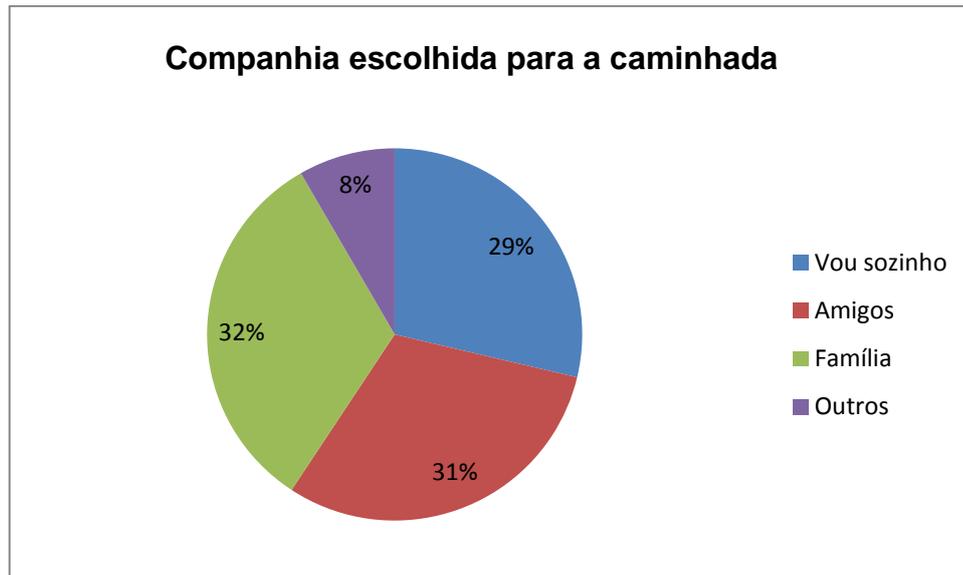
Gráfico nº 6 – Participação em Roteiros



Fonte: A autora (2011).

Se somarmos os participantes que realizaram apenas um ou dois roteiros, o contingente praticamente se iguala ao volume de participantes considerados *habitués*. Isto pode representar a atração recente de novos públicos a partir da diversificação de roteiros ocorrida no período de coleta de dados.

Gráfico nº 7 – Companhia escolhida para a caminhada



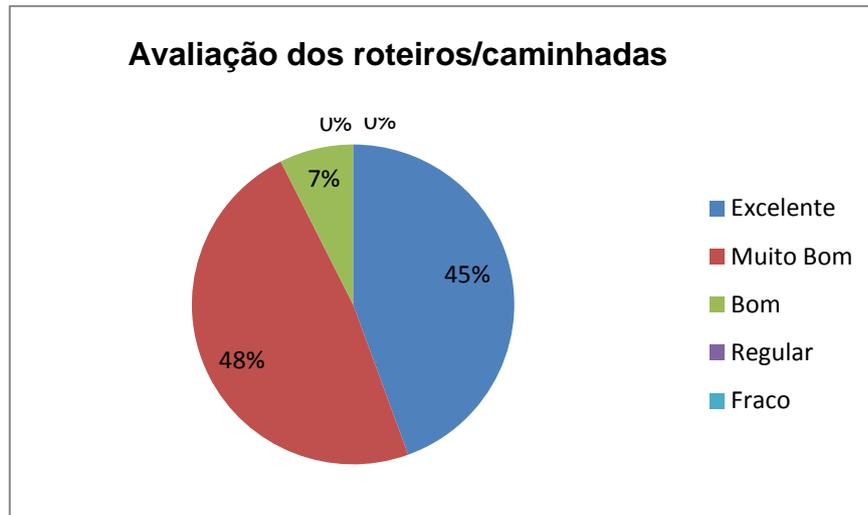
Fonte: A autora (2011).

Entre os respondentes, ficou extremamente equilibrada a quantidade de respostas em relação à escolha de companhia para a caminhada, com diferença máxima de 3% entre uma resposta e outra, o que demonstra heterogeneidade neste aspecto. Este dado, se comparado à variedade de idade dos participantes, demonstra grande diversidade do grupo. Em relação às respostas apontadas em Outros, a maioria registra que realiza a atividade com diferentes companhias ou sozinho, conforme o momento.

Se somarmos os dados referentes à escolha de amigos e familiares, perceberemos que mais de 63% optam por realizá-la com companhia ao invés de sozinhos. Este dado pode estar ligado à associação da caminhada como momento de lazer, passeio e relaxamento, e portanto a uma atividade experienciada em companhias agradáveis, aproveitando a vivência em grupos e a sociabilidade como forma de gerar satisfação e prazer.

A avaliação da ação Viva o Centro a Pé, por seus participantes demonstra alto grau de satisfação nos três aspectos questionados: roteiros, professores e organização, conforme demonstram os gráficos a seguir.

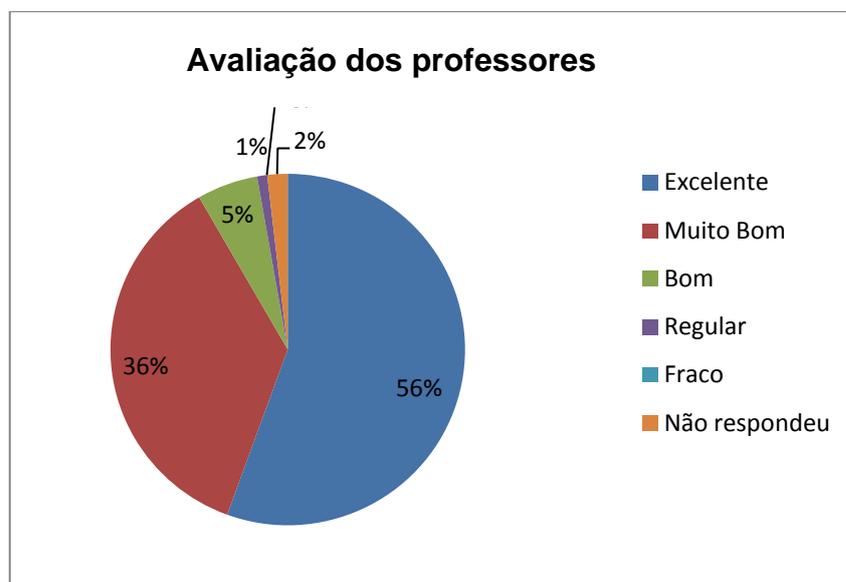
Gráfico nº 8 - Avaliação dos roteiros/caminhadas



Fonte: A autora (2011).

Os participantes avaliaram os roteiros/caminhadas, em sua maioria, como muito bons, correspondendo a 48% do total. Outros 45%, avaliam-nos como excelentes. Apenas 7% os avaliaram como bons, e regular ou fraco sequer fazem parte das respostas. Segundo demonstram os dados, a maioria considera que, apesar de a atividade ser bem conceituada, ainda há espaço de alguma melhoria ou ajuste. Ainda assim, se considerarmos o conjunto, 93% apresenta alto grau de satisfação em relação aos roteiros.

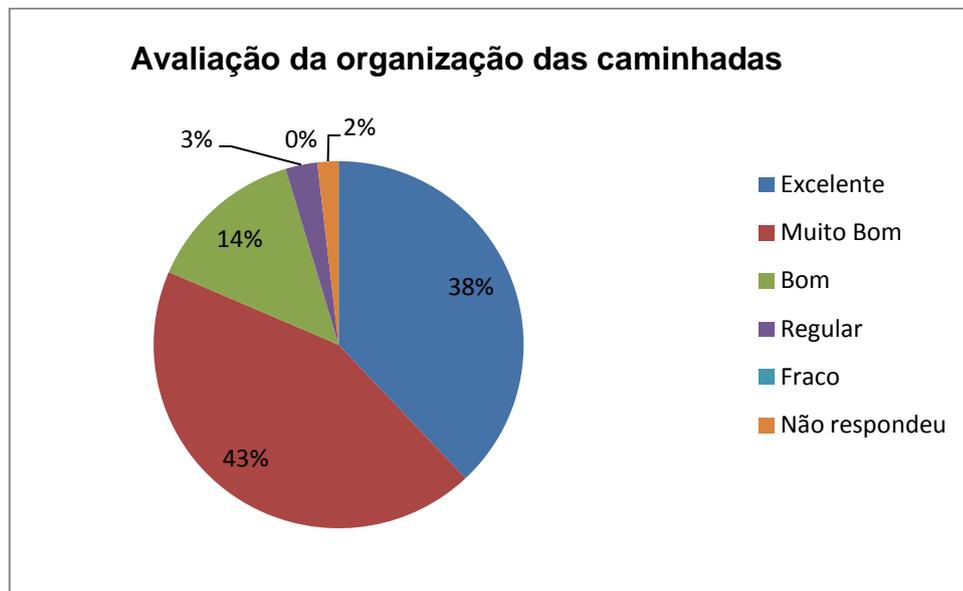
Gráfico nº 9 – Avaliação dos Professores



Fonte: A autora (2011).

Dentre os três aspectos, a condução dos roteiros foi o aspecto mais bem avaliado, já que 56% consideraram o desempenho dos professores como excelente, e ainda 36%, consideraram-nos muito bons, em um total de 92% de aprovação. É importante considerar que esta questão avalia os dezessete professores já citados de forma conjunta, não tolerando a avaliação individual que poderia oferecer diferenças. A maioria dos participantes declarou ter participado de mais de cinco roteiros, o que lhes permite avaliar o conjunto de professores. Entretanto, os 24% que realizaram apenas um roteiro basearam sua avaliação em apenas um profissional.

Gráfico nº 10 – Avaliação da organização das caminhadas



Fonte: A autora (2011).

O aspecto relativo à organização das caminhadas apresenta grau de satisfação um pouco menor do que os aspectos avaliados anteriormente, em que 43% consideraram-na muito boa e 38%, excelente. Aparece aqui uma maior parcela de classificação como apenas bom, com 14%, e ainda 3% de avaliações como regular. A partir da próxima seção, em que se analisam as respostas abertas, será possível apontar algumas possíveis causas desta diferença, principalmente relativas ao grande volume de participantes, que ocasiona certos desconfortos.

No que se refere à questão solicitada pelos organizadores, sobre o reconhecimento do órgão responsável pela realização do Viva o Centro a Pé por parte dos participantes as respostas demonstram que a maioria destes tem informações incompletas ou vagas a respeito. A maioria, 34,2%, aponta a Prefeitura Municipal de Porto Alegre como realizadora, mas não identifica nenhum setor específico.

Outros 31,4% apontam uma ou outra Secretaria como única responsável pela ação. Este dado é composto da seguinte forma: 15,7% citaram a Secretaria Municipal de Turismo (SMTUR), 7,4% apontaram a Secretaria Municipal de Cultura, 4,6% registraram a Secretaria Municipal de Planejamento, e 3,7% apenas consideraram o Gabinete da Primeira Dama como responsável.

Do total, apenas 27,7% apontaram um conjunto de Secretarias e setores ligados à PMPA como responsáveis pela ação. Há ainda uma parcela de 6,4% de participantes que não respondeu ou respondeu que não sabia. Essa falta de conhecimento sobre os realizadores pode também estar relacionada ao pouco investimento em divulgação da ação.

4.2 O que expressam os Participantes

Além dos dados quantitativos, as mensagens e respostas subjetivas dos participantes oferecem suas impressões, sentimentos, interesses, e até mesmo demandas, em relação as suas vivências no Viva o Centro a Pé. Foram coletados dois tipos de materiais para análise: as mensagens dos caminhadores divulgadas no site da ação e as respostas às duas questões abertas incluídas no formulário da Pesquisa de Perfil dos Participantes do Viva o Centro a Pé (2011).

4.2.1 O motivo pelo qual buscaram participar

Diferente das outras questões coletadas pela Pesquisa do Perfil do Participante do Viva o Centro a Pé, a resposta à pergunta aberta sobre o motivo pelo qual o respondente buscou esta atividade não era obrigatória, ou seja, a pessoa poderia finalizar o questionário sem preenchê-la. Entretanto, todos os 108 questionários receberam alguma informação - algumas mais elaboradas outras mais lacônicas, mas todas relevantes.

Utilizando a metodologia da análise textual discursiva, já explanada, foi possível classificar as respostas em três categorias:

1) Busca por conhecimento e aprendizado sobre Porto Alegre, sua história, geografia e arquitetura, apontada por 64% dos respondentes

Ótima oportunidade de fazermos turismo em nossa própria cidade, com a adição de conhecimento sobre sua origem e caminhos tomados durante sua existência, ilustrada com importantes aspectos educacionais promovidos por arquitetos, professores, historiadores e outros docentes. Excelente iniciativa de amor a sua cidade.

No começo fiquei curiosa para saber como aconteciam as caminhadas, depois fiquei encantada com a aula de história e arquitetura, enfim aprendi a olhar a cidade com outros olhos. Tudo é muito lindo e interessante, quando sabemos olhar.

A motivação é poder (re)avaliar os contextos históricos de Porto Alegre, cidade adotada por nós, mas pouco conhecida. A cada caminhada surgem novos aspectos, mudam as pessoas e, nós, o nosso olhar. De curiosos passamos a participantes e reconstrutores deste trajeto. Histórias novas surgem, as antigas são renovadas e a visita é sempre surpreendente. São roteiros para fazermos acompanhados.

Achei interessante o fato de poder "descobrir" melhor minha cidade. Ou pelo menos vê-la de outra forma.⁴²

Estas expressões demonstram justamente o processo de estranhamento e posterior ressignificação dos lugares de memória por parte de seus moradores, conceituado como turista cidadão. A descoberta de novos aspectos da cidade e o olhar a cidade com outros olhos são falas representativas deste processo, que culmina em valorização da própria cidade.

Pode-se resgatar também o conceito de Cidade Educadora, na medida em que utiliza o meio urbano enquanto agente da educação e também conteúdo de aprendizagem como forma de apropriação do espaço, possibilitando novas relações e significados.

2) Necessidade de formação profissional ou realização de trabalhos acadêmicos, perfazendo 18% do total

Com o alto nível dos Orientadores, é uma capacitação para minha profissão, além de agradável caminhada por nossa Porto Alegre

O aspecto educativo da ação, já apontado ao analisar a profissão dos participantes, aparece novamente ao considerarmos a motivação relacionada à realização de trabalhos acadêmicos ou à busca por formação profissional

⁴² Os trechos de mensagens citados foram copiados tal qual a escrita dos autores, acrescentando-se apenas a data de recebimento da mensagem, de forma a manter a mensagem original, independentemente de erros ortográficos ou de digitação.

continuada nas áreas de guia de turismo, história, arquitetura, etc. É novamente a cidade considerada como conteúdo a ser aprendido.

3) Busca por atividade cultural, de lazer ou turística, citada por 16% dos respondentes.

Gosto de acordar cedo nas manhãs de sol e caminhar, passear sem compromisso além da caminhada. Numa ida a feira de antiguidades, me deparei com um grupo se preparando para um passeio e os acompanhei. Curti muito a proposta de re-conhecer a cidade e sigo participando!

A caminhada enquanto exercício físico é considerada extremamente benéfica para a saúde física e mental, já que não exige habilidade, é barata, pode ser feita praticamente a qualquer hora do dia e não tem restrição de idade. Considera-se que traz benefícios para o humor, a qualidade do sono e a sensação de bem-estar. É também uma atividade que, por sua própria característica, permite a conversação com os acompanhantes, o que também contribui para a sua valorização como momento de lazer e sociabilidade.

A contemplação do ambiente por onde o caminhante passa, como no caso da proposta do Viva o Centro a Pé citada no comentário acima, se torna outro ponto positivo da atividade. É interessante perceber a diversidade de motivações: busca de conhecimento ou formação profissional, e lazer, o que implica em participações bastante diferentes. O formato da ação permite justamente a tranquila convivência entre grupos com objetivos variados.

Nas respostas, pode-se perceber também falas sobre a possibilidade de assumir novos olhares sobre a cidade a partir de visitas e de apoio de um profissional para a interpretação como motivadores, além da segurança e conforto oferecidos pela atividade em grupo.

Como adoro PA, quero conhecer cada canto desta cidade. Muitas vezes, sem a orientação de um guia, se passa por um edifício, monumento etc. e não enxergamos o que deve ser visto.

Para conhecer e obter informações objetivas de nossa cidade. A caminhada orientada, em grupo, com guia, nos permite parar, olhar, ouvir histórias sobre prédios antigos, monumentos, ruas.etc.. Tudo isso é impraticável fazer circulando normalmente no centro da cidade, quando estamos sempre preocupados com a segurança pessoal.

Se resgatarmos o conceito de interpretação do patrimônio apontado por Custódio (2010), que a considera uma técnica para despertar o interesse do visitante para determinados aspectos da obra, além de relacioná-los à vivência dos

participantes, perceberemos que é o processo que motiva as pessoas a buscarem as caminhadas. Ao oferecer profissionais de alta qualificação como intérpretes dos roteiros, o Viva o Centro a Pé oferece esta intermediação entre patrimônio e participante.

É interessante perceber que os elementos apontados pelos participantes como motivo para buscarem esta atividade estarão presentes de forma bastante similar nas mensagens analisadas em seguida, indicando que suas expectativas ao procurarem o Viva o Centro a Pé foram, em geral, atendidas satisfatoriamente, ao ponto de apresentarem suas considerações, principalmente elogios, de forma espontânea.

4.2.2 Mensagens no site

Desde o início das atividades do Viva o Centro a Pé, os organizadores mantêm registro de depoimentos recebidos pelo endereço eletrônico de confirmação de presença. Estas mensagens encontram-se publicadas no site da ação⁴³. Foram identificadas 125 mensagens, conforme quadro abaixo.

Quadro 6: Identificação das mensagens analisadas por ano.

Quantidade de Mensagens	Ano
03	Sem identificação de data
13	2007
19	2008
58	2009
16	2010
16	2011 (de janeiro a outubro)

Fonte: A autora (2011).

A partir dessas mensagens, foi possível observar que nove declarantes enviaram duas ou mais mensagens, com intervalos de período entre duas semanas e pouco mais de dois anos.

⁴³ Para a publicação no site, a organização do projeto omitiu datas e endereços de e-mail das mensagens, entretanto as informações completas foram disponibilizadas em arquivo digital por Liane Klein para este estudo. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?reg=4&p_secao=120>. As mensagens registradas no site são responsabilidade da coordenadora Liane Klein, que as recebe e compila de forma sistemática.

É importante destacar que a maioria das mensagens é uma resposta do participante ao e-mail quinzenal enviado ao mailing de cadastrados, em que a pessoa solicita confirmação de presença e faz comentários sobre a caminhada anterior ou sobre o próprio Viva o Centro a Pé. Estas mensagens contêm poucos dados sobre o perfil destes declarantes, já que são textos livres e espontâneos. As mensagens espontâneas mostraram-se um material bastante rico, pois permitem a compreensão do significado que algumas pessoas dão às caminhadas do Viva o Centro a Pé.

O presente estudo das mensagens dos participantes exigiu primeiramente que o material fosse organizado, a partir das datas de recebimento das mensagens. Posteriormente, após uma primeira leitura livre, foram identificadas três grandes categorias de informações oferecidas: demandas, avaliação dos roteiros e experiências vividas.

A categoria Avaliação de Roteiros foi a que contabilizou mais mensagens, com elementos presentes em 111 das 125 mensagens, ou seja, 88,8% dos depoimentos avaliam o Viva o Centro a Pé. A categoria Demandas também está bem representada nas mensagens: em 86 depoimentos. Já a categoria chamada Experiências Vividas tem menor frequência, aparecendo em 41 mensagens. Veremos a seguir as características de cada uma.

A categoria Demandas engloba necessidades e solicitações dos participantes em relação ao Viva o Centro a Pé. Como já referido, a maioria desses e-mails são respostas à divulgação das caminhadas via mailing, portanto diversas mensagens relacionam-se à comunicação mais rotineira entre a organização e os participantes. Mas é possível identificar também demandas relacionadas à continuidade da atividade, além de sugestões. Nesta categoria foi possível identificar quatro unidades de análise:

1) Comunicação rotineira: solicitações de inscrição em roteiros, solicitação de cadastro de e-mails para receber a programação quinzenal, solicitação de programação futura, perguntas relacionadas à logística dos roteiros e respostas negativas ao convite de participação enviado por e-mail

[...] gostaria de saber da agenda do próximo ano, quando esta estiver disponível (02/12/2008).

Desta vez não participarei da caminhada, lamentavelmente, porque estarei em Belo Horizonte/MG... (05/07/2009).

[...] não poderei ir nesta caminhada, pois estou com pontada de pneumonia. É uma pena, eu adoraria, mas terá que ficar para próxima (15/10/2009).

2) Solicitação de registros, lembranças e souvenirs relacionados às atividades, como fotos, vídeos produzidos e camisetas com a identificação visual da ação

Neste último Sábado, Glênio comentou que colocaria fotos do grupo no Site. Procurei nos sites da Prefeitura - da Sec. Mun. da Cultura e nada encontrei. Por favor, se puderes mande um retorno (31/07/2007).

Vi que existia uma organizadora com uma camiseta do Viva o Centro a Pé, gostaria de saber se não existe exemplares para a venda (27/04/2009).

O site da ação⁴⁴ oferece fotos de algumas caminhadas realizadas em 2009 e vídeos realizados por emissoras diversas sobre o Viva o Centro a Pé, entretanto não há atualização sistemática, a não ser na área relativa à programação. No início de outubro de 2011, a coordenação da ação criou um perfil do Viva o Centro a Pé no site de relacionamentos Facebook⁴⁵ e enviou e-mail a todos os participantes cadastrados, convidando-os a compartilharem vídeos e fotos das visitas. Em um mês, o perfil registrou 215 adesões e foram postadas 46 fotos, além de diversos comentários.

3) Sugestões referentes aos próximos roteiros, como repetição de roteiro já realizado, maior frequência de caminhadas, roteiros em novos espaços. Há sugestões também sobre uma maior divulgação da ação, assim como distribuição de material impresso sobre cada roteiro. Outras propostas se referem à ampliação do público, como a participação de escolas e guias de turismo em treinamento.

Acho que deve ser, cada vez mais, divulgado e realizado duas vezes a cada sábado. As Escolas deveriam agendar-se. Eu sugiro a inclusão permanente do palácio Piratini e da Biblioteca Pública, no roteiro. Talvez, diminuir o número de locais visitados e intensificar as discussões. Quem sabe entregar um folheto para que todos guardem a memória da caminhada (01/10/2007).

Eu gostaria de achar um meio, de fazer com que estas caminhadas, se tornassem mais frequentes. Que houvesse, treinamento para guias, para estes passeios, mas sei que para isso é complicado pois se trata de um órgão público (05/04/2010).

Gostaria de dar uma sugestão, se me permitires. Na São Carlos e arredores, perto da Cristóvão Colombo existem conjuntos de casinhas muito

⁴⁴ Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?reg=2&p_secao=120>.

⁴⁵ E-mail enviado em 03 de novembro de 2011. Perfil disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/Viva-o-Centro-a-Pé/279489425413250>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

antigas, todas iguais, já bem deterioradas mas que são muito lindas. Adoraria um passeio por lá para saber de que época elas são e quem as fez, que classe social vivia ali na época, pq agora a rua é tomada por travestis e prostitutas à noite (03/10/2010).

Estas são demandas presentes também nas sugestões analisadas a partir dos formulários coletados. A sugestão de ampliação de públicos, principalmente voltados à educação formal, seja em nível Fundamental, Médio ou Técnico, está presente também em outros comentários. Como já visto a ação tem um caráter educativo que já está sendo usado informalmente por profissionais em busca de formação e estudantes que procuram complementação. Entretanto, a sugestão aqui apresentada é a sistematização do acesso às escolas.

A rede municipal de ensino de Porto Alegre prevê, anualmente, 40 horas de formação para seus educadores, ficando a cargo de cada escola a escolha e organização da atividade. Há registro de escolas que incluíram caminhadas do Viva o Centro a Pé entre suas atividades em determinadas datas. Este pode ser também um caminho: oferecer sistematicamente roteiros de formação para educadores como forma de estimulá-los a desenvolverem projetos que utilizem a cidade como espaço de aprendizagem.

A categoria de análise intitulada Avaliação de Roteiros, refere-se aos roteiros já realizados, com comentários sobre os vários aspectos destes. Destaca-se que a maioria das mensagens tem avaliação positiva e parabeniza a ação. Convém também lembrar que as mensagens arquivadas foram endereçadas aos organizadores e selecionadas pelos próprios, o que pode explicar a grande homogeneidade de aprovação da ação. A categoria foi organizada em quatro unidades de análise:

1) Parabenização da realização do projeto de forma geral, congratulações em relação à iniciativa da ação e sua importância (60 mensagens utilizam a palavra “parabéns” referindo-se ao Viva o Centro a Pé)

Parabéns pela belíssima iniciativa!! Particpei da última e adorei. Virei freguesa (08/08/2007).

Essa iniciativa de vocês é realmente maravilhosa. Isso sem falar que a inscrição é uma doação de alimento. Prefeitura está de parabéns por esse programa (29/10/2007).

Sou morador de Porto Alegre e quero parabeniza-los pela iniciativa (27/07/2009).

2) Avaliação dos roteiros realizados: 42 participantes comentam que gostaram do roteiro realizado anteriormente, 9 declaram que recomendam a amigos e parentes e participariam novamente. Há também avaliações positivas sobre locais visitados e o serviço de transporte utilizado em alguns roteiros. Há também reclamações/sugestões em relação ao horário de saída do roteiro (2), logística (2) e atrativos que não foram contemplados nos roteiros (3).

Liane, o passeio do último sábado, pelas Igrejas, foi MUITO BOM!!!! (02/06/2008)

Gostaria de elogiar o passeio do último sábado, dizer que achei muito interessantes as informações do profissional que nos acompanhou e que melhor mesmo só se tivéssemos conseguido ir no Solar dos Câmara... Parabéns pela bela iniciativa do Viva o Centro a Pé e obrigada por nos proporcionar programa tão interessante de graça! (20/11/2008)

[...] quero que saibam o quanto gostei da caminhada pela Avenida Independência, no sábado, dia 29 de agosto. Foi a 1ª de muitas que pretendo fazer enquanto durar o projeto e for possível me inscrever! (01/09/2009)

3) Elogios ao trabalho da equipe organizadora

[...] parabênizo a iniciativa dos pioneiros deste projeto e o esforço dos organizadores e simpatizantes. Recomendei a muitos colegas porto-alegrenses, que não sabiam do evento (18/08/2007).

Quando ví a multidão" achei que seria desorganizado... Para minha surpresa a equipe soube contornar os obstáculos e nos proporcionaram um excelente passeio. A razão deste email é para parabenizar a equipe. (Liane, Cláudio e outros) (26/04/2009).

Primeiro queria agradecer por este maravilhoso projeto. Estou encantada pela organização e por toda equipe de pessoas que trabalham para que ele se torne cada vez melhor, e com muito sucesso (02/06/2009).

Aproveito a oportunidade para parabenizar os organizadores e coordenadores de todos os órgãos envolvidos na organização destas caminhadas (11/12/2009).

O desafio dos organizadores do Viva o Centro a Pé em relação ao volume de participantes já era citado desde 2009, embora aqui o destaque seja justamente a habilidade da equipe em contornar a situação e ainda assim satisfazer o grupo.

4) Elogios aos professores convidados a palestrar

[...] adoro toda a programação ... Os orientadores são maravilhosos, sempre atenciosos conosco. A equipe está de parabéns! (22/10/2007)

Quero parabenizar o pessoal envolvido no projeto "Viva o centro a pé" pela organização e, principalmente, pela escolha da artista plástica Luiza Carvalho como guia, que demonstrou ter bastante conhecimento do assunto tratado no projeto, tornando a atividade muito prazerosa (02/12/2008).

Liane, Adorei a "Caminhada Literária", principalmente porque fiz Letras e adoro ler. Luiz Augusto Fischer é um profundo conhecedor de Literatura e da História de Porto Alegre. Foi uma caminhada muito gratificante, pena que durou somente duas horas (11/05/2005).

Os elogios elencados em relação aos professores novamente nos remetem ao referencial quanto ao papel do intérprete do patrimônio, que além de ser profundo conhecedor do tema a ser apresentado, precisa tornar sua fala interessante, provocando uma experiência prazerosa.

A categoria denominada Experiências Vividas se apresenta muito mais subjetiva do que as outras declarações, justamente por se tratar de relatos pessoais sobre significados dados às caminhadas e repercussões mais privadas. O teor particular destas declarações explica inclusive a menor incidência desta categoria nas mensagens, já que nem todos se dispõem a compartilhar informações mais reservadas. Nesta categoria foram estabelecidas cinco unidades de análise: relacionamento morador/cidade expressos em declarações de aumento de orgulho por Porto Alegre, em relatos do surgimento de uma nova percepção da cidade a partir do conhecimento de novos espaços e valorização de lugares já conhecidos; aprendizado e cultura obtidos com as caminhadas; caminhadas como oportunidades de lazer, exercício físico, prazer e espaço de sociabilidades; importância da ação para desenvolvimento de cidadania e valorização da cidade; e reencontro com memórias pessoais, expressos em relatos de pessoas que revisitaram locais de sua infância ou juventude.

A partir destas categorias, podemos refletir sobre os diversos aspectos relacionados às caminhadas que corroboram para o sucesso do Viva o Centro a Pé. A questão mais citada nas mensagens é a parabenização aos organizadores pela iniciativa de oferecer uma ação aberta à comunidade que visa à apropriação de sua cidade.

Desde já agradeço e parabenizo pela iniciativa de mostrar aos cidadãos de Porto Alegre as belezas da nossa cidade (29/10/2009).

A valorização e importância conferidas à ação também aparecem nos seguintes depoimentos:

Fico muito contente que um programa como esse agregar tantas pessoas (27/04/2009).

Precisávamos mesmo de algo assim para conhecer as belezas de nossa própria cidade (22/07/2009).

Participei da caminhada deste final de semana e achei maravilhosa, pois além de destacar nossa história ficou evidenciada a preocupação da preservação e valorização de nossos prédios históricos, como acontece em cidades históricas. Parabéns, este trabalho é dignificante e formador de opiniões importantes para a história de Porto Alegre (03/08/2009).

Fica evidente o quanto estes moradores consideram importante a proposta de trabalho da Prefeitura de Porto Alegre. Inclusive, entre as demandas, está a continuidade da ação:

[...] esperamos, pois atendo também a um pedido de minha filha Shyu, que este trabalho se estenda por muitos outros anos (01/10/2007).

Como Porto-alegrense e morador do centro desejo que o projeto “Viva o Centro” continue obtendo o grande sucesso que tem até aqui (02/09/2009).

O interesse na contínua participação nas caminhadas é também demonstrado pelo grande número de participantes que pedem que cadastrem seus contatos para não perderem atividades. Outro dado relevante sobre a importância desta atividade é a constância no número de participantes referida anteriormente, em que há uma média de 150 participantes por roteiro, desde 2007. Somando-se o público aproximado de 2007 a 2010, teríamos cerca de 9.000 participantes, dado bastante expressivo, considerando-se que é uma atividade de participação totalmente espontânea.

É possível inferir que a atividade em grupo seja também um dos motivadores para a participação da comunidade, já que a caminhada se torna um espaço de sociabilidade. Isto está presente em todas as categorias analisadas. Por exemplo, na categoria de Demandas, temos algumas mensagens de pessoas que apresentam aos organizadores uma justificativa pelo seu não comparecimento à próxima caminhada, revelando o que pode ser considerada um sentimento de compromisso em relação ao grupo participante e aos organizadores. Um exemplo seria:

[...] não tenho mais me inscrito para fazer as caminhadas porque estou trabalhando muito. [...] Eu gostaria muito de estar aí com vocês, até assisti na TV Com a Isabela Fogaça falando da caminhada, fiquei tão feliz, mas triste ao mesmo tempo por não poder participar (01/12/2009).

Liane Klein (2011) comenta que, com o volume de participantes, é muito difícil para os organizadores conhecerem cada um, estabelecerem uma relação mais

próxima, portanto, em geral, não sabem quem está escrevendo. Mesmo assim, alguns participantes sentem necessidade de explicar sua ausência.

Esta relação com a equipe organizadora também aparece na categoria Avaliação dos Roteiros, relacionado à avaliação da equipe:

Queremos te agradecer pelo carinho, companhia e desprendimento havidos nos passeios de 2008. E esperamos nos rever em 2009 (02/12/2009).

[...] quero dizer que a caminhada foi ótima, ... quero dizer também, que fui recebida por duas pessoas, Sr. Luis e o Gabriel, simpáticos, atenciosos por demais, nos colocando a vontade para participar do passeio, agradeço a atenção (14/03/2010).

[...] aproveito para parabenizar toda equipe (inominável) que com muito carinho sempre tem preparado bons momentos a pé (01/07/2010).

Aproveito o momento para parabenizar você e a tua equipe pelo excelente trabalho realizado durante o ano de 2010. Um elogio especial ao Luiz que dá vida as caminhadas (21/12/2010).

São citações que revelam a importância do relacionamento interpessoal para o melhor aproveitamento do passeio, o que reforça a idéia de vínculo que os participantes estabelecem com esses profissionais, o que contribui para que mantenham uma frequência de participação.

Ainda na categoria de Avaliação de roteiros, há também comentários sobre a interação com os professores convidados:

A atenção tanto dos funcionários, como do professor que nos orientou e informou o tempo todo foram muito especiais (28/10/2007).

Gostaria de agradecer a vocês que organizam as caminhadas. A última, com o Carlos Urbim, foi excepcional. Ele é ótimo e seu carisma conquistou a todos (21/09/2010).

Estes trechos demonstram a relevância conferida à interação também com os professores. Outro dado referente à sociabilidade é a companhia com que os declarantes realizam a caminhada foi possível identificar que muitos participam com a família. A caminhada em família pode também gerar novos significados importantes como uma atividade de lazer e cultura acessível aos membros de várias idades:

Meus filhos poderão contar que visitaram a biblioteca e a pinacoteca em obra. Eles adoraram e o bom disso é que eles valorizam a sua cidade e são eles que cuidarão dela com suas futuras gerações. Foi uma experiência incrível de Nossa Porto Alegre. Pensei que talvez não gostassem, pois um é adolescente (13) e a outra tem oito. Pelo contrário, adoraram e fizeram diversos comentários ao longo do dia e no domingo (02/12/2007).

Novos relatos: minha filha de oito anos adooooooooooooorou. Chegou em casa bem séria e disse: Mãe, já sei em qual igreja quero casar. Qual minha filha?

É óbvio que a escolhida foi São José até porque estava apaixonadamente decorada para um casamento. E assim, ela conta para todo mundo. Logo ela, que não foi batizada (12/06/2008).

[...] fico muito feliz quando recebo seu e-mail... minha filha que vem passar as férias aqui e será ótimo para ela, pois conto para ela como foi cada passeio que participei (24/07/2009).

Os relatos acima demonstram a importância da ação enquanto formação cultural e social. A educação não escolar, proposta pelo conceito de Cidade Educadora, Brarda e Rios (2004) justamente apontam o potencial da mesma como espaço de aprendizagem para seus moradores, tanto no aspecto da interação com outros, quanto nos direitos e deveres do cidadão para com seu município.

Uma questão relacionada também à sociabilidade, que não é expressa diretamente, mas fica latente, é o compartilhamento destas experiências com amigos, colegas e parentes. Um ritual muito comum para viajantes é, ao retornar,, mostrarem suas fotos, vídeos de viagem, contarem suas histórias curiosas. Pode-se dizer que é inclusive representativo de status social e cultural investir em viagens.

É interessante constatar que o mesmo fenômeno pode ser percebido entre os participantes do Viva o Centro a Pé. A última citação demonstra isso, a mãe que relata à filha que mora fora todos os passeios que faz. Entre as demandas apresentadas organizadores estão fotos, vídeos e souvenirs das atividades, também materiais que demonstram sua participação nesta atividade. Vários comentam também que estão recomendando a atividade aos seus amigos:

Participamos pela primeira vez do programa neste sábado, dia 12 de abril e ADORAMOS. Parabéns pela iniciativa, pelo trabalho, pela organização e pela escolha de um profissional brilhante para nos guiar. Temos certeza da qualidade dos próximos eventos e já recomendamos para vários amigos (16/04/2008).

Esta equiparação de importância entre passeios realizados em outras cidades é refletida por alguns participantes:

Moro há 7 anos em Porto Alegre e penso que é muito importante conhecer a história da cidade, minha ficha caiu a respeito disso após passar algumas semanas na Europa, onde fiz esses passeios orientados em Paris e Barcelona. Muitas vezes é estando lá fora que aprendemos a valorizar o que temos aqui. Se fiz nas cidades européias, por que não fazer na minha amada Porto Alegre? (02/03/2010)

[...] as vezes me pergunto porque saio para viajar em tantos lugares enquanto tem lugares na minha cidade que nunca fui (11/03/2011).

Estes depoimentos também demonstram uma nova percepção dos participantes em relação à cidade onde moram, decorrente da experiência de

estranhamento provocada pelos passeios. Por passearem pela cidade da mesma forma que o fariam em outras cidades, assumindo uma posição de turista, com o olhar de um estrangeiro, permitem-se estranhar uma paisagem talvez já familiar pela rotina, assim percebendo novas nuances na paisagem da cidade:

[...] mesmo residindo na cidade e passando todos os dias e noites pelas ruas, [os moradores] não sabem ou têm tempo para olhar para cima e notar as belezas que os prédios e os sítios situam na história e grandes revoluções sofridas ou beneficiadoras que recebemos sem as saber ou tomar-lhes ciência (05/11/2007).

O Viva o Centro a Pé oferece uma re-apresentação da cidade, em que a experiência de caminhar como um turista, aliada à orientação do professor e ao pertencimento valorizado do grupo, conferem um novo significado mesmo a locais já conhecidos.

Realmente acho muito importante que existam estas ações que buscam “reapresentar” o centro da cidade e seu entorno para os moradores de Porto Alegre (20/08/2008).

Esta reapresentação da cidade, a partir de um novo olhar, pode gerar maior apropriação do morador em relação a sua cidade, tal qual sugere o conceito de turista cidadão - a partir desta nova relação, surgirá nova postura e comportamento.

Passar pelo viaduto da Borges já não era mais a mesma coisa. Pensar na Casa de Cultura Mario Quintana e dar-me conta que nunca antes havia percebido que eram dois edifícios de épocas diferentes... Que surpresa... (01/10/2007)

Moro em Porto Alegre há exatos 25 anos e confesso não conhecer direito nossa cidade (14/04/2009).

Esta apropriação ou sensação de pertencimento está presente em algumas declarações de orgulho de Porto Alegre, conforme seguem:

Que delícia! Compartilhar aquele sol no meio de tanta cultura... O cume de tudo se deu naquele belíssimo recital, dentro de uma igreja maravilhosa, um verdadeiro presente. De tudo... Senti mais orgulho de ser porto-alegrense, fiquei mais “bairrista” do que já era... tive uma percepção muito diferente de vários lugares que eu cria já conhecer (28/10/2007).

Porto Alegre merece ser visitada, é um dos melhores lugares do mundo (não sou bairrista..rsrsrs) (21/12/2010).

São novas construções de significado da cidade a partir do que os próprios participantes caracterizam como aprendizado. Em diversas mensagens está presente a ideia de que um dos benefícios das caminhadas é a aprendizagem sobre Porto Alegre.

[...] foram muito proveitosos, em termos de conhecimento adquiridos da cidade de POA, todos os caminhos que participei (11/05/2009).

[...] o público alvo foi de pessoas realmente interessadas na cultura e na história de nossa cidade, acredito que é importante divulgar a nossa história que é tão rica (12/07/2009).

[...] voltei entusiasmado deste encontro. Realmente nós porto-alegrenses ainda temos muito o que aprender sobre a história e curiosidades de nossa cidade e apreciar as belezas que não enxergamos no corre-corre diário (11/12/2009).

A importância sobre o aprendizado no Viva o Centro a Pé fica evidente na avaliação dos professores convidados. As mensagens valorizam o conhecimento profundo dos professores das diversas áreas:

Luiz Augusto Fischer é um profundo conhecedor de Literatura e da História de Porto Alegre. Foi uma caminhada muito gratificante, pena que durou somente duas horas (11/05/2009).

Fui um privilégio ter esse roteiro cultural orientado pelo nosso Patrono da Feira 2009 Carlos Urbim, o Arquiteto Glênio e Luiz Carlos promotor de eventos, que são emissários de grandes saberes (21/09/2010).

Percebe-se que a definição dos organizadores de buscarem profissionais bastante especializados e renomados em suas áreas confere um maior *status* à atividade como processo de aprendizagem, e isto é apreciado pelos participantes.

É importante ainda registrar que algumas mensagens, além da expertise dos professores, destacam sua habilidade de oferecer informações pertinentes e interessantes de forma agradável, mantendo um contexto de atividade de lazer. Comentam também sobre a linguagem acessível, demonstrando que consideram a mediação adequada e acessível:

[...] o Prof. Cláudio, com linguagem acessível, expos sobre as construções de uma forma muito interessante!! (02/06/2009)

La compañía de la profesora Luiza y el señor que acompañava fue perfecta y los conocimientos repasados en la dosis correcta, no siendo muy tecnica, o sea equilibrio... (24/04/2010)

Aprendi muito com a excelente guia a arquiteta e historiadora Leila, sem ser muito longa e usando uma linguagem de fácil entendimento por todos (29/11/2010).

Além do equilíbrio referente à linguagem, os participantes relatam também o equilíbrio entre uma aula técnica e uma abordagem calcada em uma experiência mais subjetiva, que estimula as sensações e sentimentos dos participantes.

Escrevo só pra comentar que foi o máximo a caminhada com o Carlos Urbim. Ele é muito comunicativo e cativou a todos com histórias vividas por ele quando chegou a POA e leu uma carta de amor do Julio de Castilhos à esposa, além de fornecer muitas informações históricas enriquecedoras complementadas pelo Glenio Bohrer (03/10/2010).

Ainda encantados com a Caminhada do último Sábado - Orientada pelo Professor Sivio de Abreu, que falou com muita propriedade e paixão sobre o Moinhos de Vento... (02/07/2009)

Os elementos apontados pelos participantes em suas mensagens à coordenação apresentam, assim, diversos elementos que justificam o grande volume de público e a constância da ação, grandes indicadores de sucesso em seu intuito de uma atividade educativa e experiência prazerosa.

4.2.3 Sugestões e comentários dos participantes

No último item do questionário que solicitava a respeito de sugestões ou comentários quanto ao Viva o Centro a Pé, foram registradas 82 mensagens. Destas, sete são mensagens bastante curtas, que apenas parabenizam o projeto ou afirmam que o aprovam da forma como está. As setenta e cinco mensagens restantes apresentam duas linhas de respostas.

A primeira delas é relativa às avaliações do significado e objetivo da ação como um todo, sem apresentarem sugestões pontuais de melhoria. Treze das mensagens propõem a permanência ou continuidade da ação. São declarações positivas em relação à essência e efeito provocados pela ação, como se pode perceber nas seguintes falas:

Projeto muito interessante e de alto nível cultural. Espero que o projeto continue por muito tempo.

Acho interessante este programa porque nos dá oportunidade de conhecer melhor estes espaços da nossa cidade que as vezes nem percebemos com a carrida diaria de nossas vidas.

Uma iniciativa muito importante para a valorização da cidade em seus aspectos culturais, históricos e políticos.

Gostaria de deixar meus parabéns pela iniciativa, pois o portoalegrense e o turista tem a oportunidade de conhecer o lugar onde vive e receber uma educação patrimonial! Continuem assim!!!

O Roteiro é uma ferramenta que transmite conhecimento da memória da Cidade, além de fazer com que os participantes façam uma reflexão sobre a importância de preservar e conservar o patrimônio Histórico e Cultural de sua cidade.

Viva o Centro a Pé é uma daquelas iniciativas com um princípio simples e um fim gratificante que promove o resgate histórico e afetivo da cidade onde nascemos e, por desleixo de seus cidadãos, desconhecíamos mas, por uma iniciativa pública nos é dada a oportunidade de retormarmos este valores extraviados.

São mensagens em consonância com as provenientes da divulgação no site, analisadas anteriormente. Não foi encontrada nenhuma avaliação negativa sobre a proposta da ação, embora as sugestões apontem avaliações negativas quanto à execução.

Assim, a segunda categoria de análise trata das sugestões e propostas de melhoria para a ação, contidas em 60 das mensagens, ou seja, 73% delas. Foram divididas exatamente como as questões avaliativas anteriores do questionário: Roteiros, Organização e Professores. Quanto à categoria professores, não há nenhuma sugestão de melhoria. Foi encontrada apenas uma proposta de inclusão, na apresentação dos espaços, dos guias de turismo da Secretaria Municipal de Turismo que regularmente acompanham o projeto.

Acredito que os Guias de Turismo deveriam participar nas explanações durante as caminhadas, pois este é o seu papel.

A formação do guia de turismo prevê, além da condução dos grupos, a interpretação do patrimônio e, neste aspecto, poderiam sim participar da apresentação de determinados espaços. Klein (2011) comenta que, logo no início da ação foi realizada uma experiência de caminhada com um guia de turismo. Entretanto, a organização considerou que o profissional, apesar de dominar o tema, não apresentou o perfil buscado, pois suas explanações eram muito longas e cansativas, gerando desconforto entre os participantes. Com a adesão da Secretaria Municipal de Turismo, em 2009, à organização do Viva o Centro a Pé, ficou a encargo da dessa instituição ceder um de seus profissionais guias de turismo para o acompanhamento das caminhadas, inclusive com a participação desses profissionais nas chamadas Caminhadas de Verão.

No final da década de 1990 e início de 2000 o então Escritório Municipal de Turismo ofertava gratuitamente caminhadas guiadas em dois roteiros no Centro, aos finais de semana. Entretanto após a criação do Linha Turismo, o órgão optou por não dar continuidade a essas caminhadas por entender que seriam uma

sobreposição de atividades. Infelizmente, devido a sucessivas mudanças de gestão, a atual Secretaria Municipal de Turismo não dispõe de dados ou registros referentes a esta ação, o que ofereceria interessantes elementos para comparação.

Em 2009 a SMTUR buscou iniciar uma renovação desta atividade de forma isolada com poucos recursos de divulgação e obtiveram poucos participantes. Klein (2011) relata que houve confusão em dos participantes freqüentes, pois acreditaram se tratar de roteiros do Viva o Centro a Pé. O Gabinete da 1ª Dama então propôs a SMTUR uma ação conjunta em que os seus guias participassem das caminhadas durante o ano e que assumissem os guiamentos nas chamadas Caminhadas de Verão.

A opção por incluir os guias de turismo atendeu também a demanda do Sindicato de Guias de Turismo do Rio Grande do Sul, que havia iniciado pressão para a inserção de seus profissionais, argumentando que a atual legislação brasileira exige assim o exige. Esta exigência prevê inclusive que o profissional seja cadastrado no Ministério do Turismo e que durante a atividade porte a credencial correspondente. Para a obtenção da credencial, a legislação exige a realização de curso Técnico em Guia de Turismo.

Nos roteiros observados entre julho e outubro de 2011, foi possível perceber uma maior abertura à participação dos guias de turismo na condução do grupo, como representantes da organização, ao darem as boas vindas aos participantes, apresentarem o professor convidado, oferecerem informações sobre os próximos roteiros e avisos de forma geral. Não foi observado nenhum momento em que o guia atuou como intérprete do patrimônio.

De certa forma, pode-se avaliar que os dois profissionais são complementares na condução dessa atividade específica. O guia de turismo, capacitado para a condução de grupos em vias públicas, principalmente em questões relacionadas à segurança e conforto dos participantes, oferece apoio ao professor, que na maioria das vezes está habituado a palestrar em espaços fechados ou com grupos muito menores. Por outro lado, a formação do guia de turismo tende a ser mais superficial em relação a dados sobre patrimônio, se o compararmos a um professor/pesquisador daquele tema específico. Outra questão que pode dificultar a participação do guia de turismo da SMTUR na interpretação dos espaços é que o plano e lógica de apresentação são definidos pelo professor, assim como o trajeto a ser realizado, e, pelo que pode ser observado nas caminhadas, não

há comunicação prévia entre os dois profissionais. Para que o guia de turismo pudesse interagir adequadamente, o planejamento do roteiro precisaria ser feito em conjunto.

A formação em nível técnico de Guia de Turismo prevê a formação de um profissional apto a condução e atendimento do grupo em suas diversas necessidades, entretanto, em relação a interpretação de patrimônio, sua formação é generalista. Se retomarmos de interpretação propostos por Murta e Goodey (2002), a formação do guia é ainda deficiente no desenvolvimento da habilidade de proporcionar uma experiência e estimular a curiosidade do visitante, principalmente por não dominar o conteúdo, ficando preso apenas a memorização de fatos. O profissional guia de turismo com maior destaque no mercado é aquele que busca formação continuada seja em ações como a do Viva o Centro a Pé, seja em cursos formais.

Retomando, a maioria das mensagens se divide entre as categorias Roteiros e Organização. Dentre a categoria Roteiros foi possível identificar três focos:

1) Indicação de novos trajetos de roteiros ou citação de espaços a serem visitados estiveram presentes em 16 das mensagens. Embora apresentassem grande diversidade algumas continham grande riqueza de detalhes:

Gostaria que fossem feitas caminhadas ao Mercado Público e arredores.

Acho que sobre história dos bairros ou passeios influenciados por enredos de livros cuja história se passa na cidade, como os Ratos, de Dyonélio Machado ou o Camilo Mortágua, de Josué Guimarães.

[...] gostaria de conhecer a catedral de porto alegre ,principalmente a parte de cima. e tambem conhecer o palácio Piratini

Gostaria de sugerir que fossem realizadas caminhadas ao Mercado Municipal e visitas aos Estádios de Futebol de Porto Alegre, para conhecer suas histórias, visando o Turismo Esportivo de Visitas e pensando na Copa do Mundo de 2014, pois Porto Alegre é uma cidade sede.

Passeios pela Zona Sul de Porto Alegre

Gostaria de um passeio pelos hospitais mais antigos da cidade. Algo orientado por um historiador ou arquiteto, que nos contasse fatos interessantes relacionados as instituições, por exemplo. Data de construção, pessoas importantes relacionadas à obra e detalhes arquitetônicos.

2) Solicitação de diversificação de roteiros e críticas a repetições constantes foram registradas em 10 mensagens da seguinte forma:

[...] mas gostaria que num futuro fossem disponibilizados roteiros para outras regiões da cidade. Eu só enjoei um pouco os que ocorrem no Centro Histórico que têm a subida no Viaduto Otávio Rocha (essa parte é muito constante).

Continuar com os roteiros e eventualmente mesclar roteiros, uns com outros. É que participei de quase todos, está sendo ótimo, alguns repetem, já levei netos e amigos.

Gostaria de novos roteiros, pois já conheço os atuais.

A repetição exaustiva de alguns roteiros também tem me desmotivado a participar.

Alguns roteiros são um pouco repetitivos, na verdade alguns atrativos se repetem muito como o viaduto Otávio Rocha. Gosto da ideia das saídas além do centro.

Acho que os roteiros poderiam ser um pouco mais diversificados. Depois de três caminhadas, alguns locais se tornam repetidos

Essas expressões demonstram o interesse e expectativa do público em continuar participando, mas de roteiros inéditos. A diversificação dos roteiros pode ser feita alterando-se o trajeto, o professor orientador e ainda a temática que conecta uma visita a outra. É possível perceber a disposição da organização em atender a esta demanda já no segundo semestre de 2011, em que foram realizados roteiros inéditos que tiveram bastante repercussão. Um exemplo foi a caminhada realizada no dia 10 de setembro de 2011, que terminava com uma visita ao Aeromóvel, equipamento normalmente fechado ao público em geral. A organização relatou que dois dias antes do roteiro mais de 220 pessoas haviam se inscrito.

3) Sugestões quanto ao ritmo e tempo dos percursos aparecem em três mensagens, que parecem contraditórias, já que duas solicitam que o passeio seja em ritmo mais lento, enquanto a terceira considera o excesso de tempo cansativo.

Disponibilizar mais tempo para as pessoas fotografarem o passeio

A caminhada poderia ser mais devagar para que idosos, crianças e pessoas com necessidade especiais pudessem participar.

As caminhadas são ótimas porém, geralmente excedem o tempo estipulado de duas horas se tornando muito cansativas.

Quanto aos itens concernentes à Organização da ação, foram identificados outros dois conjuntos, um relativo aos meios de comunicação utilizados, e o outro relativo à qualidade das visitas, principalmente relacionada ao excesso de pessoas.

As sugestões quanto à divulgação e à ampliação dos meios de comunicação entre participantes, professores e organização denotam um empenho dos participantes em manter contato com o grupo no período entre um roteiro e outro.

Foram 17 mensagens que sugerem novos meios e mídias de comunicação entre os participantes já conquistados e a comunicação para novos públicos, além de sugestão de disponibilização de dados referentes aos roteiros.

Gostaria que tivesse um site ou blog com mais informações. Esse aqui: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php> nem tem o próximo passeio que já está marcado e que eu recebi por e-mail (me refiro ao passeio do dia 28/09).

Um site ou blog, onde os participantes podem trocar comentários, dicas, fotos

Não fui conferir se já existe. Mas um blog seria perfeito, um facebook onde poderíamos postar nossas fotos tiradas com os amigos e conhecidos. Uma maneira de divulgar.

É possível perceber novamente a importância conferida à sociabilidade e ao contato entre participantes, quando sugerem ferramentas de trocas de fotos e comentários a partir das experiências realizadas.

Solicita-se também a produção e disponibilização de materiais relativos aos roteiros e às interpretações feitas pelos professores. Estas solicitações podem indicar um empenho dos participantes em extrapolar o tempo delimitado para as caminhadas, ao buscar dados e informações também em outros momentos.

Distribuir de material informativo sobre o roteiro mais detalhado

Sugiro juntar todo material e fazer um documento porque são diferentes arquitetos e talvez não se tenha isso feito na cidade

Disponibilizar mapas e fotos antigas e novas via internet, para ilustrar os passeios.

Poderiam emitir atestado de participação para estudantes de graduação a partir de uma determinada frequência em um ano, assim os estudantes poderiam utilizar como créditos complementares em seus currículos de graduação.

O cunho educativo conferido à ação fica evidente nesta última fala, em que o respondente solicita justamente uma formalização da sua participação na atividade, pois a considera complementar a sua formação superior.

Já o segundo conjunto de sugestões, relativo ao volume de participantes, esteve presente em 14 das mensagens, seja como avaliação negativa, seja como sugestão de solução para o problema.

[...] o número de participantes gera risco de acidentes.

[...] proponho subdividir o grupo quando este for maior de 30/40 pessoas.

Único ponto negativo foi em um passeio onde utilizamos ônibus cedidos pela EPTC e o mesmo ficou muito lotado pois não teve controle do número de pessoas que participariam do projeto.

Quatro respondentes reivindicam tratamento diferenciado aos participantes que confirmaram presença como forma de controlar o excesso de pessoas.

Porém, algumas visitas é complicado super lotar um ônibus...logo, seria bom ter uma lista restrita a tantas pessoas inscritas ou ter duas visitas se for uma rota muito procurada....

Sugiro que para certas ocasiões se dê ênfase à ordem de inscrição.

Acho que deveria haver uma forma de diferenciar os inscritos dos que não estão inscritos no passeio (talvez um crachá ou colete). Essas pessoas teriam preferência para entrar nos locais visitados e se aproximar do guia (o alcance do megafone é muito pequeno e, por isso, apenas quem fica perto do guia consegue escutar).

Outra sugestão para resolver a situação é aumentar a frequência de caminhadas, de forma a diluir o volume de público entre as datas.

A Caminhada pelo centro é uma atividade excelente, gostaria que fosse realizada mais vezes no mês, minha sugestão é todo sábado,

O grande número de pessoas também é um problema. Aumentando o número de saídas e limitando o número de pessoas (se é que é possível), talvez seja uma boa solução.

Além da lotação do transporte, outro ponto registrado como consequência do excesso de pessoas é relativo à qualidade do sistema de som utilizado pelos palestrantes e organizadores.

Quando tem muita gente participando, tenho alguma dificuldade para ouvir.

Não sei se por ter muitas pessoas na última saída, foi um pouco complicado de ouvir o que era dito no megafone. Tinha momentos em que eu me separei das pessoas com quem eu fui para ficar o mais perto possível do professor, senão, não conseguia acompanhar o que estava sendo dito.

O maior problema do projeto é a quantidade de participantes que atrapalha o acompanhamento e entendimento das informações.

Mas às vezes é complicado ouvir as explicações. Acredito que a quantidade de participantes aumentou e o megafone atual não comporta a necessidade.

O gramofone deve ser + potente, pois muitos caminhantes não param de falar e quem não está bem na frente, não escuta.

É interessante perceber que as sugestões de maior divulgação partem da premissa de que a ação é importante e deve ser compartilhada com um maior número de pessoas. Ao mesmo tempo, a ação, em função do volume de pessoas e do desconforto que isso gera em algumas, demonstra que está chegando ao limite de capacidade de atendimento do público. Por outro lado, as sugestões relativas à necessidade de diversificação de roteiros podem apontar um caminho de solução da situação. Caso a ação pudesse oferecer maior frequência de caminhadas, o público cativo que solicita novos roteiros se interessaria pelas inovações, enquanto a manutenção dos roteiros iniciais atenderia ao público recém conquistado.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa se propôs a estudar a ação do Viva o Centro a Pé à luz de referenciais teóricos como os conceitos de turista cidadão, memória coletiva e lugar de memória, cidade educadora e interpretação de patrimônio. As principais questões que nortearam o estudo, inter-relacionavam estes conceitos, ao buscar compreender a mobilização provocada pela ação em seus participantes e que significados eles lhe conferiam.

Assim, a pesquisa foi estruturada de forma a, primeiramente, recuperar o histórico da ação e contextualizá-la, o que demonstrou que a proposta do Viva o Centro a Pé estava em consonância com diversas outras atividades que visavam a proteção e apropriação do patrimônio cultural.

O segundo objetivo buscou identificar o perfil dos participantes da ação e suas avaliações sobre a atividade, de forma a alimentar a coordenação da ação com subsídios que norteiem seu planejamento. Quanto ao perfil de participantes, foi possível identificar que têm características bastante variadas quanto à idade e companhia que escolhem para realizar as caminhadas, assim como o número de vezes em que participaram. Entretanto, têm traços de aproximação bastante marcados como os dados relativos às profissões, que apesar de variadas, indicam que há grande incidência de formação em nível técnico e superior. Este dado demonstra que muitos dos participantes atraídos para as caminhadas possuem um perfil mais intelectualizado ou elitizado. Foi identificado também um percentual expressivo de professores e estudantes motivados a realizar a caminhada como formação complementar. Outro dado é que a maioria dos participantes é moradora de Porto Alegre e motivou-se a participar como forma de aprendizado e conhecimento sobre a cidade. Identificou-se também um alto grau de satisfação em relação à qualidade dos roteiros escolhidos, aos professores convidados e quanto à organização da atividade de forma geral.

As sugestões e opiniões registradas demonstram o interesse do público em permanecer participando, ao solicitar novos e variados roteiros. Entre os bairros sugeridos, estão Cidade Baixa, Teresópolis e Floresta, além da Zona Sul da capital. Os locais citados para compor novos roteiros são:

- Mercado Público e arredores,
- Rua da Praia,
- cúpula da Catedral Metropolitana,
- igrejas fora do Centro Histórico,
- Palácio Piratini,
- parques,
- Orla e Cais do Porto,
- estádios de futebol,
- Biblioteca Pública,

Há ainda a sugestão dos seguintes roteiros temáticos:

- bairros utilizados como cenários de livros;
- teatros da cidade e seu funcionamento,
- morros que circundam Porto Alegre,
- hospitais antigos,
- lendas,
- contos populares, e
- percurso do negro na cidade.

As solicitações, por parte dos moradores, de maior divulgação e frequência de realização também apontam para a proposta de ampliação da atividade. Da mesma forma, a demanda por meios de lidar com o excesso de público indica que, no formato em que está a ação está atingindo seu ápice, e se não for capaz de ampliar sua frequência, poderá causar aumento de insatisfação em relação à qualidade dos roteiros.

Se avaliarmos que há grande volume de pessoas interessadas, mesmo com o pouco investimento em divulgação, poderemos inferir que há uma expressiva demanda reprimida por atividades com este objetivo. Isto também justifica o aumento na frequência dos roteiros, além de indicar o movimento espontâneo da comunidade para ações educativas em relação à cidade.

O terceiro objetivo proposto pela pesquisa foi identificar e analisar os diferentes significados da experiência das caminhadas a partir das mensagens dos participantes, tanto oriundos da divulgação no site da ação, quanto registrados nos formulários da pesquisa de perfil.

O que mais expressam os participantes é a aprovação da proposta da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com avaliações positivas quanto à iniciativa educativa e cultural, gratuita a todos os participantes. Se retomarmos as dimensões da relação entre cidade e educação, apontadas por Trilla (1996), poderemos perceber que a ação da PMPA contempla todas, já que utiliza os equipamentos e espaços da cidade como locus de educação múltipla e diversa.

É uma política realizada a partir da cooperação entre instituições e comunidade. Atende também a segunda dimensão apontada pelo autor, na medida em que utiliza o meio urbano como um rico agente informal da educação, tanto seus espaços construídos quanto as relações sociais, neste caso a relação com o grupo.

A última dimensão é, com certeza, a mais evidente, já que se relaciona à utilização da cidade como próprio conteúdo de aprendizagem. É interessante perceber que justamente este foi o ponto mais registrado pelos participantes como motivação ou expectativa em relação às caminhadas, e, também, um dos traços mais citados como dignos de elogios.

Outro significado recorrente, que parte do aprendizado sobre a cidade, está presente nos relatos referentes à geração de novas relações entre moradores e espaços expressivos da memória coletiva. Estas novas relações são produzidas a partir do processo de estranhamento e posterior aproximação, resultando em um novo olhar sobre o mesmo espaço. A nova experiência pode assim provocar mudança de postura, maior apropriação e valorização do espaço. Este é o cerne do conceito de turista cidadão, que valoriza o patrimônio e fortalece sua identidade coletiva.

Considera-se assim que os participantes do Viva o Centro a Pé podem ser turistas cidadãos, na medida em que conseguem vivenciar todas estas etapas. Entretanto, há que se questionar se este processo é desencadeado pela participação no Viva o Centro a Pé ou se essas pessoas buscaram a ação

justamente para satisfazer seu interesse já existente. Ou seja, o Viva o Centro a Pé é uma resposta a uma demanda pré-existente? Penso que sim.

Se considerarmos o perfil de formação dos participantes e a grande parcela de estudantes e professores, perceberemos que, em geral, é um público que dispõe de outras ferramentas e possibilidade de acesso a atividades culturais ou educativas similares. Isto eleva o padrão de expectativas em relação às caminhadas, já que são pessoas que têm elementos para análise e comparação. Da mesma forma, indica um público com maior hábito de participação em atividades educativas. Desta forma, no momento em que há disponibilização da atividade de seu interesse, orientada por professores renomados, a adesão é rápida.

A tímida divulgação da ação, que conta basicamente com mídias espontâneas, mesmo que involuntariamente mantém a característica do grupo, já que as caminhadas são divulgadas nos mesmos meios dos participantes. A ampliação da divulgação e a busca por novos públicos implicaria crescimento da operação, além de maior investimento em mídias diversas. Só assim a ação poderia diversificar e aumentar o público atendido mantendo a qualidade.

Outra proposta seria utilizar o mesmo princípio de aprendizagem na, da e sobre a cidade, em novos projetos com o mesmo objetivo de apropriação do morador com a sua cidade. Trabalhos pontuais têm sido realizados, como por exemplo o curso de extensão “Leituras da Cidade”, voltado para educadores do município. Entretanto, se compararmos o volume de educadores municipais e a parcela atendida pelo curso, teremos uma participação ainda pequena, mas que tem rendido bons frutos e poderia ser sistematizada em maior escala. Acredito que a formação de educadores para o papel de intérpretes do patrimônio seja a forma mais adequada de multiplicação do processo de provocar que um morador se torne um turista cidadão.

O processo educativo desencadeado pela ação aparece de forma transversal nos diversos dados analisados, seja pela motivação dos participantes em utilizar a ação como formação continuada, ou pelo interesse em conhecer a cidade. Esta busca pode demonstrar a pouca inserção deste tema nos diversos níveis da educação formal da comunidade, o que justifica a busca dos participantes em preencher esta lacuna. Assim, pode-se considerar que há também a necessidade de sistematizar ações como a do Viva o Centro a Pé visando atender aos estudantes da

cidade, o que por si só configuraria uma multiplicação do público. É claro que, ao oferecer atividade similar aos participantes de diversas idades, seria necessário adaptar a interpretação realizada pelos professores, de forma a adequá-la ao público infanto-juvenil.

Os próprios participantes do Viva o Centro a Pé apontaram, em suas falas, a importância de um intérprete que tenha domínio do tema, comunicação acessível e seja capaz de provocar emoções com suas narrativas. Tal qual Costa (2009) citou, cabe ao intérprete ressaltar o valor de cada objeto a partir da vivência que provoca em seu ouvinte. Este estímulo é também parte do processo educativo em que o professor instiga seus aprendentes a pesquisarem, buscarem novas fontes de dados e perspectivas sobre um mesmo objeto, ampliando a percepção e desenvolvendo o espírito crítico. Esse movimento pode também levar o turista cidadão a alterar sua forma de participação na comunidade, ao adotar nova posição de responsabilidade com sua cidade.

Uma questão latente em diversas mensagens é o significado das caminhadas em grupo como um espaço de sociabilidade em meio ao urbano. Esta busca por aproximação aparece tanto nas relações entre professores e participantes, quanto entre a equipe organizadora e os participantes. Vários relatos registram a importância de sentirem-se bem-recebidos e acolhidos. Penso que as propostas de ampliar a comunicação entre participantes via comunidades virtuais é mais um indicativo da necessidade de pertencimento ao grupo. Grupo este valorizado não só pelas questões relativas ao conforto e à segurança de circularem acompanhados, mas principalmente pela identificação a partir de um mesmo interesse: o conhecimento da cidade. Esta semelhança de objetivos pode levar a uma sensação de pertencimento e interação com a cidade e sua comunidade. Se retomarmos as ideias que apontam para a cidade como arena cultural e espaço de diversas tribos, poderemos considerar também o grupo de participantes do Viva o Centro a Pé como uma confraria, com suas próprias dinâmicas de funcionamento e sempre em constante mutação.

Considero que o objeto desta dissertação, a ação Viva o Centro a Pé, é extremamente rico e complexo, permitindo ainda diversos enfoques e recortes, podendo ser alvo de futuras pesquisas. Assim, espero que o presente estudo contribua para as pesquisas científicas tanto em Educação quanto em Turismo, além

de oferecer subsídios à Prefeitura Municipal de Porto Alegre para a avaliação e o planejamento da ação Viva o Centro a Pé, podendo inclusive fomentar novas iniciativas de atividades do gênero, ampliando os resultados tão positivos quanto relevantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Carina V. **Relatório de visita a campo ao Viva o Centro a Pé** [09 out. 2010]. Porto Alegre. Trabalho de conclusão da Disciplina de Antropologia e Educação, do PPG em Educação da PUCRS.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr C. Territorialidade Negra Urbana: a evocação da presença, da residência cultural, política e da memória dos negros, em Porto Alegre, delimitando espaços sociais contemporâneos. In: POSSAMAI, Zita (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

BRARDA, Anália. RÍOS, Guillermo. Argumentos e estratégias para a construção da Cidade Educadora. In: MOACIR GADOTTI, Paulo Roberto; PADILHA, Alicia Cabezedo (Orgs.). **Cidade Educadora: Princípios e experiências**. São Paulo: Cortez, 2004.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. **O que é cidadania**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural**: interpretação e qualificação. São Paulo: Editora Senac São Paulo / Edições SESC SP, 2009.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio B. Leituras da cidade: a interpretação. In: POSSAMAI, Zita (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: O passado como subterfúgio**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GASTAL, Susana. MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KLEIN, Liane. **Sobre a ação “Viva o Centro a Pé”** [18 mar. 2011]. Entrevistador: Carina Abreu. Porto Alegre. Entrevista a assessora da Primeira-Dama, Liane Klein, coordenadora da ação Viva o Centro a Pé desde seu início.

LEITE, Maria Eduarda. De carona para o passado. **Revista da Cultura**. São Paulo, n. 40, Nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc40/index2.asp?page=materia2>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Pôrto Alegre: origem e crescimento**. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1968.

_____. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. **É possível uma Pedagogia da Cidade?. Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.40, p. 212-221, dez.2010.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MORAES, Roque. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MOVIMENTO DE DEFESA DO ACERVO CULTURAL GAÚCHO. **Coletânea de Legislação sobre o Patrimônio Histórico do Município de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1978.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. Interpretação do Patrimônio para Visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2002.

NORA, Pierre. **Entre Memoria e Historia: la problemática de los lugares**. Gallimard, 1984. Disponível em: <<http://comisionporlamemoria.chaco.gov.ar/jovenesymemoria/documentos/pdf/21.pdf>> Acesso em: 09 out. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo de Referências Elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa/BCEPesquisa/BCEPesquisamodelos>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

PORTO ALEGRE. **Síntese do Plano Estratégico – Reabilitação da Área Central de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/usu_doc/relatorio_vivaocentro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2011.

PORTO ALEGRE. Secretaria de Planejamento Municipal. **Viva o Centro a Pé. Depoimento dos participantes**. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?reg=4&p_secao=120>. Acesso em: 16 abr. 2011.

POSSAMAI, Zita. Cidade: escritas da memória, leituras da história. In: POSSAMAI, Zita (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SILVA, Jefferson Ildfonso da. **Cidade educativa: um modelo de renovação na educação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

SOUZA, Célia Ferraz. MÜLLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

TRILLA BERNET, Jaume. **Cidades Educadoras: Bases Conceituais**. In: Anais do Seminário internacional Cidades Educadoras Contra a Exclusão e pela Paz, 1 a 4 de setembro de 1996, UFPR, Curitiba, 1996.

ANEXO A – Roteiros realizados de 2007 a 2011⁴⁶.

Data	Nome do Roteiro	Professor	Descrição
24/2/07		Cláudio Calovi Pereira	Mercado Público, Chalé da Praça XV, Paço Municipal e Praça da Alfândega
31/3/07		José Francisco Alves	Borges de Medeiros, Praça da Matriz, Praça Conde de Porto Alegre e Confeitaria Rocco
28/4/07		Charles Monteiro	Borges de Medeiros, Mercado Público, Chalé da Praça XV, Praça Parobé, Voluntários da Pátria e Docas das Frutas
26/5/07		Cláudio Calovi Pereira	Viaduto Otávio Rocha, Catedral Metropolitana, Palácio Piratini, Praça da Matriz, Praça da Alfândega e Cais do Porto
30/6/07	Centro Baixo	José Francisco Alves	Borges de Medeiros, Rua da Praia, Igreja das Dores, área militar e Usina do Gasômetro
28/7/07		Ricardo de Aguiar Pacheco	Museu Júlio de Castilhos, Theatro São Pedro, Praça da Alfândega, Casa de Cultura Mario Quintana e Usina do Gasômetro
25/8/07		Cláudio Calovi Pereira	Cine Capitólio
29/09/07 (10h)		Cláudio Calovi Pereira	Museu da Comunicação, Praça da Matriz, Casa de Cultura Mario Quintana e Igreja das Dores com recital
29/09/07 (14h)		José Francisco Alves	Museu da Comunicação, Praça da Matriz, Casa de Cultura Mario Quintana e Igreja das Dores com recital
27/10/07		Luiz Merino	Fernando Machado, escadaria da João Manoel até a Duque de Caxias, e visita interna nas obras da Pinacoteca Ruben Berta e no Palácio Piratini.
24/11/07		Cláudio Calovi Pereira	Prédios históricos da UFRGS
29/3/08	Prédios da UFRGS	Cláudio Calovi Pereira	Rua Fernando Machado, Faculdade de Direito (visitação interna), Faculdade de Medicina (visitação interna), antigo Colégio Parobé, hoje Museu do Motor (visitação interna), Observatório Astronômico (visitação interna).
12/4/08	Centro Alto	Charles Monteiro	Rua Fernando Machado, escadaria do Viaduto Otávio Rocha, Duque de Caxias, Catedral, Palácio Piratini (visitação interna), Solar dos Câmara, Praça da Matriz, Theatro São Pedro, Biblioteca Pública e Arquivo Público (visitação interna).

⁴⁶ Os roteiros realizados em novembro de 2011 foram acrescidos a este anexo de forma a trazer todos os dados de 2011, entretanto não foram incluídos na análise de dados.

26/4/08	Arranha-céus	Silvio Belmonte de Abreu Filho	Avenida Borges de Medeiros, Rua Gerônimo Coelho e Praça da Matriz: Edifício Faial, Assembléia Legislativa do RS e Palácio da Justiça. Retorno, pela Rua Riachuelo, à Avenida Borges de Medeiros: Edifício Brasileiro de Moraes. Na Avenida Salgado Filho: os edifícios da CRT e Jaguaribe. Regressando à Avenida Borges de Medeiros: Edifício Vera Cruz, Edifício Sul América, Edifício Sulacap e os Edifícios Planalto, Província e Missões. Praça XV de Novembro e Avenida Otávio Rocha. No Largo Visconde de Cairu: Edifício Consórcio e Palácio do Comércio. Avenida Júlio de Castilhos até a Rua Siqueira Campos: Prédio da Prefeitura Nova. Na Rua Francisco Leonardo Truda: Edifício Formac. Na Praça Montevideú: Edifício Comendador Azevedo, Edifício Sede do Banco do Brasil, Edifícios União, Piratini e City Hotel, Edifício Sede do Banco da Província. Na Rua Sete de Setembro: Edifício Sulbanco. Na Praça da Alfândega: Edifícios da Cia. Previdência do Sul/Imperial, Clube do Comércio, Edifício Sede do Banco Lar Chase. Concluindo, visitação ao maior e único arranha-céu em estrutura metálica da cidade, o Edifício Santa Cruz, na Rua dos Andradas.
10/5/08	Centro Alto	Luiz Merino de F. Xavier	Rua Fernando Machado, escadaria João Manoel, Duque de Caxias, Pinacoteca Ruben Berta (visitação interna), Palácio Piratini (visitação interna), Catedral Metropolitana, Praça da Matriz.
31/5/08	Igrejas da Área Central	Cláudio Calovi Pereira	Igreja Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Igreja São José, Igreja Luterana da Reconciliação, Capela Nosso Senhor dos Passos (Santa Casa), Igreja Metodista Central (só exterior), Catedral Metropolitana (incluir cripta).
14/6/08	x	Luiz Merino de F. Xavier	Rua Marechal Floriano, Avenida Borges de Medeiros, Largo Glênio Peres, Paço Municipal (visitação interna), visita orientada às obras de restauração da Fonte Talaveira e Praça da Alfândega e entorno.
28/6/08	Cemitérios	Gicelda Weber Silveira	Cemitérios - São Miguel e Almas, e Sta. Casa.
12/7/08	x	Cláudio Calovi Pereira	Rua Marechal Floriano, Rua Coronel Fernando Machado, Rua Espírito Santo, Cúria Metropolitana (visitação interna), Rua Duque de Caxias, Palácio Piratini (visitação interna), Casa Rosada - Primeira sede do Legislativo, Palácio Farroupilha (Assembléia Legislativa), Palácio da Justiça, Rua General Câmara, Rua Sete de Setembro, Paço Municipal (visitação interna).
26/07/2008	Porto Alegre de Loureiro da Silva	Silvio Belmonte de Abreu Filho	x
9/8/08	Centro Alto	Cláudio Calovi Pereira	Rua Marechal Floriano, Rua Coronel Fernando Machado, Avenida Borges de Medeiros, Viaduto Otávio Rocha, Rua Duque de Caxias, Visitação interna do Museu Júlio de Castilhos, Praça da Matriz, Visitação interna da Biblioteca Pública Estadual com encerrando no Caminho do Livro.

30/8/08	Obras de Theo Wiederspahn	Cláudio Calovi Pereira	Praça da Alfândega para apreciação do conjunto MARGS e Memorial do RS, e a Rua da Conceição - Edifício Ely (Tumeleiro), com desembarque no estacionamento do Shopping Total. O passeio segue em caminhada pelo túnel verde da rua Gonçalo de Carvalho e arredores do bairro, finalizando com a visita dos prédios e túneis dos subsolos da antiga Cervejaria Brahma.
25/9/08		Cláudio Calovi Pereira	Jockey Club do RS e Fundação Iberê Camargo.
27/9/08	4º Distrito	Leila Mattar	antiga Cia Fiação de Tecidos – Fiateci (visitação interna), antigo Moinhos Riograndense, e outros prédios que existem na rua Voluntários da Pátria e arredores.
11/10/08	Caminhada Literária	Luiz Augusto Fischer	x
25/10/08	Moinhos de Vento	Silvio Belmonte de Abreu Filho	x
8/11/08	x	Cláudio Calovi Pereira	Viaduto Otávio Rocha, Catedral Metropolitana, Praça da Matriz, Cúria Metropolitana (com interiores).
29/11/08	Cemitérios	Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho	Cemitério da Santa Casa e Cemitério Evangélico. A caminhada se propõe a contemplar a arte funerária do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia e do Cemitério Evangélico de Porto Alegre. Serão abordados os aspectos históricos e devocionais das obras de arte que compõem o acervo destas duas necrópoles. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia – primeiro cemitério público “extra-muros” da cidade, instalado em 1850, e ainda hoje o maior da cidade. Visita aos antigos muros com catacumbas e aos grandes mausoléus da chamada Ala Histórica.
28/3/09		Luiz Merino de F. Xavier	Rua Marechal Floriano, Rua Coronel Fernando Machado, Avenida Borges de Medeiros, Viaduto Otávio Rocha, Rua dos Andradas, Galeria Chaves Barcelos, Largo Glênio Peres, Paço Municipal (visitação interna), com lançamento da Exposição Virtual: "Centro Histórico: um bairro, muitos olhares", elaborada a partir de dicas dos frequentadores da Feira do Livro sobre locais interessantes do Centro Histórico de Porto Alegre.
11/4/09	Palácios	Cláudio Calovi Pereira	Paço Municipal, Palácio Piratini, Cúria Metropolitana, Solar dos Câmara
25/4/09	Igrejas	Cláudio Calovi Pereira	
9/5/09	Caminhada Literária	Luiz Augusto Fischer	
30/5/09		Cláudio Calovi Pereira	Jockey Club e Fundação Iberê
13/6/09		Renato Holmer Fiore	Av. Borges de Medeiros, Mercado Público, Paço Municipal, Praça da Alfândega e Caís do Porto.
27/6/09	Cemitérios	Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho	Cemitério Sta. Casa e evangélico

11/7/09	Palácios	Cláudio Calovi Pereira	
25/7/09	Moinhos de Vento	Sílvio Belmont de Abreu Filho	
29/8/09		Sílvio Belmont de Abreu Filho	Praça Dom Sebastião, Igreja Nossa Senhora da Conceição (visita interna), Museu de História da Medicina (visita interna), Casa Torelly (visita interna). Após seguir pela Avenida Independência até a Praça Júlio de Castilhos.
15/9/09		Luiz Merino de F. Xavier	ruas Fernando Machado e Duque de Caxias, Pinacoteca Ruben Berta (com interiores) e Arquivo Público do Estado do RS (com interiores).
26/9/09	Obras de Theo Wiederspahn	Cláudio Calovi Pereira	MARGS, Memorial do RS, Santander Cultural, Casa de Cultura Mario Quintana, Edifício Chaves, Shopping Total e Edifício Ely
17/10/09	Caminhada Literária	Luis Augusto Fischer	Viaduto Otávio Rocha, Livraria do Globo (Rua da Praia), Chalé da Praça XV, Mercado Público e Praça da Alfândega.
31/10/09	Cidade Baixa	Paulo Cesa	Visita interna ao Museu de Porto Alegre
21/11/09		Nei Vargas	Viaduto Otávio Rocha, Museu Julio de Castilhos, Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo.
5/12/09	Centro Alto	Cláudio Calovi Pereira	Viaduto Otávio Rocha, Rua Duque de Caxias, com destaque para a Praça da Matriz. Visitação interna do Arquivo Público do Estado.
13/3/10		Cláudio Calovi Pereira	Rua Coronel Fernando Machado, Cúria Metropolitana (visitação interna), Praça da Matriz e Arquivo Público do Estado (visitação interna).
27/3/10		Cláudio Calovi Pereira	Cine Capitólio (visitação interna), Viaduto Otávio Rocha, Catedral Metropolitana e Praça da Matriz. A caminhada acabará no Multipalco, com uma apresentação de Isabela Fogaça cantando músicas de Porto Alegre, em homenagem ao aniversário de 238 anos da cidade.
10/4/10		Luiz Merino de F. Xavier	Rua Fernando Machado, subir pelas escadarias da João Manoel até Av. Duque de Caxias, Pinacoteca Ruben Berta (com interiores) e Catedral Metropolitana.
21/4/10	Cemitérios	Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho	Cemitério da Santa Casa e cemitério Evangélico.
8/5/10		Nei Vargas	Viaduto Otávio Rocha, Museu Júlio de Castilhos (visitação interna), Museu da Eletricidade do RS – CCCEV (visitação interna), Museu Hipólito José da Costa (visitação interna) e Praça da Alfândega, relacionando as instituições aos pontos turísticos existentes entre elas e a forma de pensar-ver-olhar a cidade como espaços de memória, tanto quanto são os museus.
29/5/10		Cláudio Calovi Pereira	Igreja Nossa Senhora das Dores, Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, Igreja São José, Igreja Luterana da Reconciliação e Catedral Metropolitana.

12/6/10		Luiz Merino de F. Xavier	Rua Fernando Machado, Av. Borges de Medeiros, Largo Glenio Peres, Paço Municipal (Visitação interna), Praça da Alfândega e Cais do Porto.
26/6/10	Moinhos de Vento	Sílvio Belmont de Abreu Filho	Praça Júlio de Castilhos, Jardim Cristofel e hidráulica do Moinhos de Vento (com visitação interna). Seguindo roteiro a pé pelas ruas Fernando Gomes, Barão de Santo Ângelo, Hilário Ribeiro, Luciana de Abreu e Santo Inácio. Encerramento na Praça Maurício Cardoso.
10/7/10	Caminhada Literária	Luis Augusto Fischer	Viaduto Otávio Rocha, Av. Duque de Caxias até a Praça Dom Feliciano, Rua da Praia (Rua dos Andradas) até a Livraria do Globo, encerrando na Praça XV de Novembro.
31/7/10	Moinhos de Vento	Sílvio Belmont de Abreu Filho	Praça Júlio de Castilhos, Jardim Cristofel, e hidráulica do Moinhos de Vento (DMAE), com visitação interna. Seguindo roteiro a pé pelas ruas Fernando Gomes, Barão de Santo Ângelo, Hilário Ribeiro, Luciana de Abreu e Santo Inácio. Encerramento na Praça Maurício Cardoso.
14/8/10		Glênio Vianna Bohrer	Rua Coronel Fernando Machado, Viaduto Otávio Rocha, Praça da Matriz, Praça da Alfândega e Largo Glênio Peres.
18/9/10		Carlos Urbim	Ladeira do Liceu e última casa de Mario Quintana (histórias sobre Mario). Viaduto da Otávio Rocha: dados sobre o Viaduto, Associação Rio-grandense de Imprensa e Teatro de Arena (símbolo da resistência à censura no regime militar). Museu Julio de Castilhos, cartas de amor de Castilhos. Praça da Matriz, Rua da Ladeira, Praça da Alfândega, Histórias da Rua da Praia, antigos cinemas de calçada. Esquina da Imprensa: dados sobre Correio do Povo (Rádio Guaíba, Folha da Tarde e Folha da Manhã), Museu Hipólito da Costa (antiga sede de A Federação). Término na Casa de Cultura Mario Quintana.
9/10/10	Cidade Baixa	Paulo Cesa	Visitação interna ao Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo
13/11/10	Cidade Baixa	Nei Vargas	Viaduto Otávio Rocha, Museu Júlio de Castilhos (visitação interna), Praça da Matriz, Museu da Eletricidade do RS – CCCEV (visitação interna), Praça da Alfândega e Museu Hipólito José da Costa (visitação interna). A proposta relacionar o significado das instituições museológicas com os espaços públicos, como forma de ver-pensar-olhar a cidade enquanto local de contemplação, de memória e de preservação do ambiente urbano.
12/3/11		Cláudio Calovi Pereira	Rua Fernando Machado, Viaduto Otávio Rocha, Av. Duque de Caxias, Praça da Matriz e visitação interna na Biblioteca Pública do Estado, que está sendo restaurada desde 2006. O primeiro roteiro de 2011, que ocorre no dia do Bibliotecário, vai permitir o acesso ao segundo andar do prédio, onde estão localizados o Salão Mourisco, o Salão Egípcio e o Acervo Geral.

26/3/11	Cemitérios	Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho	Santa Casa e Evangélico
9/4/11		Luiz Merino de F. Xavier	Rua Fernando Machado, escadaria da João Manoel, Duque de Caxias, Praças da Matriz e da Alfândega
30/4/11	Bairro Moinhos de Vento	Silvio Belmonte de Abreu Filho	Praça Júlio de Castilhos onde inicia o roteiro a pé, seguindo pelo Jardim Cristofel até a Hidráulica do Moinhos de Vento (DMAE), com visitação interna. Ruas Fernando Gomes, Barão de Santo �ngelo, Luciana de Abreu, Santo In�cio, encerrando na Praça Maurício Cardoso, onde o ônibus retornará ao Caminho dos Antiquários.
14/5/11	Caminhada Literária	Luiz Augusto Ficher	Viaduto Otávio Rocha, Av. Duque de Caxias até a Praça Dom Feliciano (antiga Praça Caridade. Descer a rua da Praia até Livraria do Globo, encerrando na Praça XV
28/05/2011	4� Distrito	Leila Nesralla Mattar	Rua Paraíba, até o antigo Moinho Rio-grandense (visita�o interna). Depois caminhada por algumas ruas da região e um passeio, com o ônibus, pelos armazéns da rua Voluntários da Pátria.
4/6/11	Trilha do mito fundador gaúcho	Nivaldo Pereira	Praça da Matriz, Catedral Metropolitana, Palácio Piratini, Theatro São Pedro, Assembléia Legislativa, Memorial do Rio Grande do Sul e Paço Municipal (Marco Zero).
11/06/2011	Esculturas públicas do Centro Histórico de Porto Alegre - monumentos e fachadas	José Francisco Alves	Viaduto Otávio Rocha, Praça da Matriz, Avenida Sepúlveda, encerrando na Fonte Talavera.
25/06/2011		Giselada Weber Silveira	Cemitério Santa Casa e e São Miguel e Almas
9/7/11		Cláudio Calovi Pereira	Marechal Floriano, Av. Borges de Medeiros, por baixo do viaduto Otávio Rocha, até o Largo Glênio Peres. Chalé da Praça XI, Paço Municipal (visita�o interna), e Av. Sepúlveda, finalizando no Ca�s do Porto.
30/7/11		Glenio Vianna Bohrer	Viaduto Otávio Rocha, Av. Duque de Caxias, Rua da Praia, passando por importantes praças e prédios históricos, com informa�es sobre suas origens e valores, apresentando as interven�es realizadas e previstas através do Projeto Viva o Centro, que trata da recupera�o deste setor da cidade. Serão destacadas as obras em andamento da Praça da Alfândega e do Cine Imperial, as melhorias executadas e previstas no Largo Glênio Peres e Praça XV de Novembro, e a proposta para o Cais Mauá.

13/8/11		Nei Vargas	Viaduto Otávio Rocha, Museu Júlio de Castilhos (visitação interna), entorno da Praça da Matriz, Museu Militar e Museu da Brigada. A proposta busca entender a importância das instituições museológicas e a possibilidade de relação de seus significados atribuídos à cidade. Trata-se de instigar o olhar e a percepção dos espaços públicos como instrumentos de contemplação e de preservação da memória.
27/8/11	Vila do IAPI	Helton Estivalet Bello	Loteamento concebido originalmente para moradia dos trabalhadores da indústria. Construído entre 1946 e 1952 na periferia da cidade à época, o conjunto possui uma grande variação de edificações, de casas unifamiliares isoladas, geminadas e de pequenos ou extensos blocos de habitação coletiva, apresentando também serviços básicos para a comunidade, como comércio, posto de saúde, escola, igreja, sede esportiva, etc. A principal característica da Vila é sua paisagem, onde os espaços vegetados e a densa arborização de suas ruas sinuosas e inúmeras praças realçam a ambiência das edificações, caracterizando a adoção do modelo da cidade-jardim inglesa na capital gaúcha. Pela qualidade e harmonia do seu espaço aberto e construído, a Vila do IAPI é hoje reconhecida como patrimônio cultural de Porto Alegre.
10/09/2011		Luiz Merino de F. Xavier	Rua Duque de Caxias, seguindo pela Rua Riachuelo, destacando os prédios tombados, Igreja das Dores, Usina do Gasômetro, e encerrando com um breve passeio de Aeromóvel.
24/9/11	Asilo Padre Cacique e Hospital São Pedro	Cláudio Calovi Pereira	Visitação a dois importantes prédios da época do Brasil Imperial, que foram projetados pelo arquiteto Álvaro Nunes Pereira: o Asilo Padre Cacique e Hospital São Pedro.
8/10/11	Trilha do mito fundador gaúcho	Nivaldo Pereira	Praça da Matriz, Catedral Metropolitana, Palácio Piratini, Theatro São Pedro, Assembléia Legislativa, Memorial do RS e Marco Zero (Prefeitura). Esta caminhada a pé pelo Centro Histórico de Porto Alegre pretende investigar, em importantes edificações e monumentos, aspectos que revelem o universo de crenças partilhadas pelos gaúchos em um imaginário coletivo. Trata-se de uma leitura simbólica, e até psicológica, a partir de elementos históricos, valendo-se do conceito de mito fundador como um vínculo interno com o passado como origem, construindo uma crença mais ampla e real no presente. Aspectos históricos como a religiosidade missioneira, o militarismo e o ideário positivista estão na rota de fundação de "um jeito de ser gaúcho" e na base de uma cultura das mais peculiares do Brasil. Esta caminhada pretende refletir sobre o presente a partir de um possível mito de origem do Rio Grande do Sul.

29/10/11	Cais Mauá	Helton Estivalet Bello	Construído sobre um aterro que ampliou a extensão do Centro Histórico, o novo equipamento urbano é uma das grandes obras de modernização da cidade no início do século XX, potencializou o crescimento econômico de Porto Alegre e do Estado e redesenhou a interface da cidade com o Guaíba. A arquitetura do Pórtico Central e Armazéns utilizou estruturas pré-fabricadas em ferro fundido importadas da Europa, tecnologia inovadora na época e um dos motivos do tombamento federal e municipal do conjunto.
12/11/11	O Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre	Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior	O Museu integra o Programa Monumenta, e evoca a presença, a memória, o protagonismo social e cultural dos africanos e descendentes no Centro Histórico, cuja pesquisa histórico-antropológica indicou os lugares vivenciados pelos negros, a fim de elaborar objetos de arte representativos, como no Cais do Porto e antigos Acoradouros; no Largo da Quitanda (Praça da Alfândega); no Pelourinho (Igreja das Dores); no Largo da Força (Praça Brigadeiro Sampaio) e Esquina do Zaire (Av. Borges de Medeiros com Rua dos Andradas). No entorno, a partir das redes de relações sociais dos negros cativos e livres, temos a Igreja da Nossa Senhora do Rosário, o Mercado Público e a Santa Casa de Misericórdia, a Colônia África e o Areal da Baronesa.
26/11/11	Cemitério da Santa Casa e Cemitério Evangélico	Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho	

Fonte: Elaborado pela autora (2011) a partir site oficial da ação Viva o Centro a Pé, entrevista com Liane Klein (2011) e dados coletados em periódico Correio do Povo.

ANEXO B – Roteiros especiais / comemorativos.

Data	Nome do Roteiro	Professor	Roteiro
31/10/07 (quarta-feira)		Cláudio Calovi Pereira	Edição Feira do Livro
7/11/07		Cláudio Calovi Pereira	Edição Feira do Livro
13/9/08	Centro Alto e "Circuito de Arte Urbana"	Renato Holmer Fiore	Rua Marechal Floriano, Rua Coronel Fernando Machado, Avenida Borges de Medeiros, Viaduto Otávio Rocha, Rua Duque de Caxias, Praça da Matriz, Solar dos Câmara (com interiores), Theatro São Pedro (com interiores) e Biblioteca Pública (com interiores). Encerramento no Caminho do Livro.
9/1/10			Praça Daltro Filho, Cine Capitólio, Viaduto Otávio Rocha, Museu Júlio de Castilhos, Catedral Metropolitana (Visitação Interna), Palácio Piratini, Palácio Farroupilha, Theatro São Pedro, Monumento a Júlio de Castilhos, Palácio da Justiça, Memorial do Ministério Público e Biblioteca Pública do Estado. Saída: Serviço de Atenção ao Turista (SAT) da Linha Turismo (Travessa do Carmo, nº84, bairro Cidade Baixa).
23/1/10	Rua da Praia	Peterson Rangel Brum	Rua da Praia - Centro Cultural Usina do Gasômetro, Praça Brigadeiro Sampaio, Área Militar (Marinha, Brigada e Quartel), Museu Militar, Casa de Cultura Mario Quintana e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Visitação interna na Igreja Nossa Senhora das Dores. Saída: SAT Usina do Gasômetro.
6/2/10		Gabriela Boesel	Mercado Público, Praça XV de Novembro, Chalé da Praça XV, Fonte Talavera de La Reina, Paço Municipal, Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo, Praça da Alfândega, Santander Cultural, Margs e Memorial do Rio Grande do Sul. Visitação interna no Memorial do Mercado Público. Saída: SAT Centro Histórico
27/2/10		Gabriela Boesel	Confeitaria Rocco, Praça do Portão (Conde de Porto Alegre), Santa Casa de Misericórdia, Praça Dom Feliciano, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Museu da História da Medicina, Hospital Beneficência Portuguesa, Colégio e Praça do Rosário. Visitação interna no Museu da História da Medicina. Saída: Praça Conde de Porto Alegre (antiga Praça do Portão), localizada entre as ruas Duque de Caxias e Riachuelo.
8/1/11	Redenção	Josse Cristiane Weingartner	Monumento ao Expedicionário, Espelho d'água, Recanto Alpino, Recanto Oriental, Orquidário, Mini Zôo entre outros. Visitação Interna Indicada: Museu da UFRGS – exposição sobre o bairro Bom Fim (a confirmar). Local de Saída: Centro de Informações Turísticas (CIT) do Mercado do Bom Fim.
22/1/11	Centro Alto	Peterson Rangel Pacheco Brum	Viaduto Otávio Rocha, Praça da Matriz e prédios do entorno. Local de Saída: Caminho dos Antiquários.

19/2/11	Cidade Baixa	Peterson Rangel Pacheco Brum	O trajeto prosseguirá pela Praça dos Açorianos, Monumento Mãe Bebê, Instituto Pão dos Pobres, Travessa dos Venezianos, curiosa ruela de casas populares e arquitetura açoriana remanescente, e Museu Joaquim José Felizardo. Local de Saída: Caminho dos Antiquários.
26/2/11	Território Negro	Peterson Rangel Pacheco Brum e Pedro Rubens Ferreira Vargas	Lago Zumbi dos Palmares (líder da resistência negra conhecida por Quilombo dos Palmares), Museu Joaquim José Felizardo (historiador e criador da Secretaria de Cultura), Ginásio de Esportes Osmar Fortes Barcelos (conhecido como Tesourinha, foi o primeiro jogador negro a vestir o uniforme do Grêmio Football Clube em 1952), seguindo até o Centro Municipal de Cultura e Lazer Lupicínio Rodrigues (cantor e compositor de samba na década de 50 e que residiu no bairro Cidade Baixa). Local de Saída: Com saída às 10h da sede da SMTUR
28 de setembro de 2011 - Edição Especial (quarta-feira)	110 anos do Paço Municipal	Dóris Saraiva de Oliveira	História dos 110 anos do Paço dos Açorianos, destacando os aspectos de sua arquitetura, bem como da obra de restauração concluída em 2003, com apresentação em power point.

Fonte: Elaborado pela autora (2011) a partir site oficial da ação Viva o Centro a Pé, entrevista com Liane Klein (2011) e dados coletados em periódico Correio do Povo.

ANEXO C – Formulário virtual da Pesquisa de Perfil do Participante

Pesquisa do Perfil de Participantes do Viva o Centro a Pé	
<p>Prezado Participante,</p> <p>O Viva o Centro a Pé há mais de quatro anos desenvolve suas atividades com grande participação da comunidade e de visitantes. Esta pesquisa objetiva conhecer o perfil destes participantes, obtendo dados importantes para futuras ações de planejamento. Os nomes dos participantes da pesquisa não serão divulgados.</p> <p>A sua colaboração é muito importante para o sucesso desta pesquisa, que integra o projeto de dissertação de Mestrado Educação e Turismo Cultural: "Viva o Centro a Pé" (Porto Alegre/ RS – 2007 – 2011), que desenvolvo no Programa de Pós-graduação em Educação da PUCRS.</p> <p style="text-align: center;">Carina Abreu carina.abreu@acad.pucrs.br</p>	
Nome Completo *	
<input type="text"/>	<input type="text"/>
First Name	Last Name
E-mail *	
<input type="text" value="ex: myname@example.com"/>	
Sexo: *	
<input type="text" value=""/> ▼	
Idade: *	
<input type="text"/>	
Local de residência: *	
<input type="radio"/> Porto Alegre	
<input type="radio"/> Grande Porto Alegre	
<input type="radio"/> Rio Grande do Sul	
<input type="radio"/> Outros estados do Brasil	
<input type="radio"/> Exterior	
Profissão: *	
<input type="text"/>	

Como conheceu o Viva o Centro a Pé? *

- Jornal
- E-mail cadastrado
- Site
- Amigos / Familiares
- Informações Turísticas
- Other

Quantas vezes já participou? *

- 1 vez
- 2 vezes
- 3 vezes
- 4 vezes
- 5 vezes ou mais

Com quem faz a caminhada? *

- Vou sozinho
- Amigos
- Família
- Other

Por que buscou essa atividade? Qual sua motivação? *

Como avalia os roteiros / caminhadas? *

- Excelente
- Muito Bom
- Bom
- Regular
- Fraco

Como avalias os professores que orientam as caminhadas? *

- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Fraco

Como avalias a organização das caminhadas? *

- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Fraco

Qual o órgão responsável pela realização do Viva o Centro a Pé? *

Tens sugestões ou comentários sobre o Viva o Centro a Pé?

Submit Form